

PHARMAKON Digital

REDE TYA DO CAMPO FREUDIANO - RED TYA DEL CAMPO FREUDIANO



IMAGENS E INTOXICAÇÕES



Equipe Editorial:

Diretora:

Elisa Alvarenga

Editora em português:

Maria Wilma de Faria

Equipe editorial:

Oscar Reymundo, Cassandra Dias,
Maria Célia Kato, Márcia Mezêncio

Editor em espanhol:

Darío Galante

Equipe editorial:

Raquel Vargas, Pablo Olivero, Maximiliano Zenarola,
Liliana Aguilar, Marcos Fina e Miriam Pais.

Consultores:

Judith Miller

Ernesto Sinatra

Fabián Naparstek

Antonio Beneti

Jésus Santiago

Criação, desenvolvimento e editoração:

Bruno Senna

Editoração e revisão estrutural:

Marcelo Magnelli

IMAGENS E INTOXICAÇÕES
SETEMBRO 2015 - Volume nº1

EDITORIAL	4
A época e o Tonel das Danaides <i>Mauricio Tarrab (Buenos Aires, Argentina)</i>	7
A responsabilidade do toxicômano <i>Francisco Paes Barreto (Belo Horizonte, Brasil)</i>	14
A Metástase do Gozo <i>Fabian Naparstek (Buenos Aires, Argentina)</i>	21
Entrevista a Ernesto Sinatra <i>(Buenos Aires, Argentina)</i>	27
Entrevista a Antonio Beneti <i>(Belo Horizonte, Brasil)</i>	34
Entrevista a Juan Pablo Mollo por Dario Galante <i>(Buenos Aires, Argentina)</i>	39
Interview with Juan Pablo Mollo <i>(Buenos Aires, Argentina)</i>	39
Uma instituição para desembaraçar os modos de recuperação do gozo do Outro <i>Musso Greco, Marcelo Bizzotto, Luís Fernando Couto, Pedro Braccini Pereira, Pedro Castilho, Ana Elisa Maciel (Belo Horizonte, Brasil)</i>	43
Imagem intoxicante na adolescência contemporânea <i>Vinicius Carossi, Raimundo Jorge Mourão (Belo Horizonte, Brasil)</i>	46
O virtual e o real, seguirão sendo diferentes? <i>Gustavo Dessal (Madrid, Espanha)</i>	50
Um bem-estar indescritível <i>Jean-Marc Josson (Bruxelas, Bélgica)</i>	53
O ilimitado <i>Benjamin Silva (Santiago, Chile)</i>	56
Toxicomanias: "O Império do Silêncio" <i>Lenita Bentes (Rio de Janeiro, Brasil)</i>	59
A felicidade do surfista <i>Jorge Castillo (Córdoba, Argentina)</i>	62
Um furo no discurso universal, o socielo e a insubordinação sexual na toxicomania <i>Renato Carlos Vieira (Vitória, Brasil)</i>	65
O tóxico da imagem <i>Silvina Rago (Buenos Aires, Argentina)</i>	68
Cicatriz, pseudônimo de um avatar, nome de um real <i>Eric Taillandier (Rennes, França)</i>	71
Serafim em seu espelho <i>Marcos Fina (Buenos Aires, Argentina)</i>	75
O Retorno da tatuagem <i>Jazmín Torregiani (Buenos Aires, Argentina)</i>	77
A drogadicção e o poder da imagem <i>Durval Mazzei (São Paulo, Brasil)</i>	79

Doistoievski e sua teoria do gentleman <i>Luis Iriarte (París, Francia)</i>	82
Sexo, Drogas e Rock'n Roll no Século XXI <i>Felipe Barreto Nery Coutinho (Juiz de fora, Brasil)</i>	85
On line e o fast time: o que é ser toxicômano hoje? <i>Giovanna Quaglia (Brasília, Brasil)</i>	88
Algumas reflexões sobre os métodos em voga para curar as adições <i>Pierre Sidon (Paris, França)</i>	91
Instituições Intoxicantes <i>Martín S. Fuster (Buenos Aires, Argentina)</i>	93
Estéticas do Consumo: A arte, entre a verdade e o real <i>Miriam Pais (Buenos Aires, Argentina)</i>	97
Dylan Thomas: apaixonado pelas palavras e o álcool <i>Luis Darío Salamone (Buenos Aires, Argentina)</i>	98
Dallas Buyers Club (Clube de compras Dallas) no Império das Imagens <i>Cassandra Dias Farias (Belo Horizonte, Brasil) e Maria Wilma S. de Faria (João Pessoa, Brasil)</i>	101
Lucy: in the Sky, but without Diamonds <i>Elvira Dianno (Santa Fé, Argentina)</i>	104
Shame : Adição ao sexo, imagens e feminilidade <i>Nicolás Bousoño (Buenos Aires, Argentina)</i>	107
A relação da formação perversa ao desenvolvimento do juízo de realidade <i>Edward Glover (Londres, Inglaterra)</i>	111
Lacan, Glover, a toxicomania e a drug addiction <i>Claudio Spivak (Buenos Aires, Argentina)</i>	125
Uma compulsão escravizante <i>Marcela Almanza (Cidade do México, México)</i>	128
A chave do armário dos tóxicos <i>Nadine Page (Bruxelas, Bélgica)</i>	131
Toxicomania, um estado transitório: na teoria e na prática da psicanálise <i>Leonardo Duarte Scofield (Florianópolis, Brasil)</i>	134



EDITORIAL

Pharmakon Digital, Revista da Rede TyA do Campo Freudiano continua, agora de maneira eletrônica, a série de 13 números de sua publicação em papel. Iniciada em 1994 com seu primeiro número publicado em Buenos Aires por Mauricio Tarrab e Ernesto Sinatra, logo foi publicada no Brasil, sob a direção de Jésus Santiago e depois novamente em Buenos Aires, editada por Luis Salamone.

Devemos fazer um agradecimento especial a Judith Miller, que tem sustentado e impulsionado o trabalho da Rede TyA desde o ano de 1992, a partir de uma primeira reunião informal em Caracas. Judith confiou, apoiou e sustenta, ombro a ombro com os diferentes responsáveis e participantes da Rede TyA, um trabalho intenso e decidido desde o Campo Freudiano para fazer existir, na América e na Europa, a resposta singular que a Psicanálise de Orientação Lacaniana pode dar ao tema das toxicomanias. Judith Miller apoiou também fortemente as edições em papel de **Pharmakon**.

Em novembro de 2014, por ocasião do I Encontro da Rede de Toxicomania e Alcoolismo (TyA) Brasil, quando Mauricio Tarrab nos propôs que a Revista **Pharmakon** viesse a ser editada no Brasil e ainda, que se tornasse *on line* e tivesse o formato bilingue, não sabíamos ao certo o tamanho do desafio que nos espreitava. Em um trabalho decidido a seis mãos, fomos tecendo com cuidado e rigor o formato desta que hoje temos o prazer de apresentar-lhes.

Pharmakon é uma realidade!! Uma realidade virtual. Uma nova edição de **Pharmakon** se oferece aos leitores. Desta vez, ao ritmo dos tempos que correm, em formato digital. Através de seus textos, vocês podem encontrar as marcas do que tem sido a elaboração do trabalho sustentado pela Rede TyA, em consonância com a política do Campo Freudiano e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Mauricio Tarrab, Presidente da Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana (FAPOL) nos lembra as palavras de Jacques-Alain Miller: “Não há clínica do sujeito sem clínica da civilização”. Transformar a Revista da Rede TyA do Campo Freudiano em uma Revista virtual é acompanhar os passos da civilização e tornar o trabalho da Rede TyA visível e legível para qualquer um, em qualquer lugar de nosso mundo globalizado.

A psicanálise é uma presença indiscutível para aqueles praticantes que se animam, e há que ressaltar que são cada vez mais numerosos, a disponibilizar sua escuta àqueles sujeitos que cruzaram com a droga em suas vidas. Estamos na incômoda posição de apostar contra o impossível, frente à projeção de uma civilização sem sujeito, movida pelos imperativos da técnica e do mercado, que dão lugar a múltiplas adições. Fazemos uma aposta na responsabilidade do sujeito toxicômano, não obstante o apelo ao gozo que faz da toxicomania o paradigma da época em que vivemos. Neste ponto nossa prática cruza com a clínica do corpo falante - que vem substituir-se ao inconsciente freudiano - tema do próximo Congresso da AMP.

O Colóquio: “Adições de nosso tempo: variações do gozo contemporâneo” que se realizará às vésperas do VII ENAPOL (Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana), sobre o tema “O Império das

Imagens” é o marco privilegiado para lançarmos o primeiro número de **Pharmakon Digital**, sobre “Imagens e Intoxicações”, cujos textos temáticos versam sobre adições de todos os tipos: às drogas, à comida, ao consumo capitalista, a internet, à televisão, às intervenções sobre o corpo, ao sexo, à pornografia, ao jogo etc.

O trabalho sustentado na Rede, durante mais de duas décadas, nos permite falar sobre como entendemos a clínica das toxicomanias, suas aporias e suas saídas possíveis. Ernesto Sinatra, em sua entrevista, nos fala de suas últimas investigações e nos convida a verificar a eficácia de nossos conceitos na época do Não-todo, que chamamos de feminização do mundo. Antonio Beneti, por sua parte, nos convida a não retrocedermos frente à clínica das toxicomanias, como, há 50 anos, não retrocedemos frente à clínica das psicoses, e avançamos muito. Diante das tentativas de um certo discurso religioso, o mesmo que quer regulamentar a psicanálise no Brasil e tratar as toxicomanias em comunidades terapêuticas, a psicanálise oferece uma desintoxicação dos discursos estabelecidos para fazer emergir o singular de cada um.

Neste número oferecemos ao leitor, além das Conferências, Entrevistas e Contribuições temáticas, algumas Seções que poderão apresentar-se de forma efetiva ou itinerante em nossa Revista. Uma das novas Seções põe no centro da cena um debate sobre um termo muito associado, no âmbito político e social, ao mundo das drogas: a adolescência. Palavra misteriosa, por momentos obscura, aplicada a múltiplas formas, que gera múltiplas discussões que nem sempre se orientam da melhor maneira.

A Seção Estéticas do Consumo nos mostra como a cultura, através do cinema, da literatura e da arte em geral, tomam a dianteira e propõem debater abertamente o lugar das drogas em nossa sociedade.

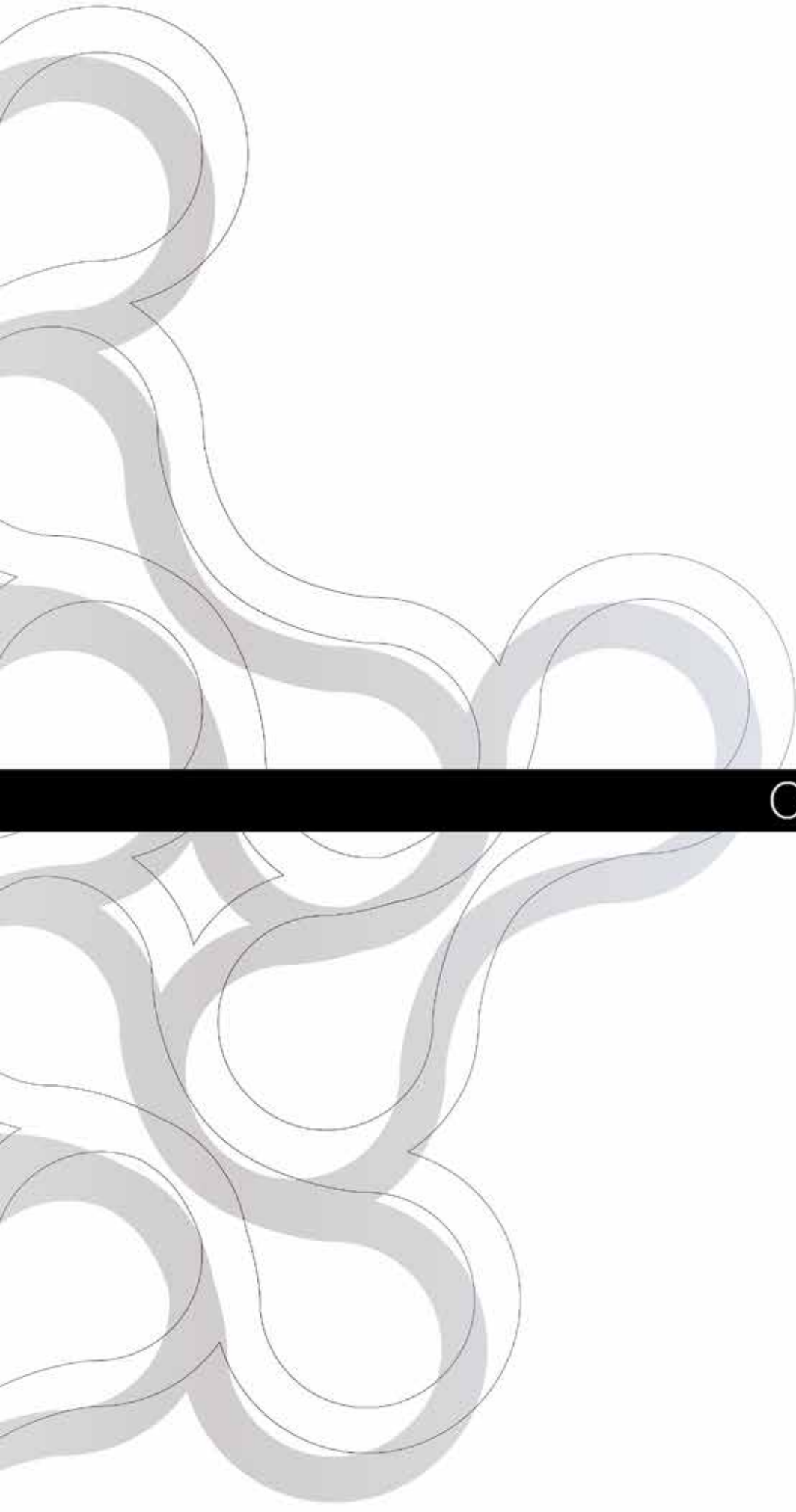
E finalmente, na Seção Clássicos, temos um texto da literatura analítica que foi uma referência para Lacan em relação às toxicomanias, comentado por quatro colegas de diferentes Escolas, que fazem valer a atualidade desta leitura para nossa prática.

Um agradecimento também a Mauricio Tarrab, que fez uma aposta em **Pharmakon Digital** em duas línguas, promovendo assim uma conversação entre as três Escolas da FAPOL, que estende seus braços para toda a AMP. Agradecemos a Marcelo Veras, que fez uma aposta em TyA Brasil e nos brindou com os meios para começar nossa Revista e também a Bruno Senna, nosso Web Designer, sempre pronto ao trabalho junto a nós, e a Marcelo Magnelli. Agradecemos, finalmente, a todos os autores, aos tradutores e aos que participaram com entusiasmo e boas ideias do trabalho de elaboração deste primeiro número da Revista.

Pharmakon Digital já está em marcha... Convidamos você, querido leitor, a desfrutá-la!

Dario Galante (Buenos Aires, Argentina), Maria Wilma de Faria (Belo Horizonte, Brasil) e Elisa Alvarenga (Belo Horizonte, Brasil)

Setembro de 2015



CONFERÊNCIAS

A época e o Tonel das Danaides¹

Our time and the Barrel of the Danaids

Mauricio Tarrab (Buenos Aires, Argentina)²

Resumo: Há algo incalculável na relação de um sujeito com o gozo potencializado pela intoxicação. Tocar o gozo do sujeito e fazê-lo falar é um norteador ético. A prática nos ensina a “encontrar para alguém, o artifício do significante justo, a nomeação precisa ou um arranjo mais pacífico com o gozo”.

Palavras-chave: Gozo, clínica das toxicomanias, singular.

Abstract: There's something impossible to calculate in the relationship of the subject with jouissance, potentially intoxicating. To touch the jouissance of the subject and to make him talk is an ethical compass. The practice teaches us “to find, for someone, the artifice of the good signifier, the precise nomination or an arrangement more peaceful with jouissance”.

Keywords: jouissance, clinic of drug addictions, singular.

UM PONTO DE PARTIDA

Vim muitas vezes a Belo Horizonte e fico alegre em voltar a cada vez. Esta ocasião me faz recordar a primeira vez que vim aqui. Quero evocá-la porque representou um ponto de início, um ponto de partida para um intercâmbio, uma interlocução que hoje se mantém e que continua com este I Encontro da Rede Toxicomania e Alcoolismo (TyA) Brasil. A primeira vez que estive aqui foi em uma Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania (CMT), em 1998, onde conheci amigos que estão aqui hoje. Nesta época, TyA era um grupo reduzido que dava um seminário na sede da EOL e que era escutado com bastante desconfiança já que se ocupava de um tema estranho ao desenvolvimento e tradições da psicanálise e do lacanismo da época. Não exagero quando digo que eu e Ernesto Sinatra éramos vistos com estranheza por dizer que a psicanálise deveria se ocupar destes temas. Não éramos os primeiros a fazê-lo já que o GRETA³ na França, com o trabalho dos colegas Hugo Freda e Bernard Lecoeur nos antecederam. Recebemos então o apoio de J.-A. Miller que de um modo surpreendente confiou que tínhamos algo a dizer e a contribuir para a Psicanálise de Orientação Lacaniana no tema das Toxicomanias e Alcoolismo. Também a decidida e decisiva intervenção de Judith Miller que acolheu esta iniciativa no Campo Freudiano, acompanhando-a desde o começo, nos possibilitou nos vincularmos a iniciativas similares que em outras cidades começaram a se desenvolver. Uma dessas iniciativas, que naquele momento inaugurou este intercâmbio a que me refiro, foi o trabalho que se desenvolvia no Brasil, aqui, em Belo Horizonte, e que é anterior à fundação da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Aquela jornada do CMT me permitiu conhecer de perto o que faziam Fernando Grossi, que logo tomou outro caminho, Jésus Santiago, Antônio Beneti, Maria Wilma Faria, Lenita Bentes, Elisa Alvarenga... discretas reticências me permitem indicar todo o trabalho que muitas pessoas vêm realizando desde aquele momento. Ocasões como esta nos permitem ter esta perspectiva.

Hoje o contexto destes Encontros é outro. Os pequenos grupos do Campo Freudiano há alguns anos, estão enlaçados em uma Rede Internacional, que tem o nome TyA, e que constitui uma referência inevitável nestes

¹ Conferência de abertura do I Encontro da Rede Toxicomania e Alcoolismo (TyA) Brasil realizado em Belo Horizonte/ MG no dia 20/11/2014 cujo título foi “Adicções, corpo, violência: o que está em jogo hoje?”.

² Psicanalista. Presidente da Federação Americana de Política de Orientação Lacaniana (FAPOL). Membro da Escuela de Orientacion Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Analista da Escola (AE) no período de 2006 a 2009. Analista Membro de Escola (AME) pela EOL.

³ GRETA (Grupo de pesquisas e de estudos sobre toxicomania e alcoolismo no Instituto do Campo Freudiano).

tempos nos quais a dimensão que o tema tem cobrado na atualidade demonstra aos psicanalistas que não há como olhar para o outro lado. Desde o Bureau⁴ da FAPOL que presido desde abril de 2014, queremos celebrar a criação da Rede TyA Brasil que é uma iniciativa que se concretiza agora. Este Primeiro Encontro TyA Brasil demonstrará o modo que se pensa a abordagem das toxicomanias hoje, no contexto brutal do presente e demonstrará também os resquícios pelos quais o psicanalista pode penetrar nesse muro de silêncio de uma prática, a intoxicação, que no século XXI será cada vez mais virulenta, mais generalizada e mais oferecida a respostas sociais e intervenções “terapêuticas” que desconheçam o valor da linguagem, apesar de suas limitações. Alegro-me então, de abrir o Primeiro Encontro da Rede TyA Brasil e agradeço o convite e a oportunidade de fazê-lo.

“... UMA VEZ QUE SE ENTRA, NÃO SE SABE ATÉ ONDE SE VAI”

Havia pensado em dividir o que quero dizer em relação a duas frases. Uma delas, de Lacan no Seminário 17, e a outra frase que escutei de J.-A. Miller em uma ocasião e que seguramente é parte de algum de seus cursos, ainda que minha memória não seja capaz de localizar em qual, o que não faz perder sua capacidade orientadora que tratarei de mostrar a vocês, que entenderão de imediato.

Começamos pela primeira referência que podem encontrar no Seminário 17⁵: “Não iremos falar do gozo assim. Já disse sobre ele o suficiente para que saibam que o gozo é o tonel das Danaides, e que uma vez que ali se entra não se sabe aonde isso vai dar. Começa com as cócegas e termina com a labareda de gasolina”. Se tomarmos esta indicação na perspectiva da clínica das toxicomanias, podemos orientar-nos na multiplicidade, na variedade, na complexidade dos problemas que abordamos.

NÃO COM CONDESCENDÊNCIA

Não se pode falar do gozo assim, com condescendência... Quero dizer, e é como leio esta advertência de Lacan, ou seja, não podemos meter-nos com o gozo pensando que isto não terá consequências. E a clínica o ensina de maneira franca em geral, mas especialmente quando se trata das drogas. Tocar este gozo, fazê-lo falar... que finalmente é o que queremos produzir. Não é tão fácil, e não gera só pequenas ondas, como qualquer interpretação o faz, às vezes gera tormentas. Não há maneira de meter-se com o gozo, “sendo condescendentes com ele”. Isso deve valer como advertência aos praticantes que às vezes entram ali “condescendentemente”. Toda caridade, todo resto de bondade, toda boa intenção cristã, receberá seu contragolpe feroz ao deparar-se na clínica com toxicômanos. “Não com condescendência” pode também querer dizer, que eles terão que arrancar esse gozo ao qual o sujeito está amarrado, e não será amavelmente. Não há maneira de se ter uma incidência nesta clínica se você vai procurando o consenso. Não há chances se você não tomar uma perspectiva pessimista e sabe que isto irá bem, só em alguns casos...

O GOZO É O TONEL DAS DANAIDES

4 O Bureau é composto por Mauricio Tarrab (Presidente), Flory Kruger (Vice Presidente), Jésus Santiago (Secretário) e Angelina Harari (Delegada para o Brasil).

5 LACAN, J. *O Seminário: livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992, p.68.

É uma interessante referência ligada ao que Lacan trabalha em relação à fuga do sentido, porém, agora, a respeito do gozo. No tonel do gozo, o Tonel das Danaides, o sentido se perde. Qualquer que seja este, ele fugirá irremediavelmente. Sua eficácia, a do sentido, está de antemão questionada, seu valor de laço fica anulado, suas significações possíveis que supõem o Outro, banalizadas. Vocês vêm que isto se aplica à prática que falamos aqui? Se o gozo é o Tonel das Danaides e está assim furado, não há maneira de ficar tranquilo aqui, de encontrar um lugar abrigado, senão que se deve saber que “uma vez que ali se entra não se sabe aonde isso vai dar”.

QUANDO SE ENTRA ALI NÃO SE SABE ONDE VAI DAR

Quando se entra ali não se sabe onde vai dar caracteriza bem o que temos localizado no encontro do sujeito com o gozo. Encontro cujas consequências são incalculáveis e cuja importância na clínica das toxicomanias é amplamente conhecida por quem realiza esta prática. O encontro com o gozo é incalculável em geral, e não se sabe nunca aonde vai dar, porque não se sabe nunca, ademais, o que será que poderá não digo deter, mas pelo menos desviar este gozo. No caso das toxicomanias este encontro inicial com o gozo da intoxicação faz ver muito bem o horizonte que assinala a frase que comento: “uma vez que ali se entra não se sabe aonde isso vai dar”. E como vocês sabem não se trata só do valor intoxicante da substância. Há algo incalculável na relação do sujeito com o gozo que o gozo da intoxicação potencia.

DAS CÓCEGAS À LABAREDA

É uma maneira de dizer de Lacan que me parece genial. Desde as cócegas que mostram bem a irrupção do gozo mesclado com o prazer, ou melhor, desde um prazer infiltrado discretamente de gozo, o que dá às cócegas um valor erótico, se pode chegar até um gozo descarnado, ou melhor, um gozo que não deixa mais chances do que a devoração, isto é, do que oferecer-se na labareda da fogueira à devoração. Um gozo que se realiza na própria devoração.

Isto já implica certo saber sobre este gozo, e finalmente, que há um cálculo que pode fazer-se sobre ele: isso termina mal. Não só não será com condescendência senão, que terminará mal!

Será que estou decidido a deprimi-los nesta linda manhã em Belo Horizonte? Não. Não é esta minha intenção, mas minha intenção é preocupá-los, ainda mais do que estão, preocupá-los mais além da preocupação que extraem vocês mesmos de sua prática com toxicômanos, e que faz com que estejam falando, assim como estou, e não com condescendência, desse gozo.

Falar desse gozo, neste caso, o gozo da intoxicação, não supõe que possamos encontrar-lhe um sentido, um sentido que seja sua causa, e tampouco termos a esperança de que a localização desse sentido permitirá a elucidação e a cessação deste gozo. Isso é o que fazemos com os sintomas freudianos. Porém aqui, estamos enfrentando uma dimensão do sintoma, como bem o sabem, onde não há sentido que seja sua causa. Trata-se do encontro incalculável e insensato do gozo, o corpo e o sujeito, fora de todo sentido, o que fica por cernir, perturbar, molestar, temperar.

Não se trata de encontrar um sentido em uma identificação recalcada ou em um ideal comunitário, senão de

produzi-lo a partir de um pedaço de gozo. É uma aposta contra a época, contra a marcha do mundo, contra a direção de uma cultura toxicômana.

E VOCÊ, O QUE É?

Vou agregar agora outra perspectiva para extrair algo mais desta frase de Lacan que comento e colocá-la em relação ao argumento do Encontro. “A polis constitui o cenário privilegiado onde se apresentam as multifacetadas expressões da subjetividade pós-moderna, entre elas o consumo abusivo de substâncias. Tribos heterogêneas, espaços demarcados, discursos múltiplos. Lado a lado com o delírio de homogeneização, a segregação e seus efeitos – um dos quais, a violência”.

A questão das “cócegas à labareda” não se joga somente no nível de cada um. Joga-se no cenário cultural. Um cenário dominado entre outras coisas pela violência. É empurrado também pelo cenário cultural que atravessa as diferentes camadas da sociedade, porém, faz um impacto brutal na pobreza.

Trata-se sem dúvida do preço de uma cultura que empurra **às mais variadas formas de gozo**, e que perdeu sua bússola, suas referências identificatórias. Que perdeu sua bússola a respeito, por exemplo, da questão do gênero e das identidades sexuais.

Recentemente na Argentina foi editada uma nova Lei de Identidade e de Gênero, que é uma lei de grande importância já que afronta o problema que meu amigo Ernesto Sinatra, em seu último livro “@s nov@s adi-t@s: a implosão do gênero na feminização do mundo”⁶ tem chamado de “a implosão do gênero”. Citando-o: “A lei da igualdade do gênero, permite a cada um corrigir sua identidade sexual, contrariando a que recebeu em seu organismo”.

Vê-se rapidamente como a intenção reguladora do legislador se espatifa contra o avanço desmesurado, desordenado em múltiplas direções, por exemplo, das redes sociais. Se vamos ao Facebook no “perfil” do usuário, o famoso “perfil”, existe a possibilidade de que cada um de nós, possa localizar-se quanto ao sexo, em uma classe. Porque todo mundo quer pertencer a uma classe e se faz mais necessário ainda pertencer a uma classe, para sustentar-se nesse mundo anônimo. Eleger entre dois sexos, é o tradicional. Porém agora o facebook oferece a possibilidade de localizar-se em cinquenta e duas categorias. E qualquer um de nós tem a possibilidade de eleger em seu perfil a que sexo ou gênero sexual considera que pertence: Feminino, Masculino, Andrógino, Andrógina, Trans, Trans Masculino, Trans feminino, Masculino trans, Homem trans, Mulher trans, Transexual, Travesti, Transgênero, Transgênero feminina, Transgênero masculino, Queer, Intersex, Intersexual, Nenhum, Neutro, Pansexual masculino, Pansexual mulher, Mulher, Homem, Lésbica, Gay, Assexual homem, Assexual mulher, Mulher bissexual, Homem bissexual, Poliamoroso, Poliamorosa, Mulher heterossexual, Homem heterossexual, Mulher homossexual, Homem homossexual, Puto, Caminhoneira, Traveca, Mulher heteroflexível, Homem heteroflexível, Lesboflexível, Cissexual masculino, Cissexual masculina, Cissexual feminina, Cissexual feminino, Cissexual homem, Cissexual mulher. E, talvez, haja outras apresentações que irão se agregando,

6 SINATRA, E. *@s nov@s adi-t@s: a implosão do gênero na feminização do mundo*. Tradução Flávia Cera. Desterro. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2013.

e que já tenham se agregado enquanto estamos aqui falando nesta manhã...Vê-se a aporia, a dificuldade que implica por um lado que “quando se entra ali, não se sabe aonde vai dar” e por outro, se vê que sobre o vazio que há entre os sexos, mas também sobre o vazio que há entre o sujeito e o sexo, e finalmente sobre o vazio que há entre o sujeito e o seu corpo, sobre isto, não se pode finalmente legislar, ainda que, eventualmente, para todos seja necessário nomeá-lo. Porque esse vazio há que nomeá-lo.

De fato esta explosão de categorias tem sempre seu reflexo na dinâmica dos grupos sociais. “Micro grupos”, “micrototalidades” que alojam uma pertinência possível vinculada a um modo de nomear como se goza” (Sinatra 2014). Nesta pretensão de pertencimento se vê uma tentativa de nomear esse vazio ineliminável, que não é senão o vazio que contém o Tonel das Danaides. Distintas correntes têm feito isso no tratamento dos toxicômanos: alcoólicos anônimos para começar, ex toxicômanos, ex alcoólatras, alcoólatras para toda vida, narcóticos anônimos, foram precursores. Não sei se aqui no Brasil existem os “Narcóticos Anônimos”. São grupos como os Alcoólicos Anônimos, porém, que consomem narcóticos. O interessante é que ao nomear-se como “Narcóticos anônimos”, em espanhol, o sujeito se reduz ao narcótico. Não sei se tem este sentido em português... Não só é anônimo senão que ademais, é um narcótico, um narcótico sem nome, que por nomear-se assim, tem um. O sujeito se reduz à substância. Um gozo que se realiza na própria devoração, como assinalava há alguns minutos. Porém, ao mesmo tempo nesse movimento mesmo, adquire um nome onde alojar seu gozo. As vezes é o único possível e não é pouco.

Estas “micrototalidades” testemunham o esforço por encontrar nessa comunidade uma pretensa “identidade de gozo”. Vê-se o paradoxo que implica uma pretensa “identidade de gozo” se pensarmos que o gozo é o mais singular e não pode homogeneizar-se e nem compartilhar-se. Mas, no entanto, localizar assim, dá um lugar, aloja algo desse anonimato. Mostrando o impossível e o necessário que é para o sujeito nomear o real do sexo. São formas deletérias de fazer um remédio no social ao que Lacan chamou “a função radical do Nome-do-Pai”. A função radical do Nome-do- Pai, “é essa que dá nome às coisas, que dá nome ao gozo”. A droga sem dúvida em alguns casos vai nesse lugar. As identidades deletérias que essas pequenas micrototalidades grupais oferecem, também. O que coloca muitos problemas clínicos para os psicanalistas... A intoxicação, podemos dizer de maneira forçada, a intoxicação que se deriva da identificação horizontal dos indivíduos em relação ao Ideal que comanda a psicologia das massas, é agora substituída por uma intoxicação, um gozo, que logo reclama uma identificação e o reconhecimento de uma forma de gozar.

O mundo mostra hoje o que a clínica nos apresenta no singular e em especial o que nos mostra a clínica das toxicomanias: que há que construir uma clínica mais além do *impasse* fálico. Este ***impasse fálico que faz de defesa contra o feminino*** e que os toxicômanos contornam com a intoxicação. O que se vê no estado atual da civilização é coincidente com uma grande parte dos problemas clínicos que enfrentamos.

Seguindo a orientação de J.-A. Miller, o que chamamos feminização do mundo implica em que não há solução universal, que não há resposta universal para o problema do gozo, nem para o problema do desejo. E nisto o feminino está tão próximo de uma solução singular. Não há soluções universais quer dizer para nós, que estamos no tempo do *sinthoma*.

“NÃO HÁ CLÍNICA DO SUJEITO SEM CLÍNICA DA CIVILIZAÇÃO”

Exploro nesta exposição uma aresta complexa, porém me oriento com a frase de J.-A. Miller à qual me referi no início e que foi mencionada por um colega em Córdoba há algumas semanas. Ela é: “Não há clínica do sujeito sem clínica da civilização”⁷. Formulada assim, é uma condição que se imprime à clínica psicanalítica. Uma condição de não se isolar do que ocorre a seu redor, tendo em conta o contexto que é complexo, às vezes mais, outras vezes menos. Mas também coloca a condição de que devemos fazer uma clínica da civilização. E isto é certamente muito mais complexo, em especial se nos exigimos não fazer uma sociologia psicanalítica, muito em moda à nossa volta ou fazer um reducionismo psicologizante, cuja sátira é pública e nos ridiculariza. Podemos nos abrir ao estudo das condições sociais para entender a influência da vida cidadã nas subjetividades, porém devemos evitar sociologizar a psicanálise ou psicologizar a complexidade social com leituras que são míopes. Sempre se corre um risco ao tomar esta perspectiva, porém já estamos acostumados a isto. Talvez seja por isso que o primeiro livro que TyA publicou, há vinte anos, possivelmente desconhecido para muitos, se chamou “Sujeito, Gozo e Modernidade”. Foi uma maneira, quase sem sabê-lo, naquele momento inaugural, de localizarmos a encruzilhada entre a clínica psicanalítica e a clínica da civilização, sem saber, todavia como fazê-lo. Agora, permitam-me, para terminar, retroceder a esta segunda frase que me orienta esta manhã: “Não há clínica do sujeito sem clínica da civilização”. Retrocedo para ver o aspecto mais atual da questão que creio estar no centro das reflexões que devemos sustentar. E retrocedo para formular uma pergunta: Há sujeito da clínica neste estado da civilização? E continuo com uma segunda pergunta: Há clínica psicanalítica sem sujeito?

Estas duas perguntas acertam no centro do estado das coisas gerais de nossa época, porém também no centro do que a clínica das toxicomanias nos ensina. Durante muito tempo situamos a particularidade de nossa clínica na produção, e indo mais longe, na invenção do sujeito. Isto é finalmente o que o analista produz ao produzir o inconsciente. O sujeito como resposta do Real tem sido a base de nossa aposta no terreno das toxicomanias. E pelo que li dos trabalhos que Maria Wilma Faria me enviou, e que serão apresentados nesta manhã, estes apontam nesta direção. Às vezes funciona e produz efeitos impensados. Muitas vezes não, porém isto não nos impede de insistir.

Agora, a questão se agrava e se generaliza quando já não é só pelo efeito das drogas que o sujeito é questionado. No capítulo da série South Park - série que devem conhecer, onde se relatam as aventuras de um bando de pequenas crianças que retratam seu mundo de maneira implacável e com uma lucidez que faz estremecer - um deles deve se enfrentar com uma situação impensada em seu computador. Seu “perfil” que supostamente o representa em alguma das redes sociais, se “independiza”. Não vou relatar as vicissitudes desopilantes que se desenvolvem, mas finalmente, depois de muitas aventuras, ele e seu Perfil se enfrentam cara a cara, ou cara e imagem, ou imagem a imagem! E ele recebe a seguinte pergunta: “Mas, de que se queixa? O que é finalmente mais importante? Você ou seu perfil?”.

As condições atuais projetam uma civilização sem sujeito. Ali, nossas armas da palavra e da linguagem se

vêm novamente questionadas a um nível dramático. A prática não só nos ensina a limitação de nosso ato, senão que nos mostra também, como se pode, sem otimismo vão, encontrar para alguém, o artifício do significante justo, a nomeação precisa ou um arranjo mais pacífico com o gozo. Artifício, nomeação, ou arranjo... sempre com algo de provisório, de precário, porém que às vezes funciona e que põe o sujeito em seu lugar.

Como analistas estamos na incômoda posição de apostarmos contra o impossível. A outra opção é nos demitirmos, como faz o Pai na atualidade e irmos para casa para que a televisão nos mire ou para que o Perfil nos diga quem somos...

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Oscar Reymundo

A responsabilidade do toxicômano¹

The responsibility of the drug addict

Francisco Paes Barreto (Belo Horizonte, Brasil)²

Resumo: A questão da responsabilidade do toxicômano é abordada em diversas concepções: (1) quando se considera que a droga é o problema, ou (2) a toxicomania como uma doença, ou (3) a toxicomania como um crime ou transgressão moral, ou (4) a toxicomania como um modo de gozo.

Palavras-chave: concepções de toxicomania, responsabilidade do toxicômano.

Abstract: The question of the responsibility of the drug addict is addressed in various approaches: (1) when it highlights the drug itself as a problem or (2) drug addiction as a disease or (3) drug addiction as a crime or moral transgression or (4) drug addiction as a jouissance mode.

Key words: approaches of drug addiction, responsibility of the drug addict.

INTRODUÇÃO

Desde a Grécia Clássica, duas questões fundamentais cercam o uso de drogas e aguçam as discussões sobre o tema.

A primeira concerne à natureza da substância consumida. Trata-se de um remédio ou de um veneno? A palavra grega *pharmakon* significa tanto uma coisa como outra. Polissemia que se repete na própria palavra da língua portuguesa, **droga**. Questão intrincada, só no século XVI é resolvida pela fórmula de Paracelso que pode ser considerada um princípio fundamental da farmacologia: “O veneno é a dose”³.

Outro dilema incita os gregos: o problema é o vinho ou quem o consome?

Penteu, rei de Tebas, proíbe severamente o uso de vinho, procura encarcerar todas as mulheres que caem sob seu efeito e tenta capturar o deus Baco. Tirésias aconselha Penteu a não se opor a um deus; se um deus traz vinho, é preciso acreditar nele.

A posição de Platão é mais elaborada. No diálogo “*As Leis*”, propõe que se proíba aos jovens provar o vinho até a idade de 18 anos. Até os 30 anos a lei prescreve que o homem prove o vinho com moderação. E após os 40 a lei permitirá nos banquetes invocar todos os deuses, como remédio para o rigor da velhice⁴.

Com um giro de mais de 2000 anos a pergunta se reapresenta. O problema é a droga ou quem a consome? Cumprido considerar, ainda que de forma sucinta, algumas respostas que a cultura atual oferece.

O PROBLEMA É A DROGA

Uma primeira resposta: *o problema é a droga*. Perspectiva que constrói, no mundo inteiro, prodigioso aparelho de repressão, com altíssimo custo em termos de dinheiro, atores, vidas, instituições. O combate ao narcotráfico, com todo esse dispêndio, apresenta os resultados que são do conhecimento de todos e que talvez

¹ Texto da conferência de abertura da XXV JORNADA DO CENTRO MINEIRO DE TOXICOMANIA, realizada em Belo Horizonte, de 01 a 03 de dezembro de 2014, tendo como tema *A responsabilidade nas toxicomanias*.

² Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) e Analista Membro da Escola (AME) da Escola Brasileira de Psicanálise.

³ Paracelso. *In*: Wikiquote, a coletânea de citações livre.

⁴ Naparstek F. y colaboradores. *Introducción a la clínica con toxicomanias y alcoholismo*. Buenos Aires, Grama, 2006; p. 14

possam ser resumidos com uma anedota de que Freud tanto gosta.

Um agente de seguros ateu está à morte. A família convoca um padre para uma última tentativa. Os dois se fecham no quarto e mantêm longa conversa. Ao sair, a família interpela o padre. Ele nada conseguiu, mas foi convencido a comprar uma apólice de seguros⁵.

Com efeito, o narcotráfico tem se revelado uma Hidra de Lerna: dragão mitológico com sete cabeças de serpente e hálito mortal; quando se corta uma cabeça, duas nascem em seu lugar. E o insucesso do combate ao tráfico não se deve à ineficácia do aparelho repressivo, mas à falsa premissa que o sustenta.

Um perito da Unidade de Inteligência Criminal da *Scotland Yard* apresenta 10 razões para a legalização das drogas, que devem ser atentamente examinadas:

Enfrentar os reais problemas. A proibição é cortina de fumaça para mascarar fatores sociais e econômicos que levam pessoas a usar drogas. A maior parte do uso ilegal é recreacional, sendo que a pobreza e o desespero estão na raiz do uso problemático da droga.

Eliminar o mercado do tráfico. O mercado de drogas, atualmente, representa a demanda de milhões de pessoas com lucros de muitos bilhões de dólares. A proibição cria um vazio preenchido pelo crime organizado e pelo comércio desregulado.

Reduzir drasticamente o crime. A proibição eleva consideravelmente o preço da droga, motivo pelo qual usuários dependentes recorrem ao roubo para conseguir dinheiro. A maior parte da violência ligada à droga é causada por sua ilegalidade. A legalização baixaria os preços, regularia o comércio e desoneraria o Judiciário, os presídios e a polícia.

Reverter o aumento dos usuários. Mesmo com a proibição, cada vez mais pessoas usam drogas e cada vez mais cedo, o que é um dos indicadores de que essa política não funciona.

Veicular informações precisas e investir na educação. Há muita desinformação, muito preconceito e muitos mitos a respeito do uso de drogas. A legalização poderia ser introduzida juntamente com informações mais precisas e orientações mais abertas, além de priorizar a educação e a prevenção.

Tornar o uso da droga mais seguro. A proibição conduz à estigmatização e à marginalização do usuário, com maior isolamento social, aumento da delinquência e contágio por infecções graves. A legalização, por seu turno, poderia enfatizar as políticas de redução de danos.

Restaurar direitos e responsabilidades. A proibição criminaliza desnecessariamente milhões de pessoas que, não fosse isso, seriam obedientes às leis. Além do mais, põe a responsabilidade da distribuição de drogas nas mãos de traficantes violentos e inescrupulosos. A legalização poderia promover distribuição cuidadosa e regulada, com expedientes para proteger os mais vulneráveis.

Reduzir o preconceito racial. As pessoas da raça negra correm 10 vezes mais risco de serem presas por uso de drogas. A legalização removeria prisões discriminatórias.

Sanear o mercado global. O mercado de drogas representa 8% de todo o comércio mundial, cerca de 600 bilhões de dólares anos. Países inteiros caem sob sua influência corruptora. A legalização jogaria dinheiro na

5 Freud S. A questão da análise leiga (1926). ESB, v. XX, Rio de Janeiro, Imago, 1976; p. 258.

economia formal, geraria empregos e impostos e reduziria a corrupção.

Implantar uma política eficaz. A legalização deve ser feita com cuidado e não é cura para tudo, mas é chegada a hora de uma política pragmática e eficaz, que permita encarar os problemas criados pelo uso da droga e os problemas criados pela proibição⁶.

A TOXICOMANIA É UMA DOENÇA

O acento, então, se desloca: o problema é quem consome a droga. Deslocamento que comporta diferentes abordagens.

Enfoque bastante em evidência consiste em afirmar que *a toxicomania é uma doença*. Ou seja, decorre de distúrbio neurobiológico de origem genética. Essa proposição desconsidera, desvaloriza ou despreza tudo o que é da ordem da subjetividade ou da cultura. O sonho dessa concepção é tratar a dependência à droga com outra droga.

Seria a Genética a Astrologia dos tempos atuais? Seria o código genético o novo oráculo ou a nova versão do *maktub*? A resposta é **não**, para a ciência. Mas, a resposta é **sim** para o discurso científico, que não passa de ideologia apoiada em termos da ciência.

A supervalorização da influência genética é parte da estratégia da indústria farmacêutica, uma das mais poderosas do mundo atual. Constitui propaganda subliminar ou recurso de marketing: a ênfase na genética reduz a importância de outros fatores e induz ao consumo de medicamentos.

A professora e pesquisadora norte-americana Adriane Fugh-Berman, do *Georgetown University Center*, afirma que a indústria farmacêutica é sagaz: os médicos por ela contratados não vendem remédios, vendem doenças. E os principais alvos são os outros médicos, em especial os psiquiatras, cujos diagnósticos são subjetivos.

Como é a estratégia? Fugh-Berman dá um exemplo fictício. Considere o que os médicos chamam de “borborismo”, ou seja, os ruídos ou burburinhos de um estômago vazio. Imagine que uma empresa pretenda desenvolver uma droga para combater tal desconforto. O primeiro passo é fazer as pessoas levarem a sério o estado de doença. Com a droga ainda em testes, são lançadas mensagens de marketing: “não há motivo de preocupação enquanto o estômago roncar ocasionalmente, mas episódios regulares podem indicar a condição de barulhos altos repetidos do estômago (BARE)”. Em seguida: “Os acometidos por BARE podem ter que limitar viagens, atividades profissionais e de lazer, com certa estigmatização social”. Ou ainda: “O BARE pode levar à obesidade, pois a pessoa tende a comer para evitar o ronco do estômago”. A partir daí, médicos contratados são porta-vozes de mensagens em cursos de educação médica continuada, nos quais é destacado que o BARE não deve ser motivo de riso, mas, sim, condição comum, subdiagnosticada e com consequências potencialmente graves⁷.

6 Grieve J. (Membro da Unidade de Inteligência Criminal da Scotland Yard). Editorial de Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/editorial.php?edicao=2>.

7 Fugh-Berman A. Laboratórios vendem doenças. Entrevista ao periódico Ser Médico, n. 67, ano XVII, abr/mai/jun 2014, p. 4-9. São Paulo: CREMESP, 2014.

É possível dar, agora, exemplo mais caudaloso e nada fictício: o DSM e, mais particularmente, o DSM-5. É a classificação de uma psiquiatria que se diz científica e que postula, para os transtornos mentais e do comportamento, substrato neurobiológico e etiologia, em última análise, genética. O número de transtornos aumenta copiosamente e, por meio de artifício nomeado comorbidade, cabe a cada um, agora, um cacho de diagnósticos. Com direito, é claro, a um coquetel de medicamentos. O mais importante é isto: todo esse biologicismo está apoiado em classificação sem base neurobiológica, ancorada em critério exclusivamente sociocultural. A tentativa de estabelecer base neurobiológica é precária e posterior à definição do transtorno. Trata-se de petição de princípio que revela o objetivo não manifesto do DSM: uma clínica da medicação.

A TOXICOMANIA É UM CRIME, UMA TRANSGRESSÃO

Quando a cultura situa a toxicomania como doença, coloca o problema do lado de quem consome a droga, mas desresponsabiliza o sujeito. A responsabilidade é atribuída à disfunção orgânica.

A cultura atual traz outra concepção de toxicomania, incompatível com a anterior, mas que, não obstante, coexiste com ela. Segundo essa outra concepção, *a toxicomania é um crime, no sentido jurídico e um erro, no sentido moral*. Ou seja, o problema está do lado de quem consome a droga e o sujeito é responsabilizado como autor de um crime e de uma transgressão dos costumes. Essa perspectiva traz, obrigatoriamente, o enquadramento num contexto que envolve culpa e punição.

O enfoque jurídico-moral do toxicômano, portanto, considera o sujeito e o responsabiliza no mesmo procedimento que o inclui no rol do crime, do erro ou do pecado. Porta aberta para a exclusão e para a influência religiosa.

O grande problema da exclusão (penitenciárias, hospitais psiquiátricos, comunidades terapêuticas) é que ela não garante, por si só, mutação subjetiva. É possível ficar longo tempo excluído e sair tal como entrou.

E o grande problema da influência religiosa é que ela traz, sim, o apoio de Deus ao pecador angustiado, mas traz, também, inexoravelmente, sua contraface, o espectro tentador de Satanás.

A TOXICOMANIA É UM MODO DE GOZO

P - E para a psicanálise? O problema é a droga ou quem a consome?

R - Para a psicanálise, o problema está na relação do sujeito com a droga. A droga, sim, tem importância, assim como o medicamento. Mas a ênfase fica do lado do sujeito. E é algo impossível de ser generalizado. A relação de diferentes sujeitos com uma mesma droga é inteiramente diversa. A bebida alcoólica pode ser prazerosa para uma pessoa e mortífera para outra. Os casos devem ser avaliados um a um, mas o acento é sobre o sujeito.

P - A relação mortífera com a droga é uma doença?

R - Em termos psicanalíticos, *o uso de drogas é um modo de gozo*. O gozo é conceito lacaniano, mas inteiramente ancorado em Freud. Pode ser definido como satisfação da pulsão, tanto da pulsão sexual como da pulsão de morte. Trata-se de satisfação que inclui, portanto, um paradoxo: o prazer está em continuidade com o desprazer ou com o seu para-além. O amálgama das duas pulsões, portanto, cria um bem para o sujeito que

não coincide com o seu bem-estar, um bem que pode se traduzir por mal-estar ou mesmo se confundir com a dor. O gozo, como diz Lacan, “começa com cócegas e termina com labaredas de gasolina”⁸. A existência de um além do princípio do prazer pode ser deduzida de certos casos de adição a drogas, como, por exemplo, cocaína e heroína. O bem-estar pode existir no início; com o agravamento da dependência, surge a necessidade imperiosa e repetitiva de satisfação, que não traz prazer e frequentemente culmina com a morte.

P - A que se deve a existência de relações tão diferentes com as drogas?

R - A diferença é devida a vários fatores. O uso de cocaína por um grupo com finalidade recreacional é totalmente diverso do que se verifica numa crackolândia. No primeiro caso o laço social está mantido. O segundo caso assinala uma ruptura com o Outro social e a destituição de qualquer tipo de regulação. Os fatores reguladores têm a ver com influências culturais e com a estrutura do sujeito. A função paterna é moderadora de gozo e pode evitar o uso devastador de drogas. Por outro lado, perante uma função paterna fragilizada, o uso de drogas pode desmoronar a precária estabilização ainda existente.

P - A cultura, então, pode contribuir para o surgimento da toxicomania?

R - Claro que sim! Lacan, quanto a isso, é enfático. “Que antes renuncie a isso (à prática psicanalítica) quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”⁹. Pode-se falar de Outro materno, Outro paterno, Outro do sexo, Outro social... Cultura é um dos nomes do Outro. Na atualidade, a influência pode acontecer de duas maneiras principais: pelo enfraquecimento da função paterna, decorrente do declínio do pai e pela ascensão do gozo consumista, que é o garantidor do discurso capitalista. O modo de gozo da adição torna-se presente em quase todas as situações. Por exemplo, em relação à comida. Come-se, primeiro, por fome ou prazer, mas depois disso, continua-se a comer por compulsão, sem qualquer necessidade alimentar, sem nenhum prazer ou até com sofrimento. A lista pode ser amplamente estendida: adição às compras, adição à Internet, adição aos remédios, adição ao trabalho, adição ao jogo, adição ao sexo, adição aos furtos, adição aos *smartphones*... O modelo geral da vida cotidiana na época contemporânea é a adição¹⁰. Existe hoje uma sociedade de viciados? Haveria uma toxicomania generalizada? Nenhuma surpresa a constatar. Trata-se apenas de consequência lógica do imperativo de gozo consumista.

P - E onde fica a responsabilidade do sujeito?

R - Como é que Lacan traz o tema? Da seguinte forma: “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis. Que chamem a isso como quiserem, terrorismo”¹¹. Por que chamar isso terrorismo? Porque é algo provocador e radical. Ou seja: mesmo com a genética, mesmo com a cultura, mesmo com os poderes sobrenaturais, o sujeito é responsável!

P - Para o Direito, também, o sujeito é responsável. A psicanálise pretende colocar o toxicômano na cadeia?

R - A responsabilização do sujeito verifica-se tanto na perspectiva jurídico-moralista como na perspectiva psicanalítica. Isso não quer dizer que a psicanálise introduz o sujeito no contexto de culpa e punição. Pelo con-

8 Lacan J. O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, editor, 1992; p. 68.

9 Lacan J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998; p. 322.

10 Miller JA. As profecias de Lacan: entrevista ao Le Point. Belo Horizonte, Correio, n. 70, p. 8, dezembro de 2001. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise.

11 Lacan J. Ciência e verdade (1966). Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998; p. 873.

trário, procura retirá-lo desse âmbito. A ética jurídico-moralista é a mesma do crime e castigo. Não é a ética da psicanálise, que responsabiliza o sujeito, não para castigá-lo, mas para mostrar que ele não é vítima, e sim autor do seu destino. Não existe oráculo! Nada em definitivo já estava escrito! A ética da psicanálise pode ser definida como ética das consequências. Ou seja, todo ato tem consequências e cada um deve arcar com as de seus atos.

P - Isso é tão importante, no caso das toxicomanias?

R - Muito importante. É frequente, nesses casos, a seguinte posição subjetiva: “Eu não sou responsável por meus atos, você é responsável por eles”. Pode haver o encontro com posição subjetiva complementar: “Você não é responsável por seus atos, eu sou responsável por eles”. Encontro que nem sempre é absurdo: é a relação da criança com a mãe. O problema é quando o cordão umbilical não é cortado, quando a dependência se prolonga numa relação superprotetora. O lugar da mãe pode ainda ser ocupado pelo pai, pelo cônjuge e – atenção! – pelo Estado ou pela instituição assistencialista, razão pela qual a responsabilização e a implicação subjetiva são passos fundamentais no tratamento desses casos. Os Alcoólicos Anônimos sabem disso muito bem. Na soleira de seu trabalho está uma decisão primordial: “Se você quiser parar de beber, o problema é nosso, mas, se você não quiser, o problema é seu”. Ou seja, existe a mão estendida, mas o essencial é a responsabilização do sujeito. Se ele vier, será acolhido; mas, ele poderá não vir.

P - Se o drogado não vem, não seria preferível a internação compulsória?

R - Questão delicada. O primeiro aspecto a ser considerado é que, nos casos graves de toxicomanias, o sujeito faz uma ruptura com o Outro social, com entrega a um gozo mortífero. A rigor, existe, em primeiro lugar, autossegregação¹². A internação pode ser pensada como tentativa de barrar esse gozo e abrir espaço para uma retificação subjetiva. O problema é que os limites entre a finalidade terapêutica e a segregação são tênues. Existe a autossegregação do toxicômano, mas existe também a segregação social, tendência muito poderosa. Por que motivo? Fazendo um retrospecto, na Idade Média, período teocêntrico da cultura humana, os segregados são os leprosos, portadores de estigma do pecado. Na Era das Luzes, do Racionalismo Iluminista, os segregados são os loucos, expressões da desrazão. No mundo globalizado, era do imperativo de gozo consumista, os segregados talvez sejam os toxicômanos, que escancaram o consumista. A segregação pode ocorrer em espaços fechados, com abstinência forçada, mas também em espaços abertos, como as crackolândias, ou diversos outros lugares pelo mundo afora, onde os drogados são isolados e se isolam para se satisfazer às vezes até a morte.

P - Diante do pessimismo da psicanálise, não seria preferível o otimismo da religião?

R - A religião cria o otimismo da relação do homem com Deus, mas cria, também, o pessimismo da relação do homem com Satanás. Um não existe sem o outro. Deus faz o milagre da cura; Satanás, no entanto, continua seu trabalho sorrateiro, causando doença. O preço que se paga pela proteção divina é a eterna ameaça do demônio. A psicanálise, por certo, não é otimista. Como ser otimista quando se têm, de saída, as pulsões de morte e o além do princípio do prazer? Não é correto falar, porém, em pessimismo. O mais sensato é afirmar o **realismo psicanalítico**. A psicanálise aposta no sujeito, a psicanálise aposta na civilização. Mas, como acabou

12 Naparstek F. y colaboradores. *Op. cit.*, p. 84.

de ser dito, não é certo que o sujeito irá abraçar a vida, não é certo que ele abandonará o gozo mortífero. Da mesma forma, não é certo que a humanidade abraçará a civilização, que ela não se exterminará com uma guerra nuclear ou com a destruição do meio ambiente. Há alguns dias, diante da seca terrível, o estado de Minas Gerais transformou-se numa tocha, com as florestas incendiadas... Será que a espécie humana sobreviverá a si própria? A psicanálise não sabe a resposta. Mas sabe que, se o sujeito ou a espécie humana se salvar, terá sido pelo próprio empenho, e não por obra de Deus. Por outro lado, se o sujeito se destruir, ou a humanidade, terá sido consequência dos próprios atos, e não obra do demônio.

A Metástase do Gozo¹

The metastasis of jouissance

Fabian Naparstek (Buenos Aires, Argentina)²

Resumo: A toxicomania é o paradigma da época que vivemos. Época marcada por um enxame de drogas e pela onipresença do gozo. O gozo deixa de ser localizado e passa a ser como uma “metástase”. Cabe ao analista orientar-se pelo sintoma. A clínica atual “parte da invenção original para o inventário (um por um)” tomando o que há de mais singular em um sujeito.

Palavras-chave: Metástase do gozo, singular, gozo localizado, sintoma, toxicômano, amor.

Abstract: Drug abuse is the paradigm of the times we live in. Times marked by a swarm of drugs and by the omnipresence of jouissance. The latter isn't localized but “metastatic”. It's Up to the analyst to orient himself by the symptom. The actual clinic “goes from the original invention to the inventory (one by one)”, taking what is the most singular of a subject.

Keywords: Matastasis of jouissance, singular, localized jouissance, symptom, drug addict, love.

Parto de uma ideia difundida entre nós, já que pensamos que pode haver diferentes usos das drogas. A relação de um sujeito com uma substância pode ser diferente da de outro e diferente também em determinados momentos da sua história pessoal. O que chamamos hoje de toxicomania se transforma em um modo de laço subjetivo com a droga em um dado momento da história. Até uma certa época não se falava de toxicomania ou adição. Há pouco tempo, com a Síndrome de abstinência, é que se determina a patologia como modo de laço com a droga. É quando a ciência a nomeia como tal. A partir daí, houve uma mudança radical na história das drogas muito mais ampla no tempo. Algo que desenvolvi na época e que me permitiu situar com clareza três momentos históricos do laço com as drogas no Ocidente.

A partir da Síndrome de abstinência e de quando a ciência – como discurso do amo – começou a tomar seu lugar na cultura, é que se abriu uma política repressiva contra as drogas. De fato, os EUA tomaram a posição central e propuseram a chamada “Guerra às drogas”. É preciso lembrar que as terapias também entraram nesta lógica.

A partir de então, a Organização Mundial da Saúde define cientificamente a toxicomania pela quantidade e qualidade da droga; ou seja, importa-se com a substância, o que destaca o objeto e não o sujeito. E o que isto tem como consequência é o surgimento de uma série de drogas malignas, uma lista cuja variedade inicial passa do mínimo ao máximo e da qual se diria, ainda, que poderia ser ampliada ao infinito.

O que quero assinalar é que, em nome da ciência e do significante mestre da época, se cria uma nova patologia. E conseqüentemente, isto leva a um uso único da droga; o uso toxicômano. Quer dizer, que a toxicomania enquanto tal está intimamente ligada a um discurso predominante em uma época bem precisa. É o amo científico que globaliza o uso generalizado das drogas nomeado toxicomania.

De fato, para Freud o uso de narcóticos é uma maneira - entre outras – de paliar o mal-estar na cultura. Os narcóticos eram um sintoma isolado entre outras formas de defesa ante o mal-estar. Entretanto, em nossa época

1 Conferência proferida no I Encontro da Rede Toxicomania e Alcoolismo (TYA) Brasil realizado em Belo Horizonte / MG no dia 20/11/2014 cujo título foi “Adições, corpo, violência: o que está em jogo hoje?”

2 Psicanalista. Membro da Escuela de Orientacion Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial de Pisanálise (AMP). Analista da Escola (AE) no período de 2002 a 2005

há um forçamento a uma forma universal de enfrentar o mal-estar pela via do consumo. Certamente me refiro ao mundo ocidental.

A época de Freud corresponde ao que comumente chamamos de a época do Nome-do-Pai. Sendo assim, o discurso científico determina um modo de gozo maligno nas drogas que deve ser vencido na atual guerra às drogas, de tal modo que hoje em dia há, conseqüentemente, uma política repressiva frente às drogas e uma lista de classificação das drogas perigosas. De fato, o Nome-do-Pai – como função – reprime e classifica.

NP

drogas malignas (Gozo)

É uma época que posiciona de um lado a lei e o prazer e de outro o gozo a ser reprimido. De fato, coerentemente com o Nome-do-Pai houve uma política de repressão e classificação para enfrentar as drogas como gozo maligno. Por sua vez, a terapêutica adotada a partir de então pode ser resumida claramente sob quatro modos essenciais.

Estes modos se mantiveram ao longo desse tempo, ultrapassaram as mudanças da época de Freud e chegaram à nossa época. Entendo que são modos terapêuticos coerentes com a época do Nome-do-Pai, uma vez que se referem a modos que enfatizam o objeto, o amo, o saber e o sujeito.

NP (drogas boas)

(drogas tóxicas)

Ste

a

Mas, por outro lado, na época atual cai a política repressiva e a lista das drogas malignas. Os debates sobre a possibilidade de legalizar o consumo de drogas estão em todas as capas dos jornais. Além de se tomar uma posição entre a conveniência ou não sobre a legalização do consumo das drogas, não há dúvida, em um amplo espectro político, de que a política repressiva falhou. Poder-se-á debater qual seria a melhor maneira de exterminar essa política repressiva, mas há um consenso no que diz respeito a que é preciso descartá-la de alguma forma. Atualmente, há uma forte tendência a que essa política termine. Não apenas perdeu-se a famosa “guerra às drogas”, como fomentou-se um fantástico mercado paralelo que, por vezes, é incontrolável.

Seguindo esta tendência, criaram-se “pools” econômicos que cotizam em Wall Street a produção e a venda de maconha. São grupos econômicos que estão na expectativa e trabalham para a legalização da produção de maconha em alguns estados dos Estados Unidos. Um ex presidente do México patenteou uma marca de maconha para poder produzi-la legalmente. Dois estados dos Estados Unidos já permitem o uso medicinal e legalizaram o consumo para uso pessoal. No Uruguai há uma nova lei, que permite o consumo pessoal, e também a

produção de maconha. Empresas de diferentes países (especialmente holandesas) estão interessadas em produzir a erva no país. Ao que parece, o Uruguai será um campo de provas para ver como evoluirá tal mudança legislativa a respeito das drogas.

Na Europa, há tempo muitos países permitem o consumo pessoal de certas drogas. A meu ver, isto determina no horizonte uma nova era no que diz respeito às drogas. O que chamaria aqui a *toute dernière époque avec la drogue*.

Que a droga - antes proibida – comece a ser cotada em Wall Street representa uma mudança notável. Não se trata apenas de que se permita seu uso, mas da sua introdução no mercado de modo integral. Além disso, cada vez mais encontramos uma pluralização de diferentes substâncias usadas como drogas, o que determinou que a antiga classificação das drogas aditivas seja, totalmente, ineficaz. Assim como cai a política repressiva, também vai caindo como inoperante a lista classificatória das drogas más. A clínica mostra sistematicamente que qualquer substância sobre a face da terra pode transformar-se na pior das drogas. Comentei, em certa ocasião, o caso de um homem que se drogava com água. Caso clínico que tomei como paradigma desta época.

Hoje temos um verdadeiro enxame de drogas. A época repressiva e classificatória pretendia localizar o gozo do consumo em uma lista restritiva de drogas e fora da lei. Certamente, o Nome-do-Pai opera separando de um lado, ou isolando a um lado, o gozo do além do princípio do prazer. Entre outras coisas, a política repressiva às drogas estava a serviço de uma localização do gozo maligno, o que supõe assim uma concepção do gozo determinada e localizada. Como se verifica no ensino de Lacan – e o assinala Miller -, na época atual há uma onipresença do gozo.

O gozo deixa de estar localizado e passa a estar por toda parte. A partir do seminário 20 de Lacan, pode-se pensar em uma passagem do gozo localizado a um gozo onipresente que se verifica também nas mudanças da época atual. Isto foi o que chamei, em determinada ocasião, de a *metástase* do gozo. Um gozo que se tenta erradicar e que continua a reaparecer uma vez ou outra por focos e finalmente invade por toda parte.

A cirurgia do gozo que se tentou com a guerra às drogas, se mostra hoje em uma metástase de gozo maligno que se deslocaliza e irrompe por toda parte. Esta *toute dernière époque* supõe um novo desafio para os analistas. Entendo que como muda a época, também deve mudar o nosso modo de abordagem a estas patologias atuais. Os quatro modos terapêuticos referidos anteriormente – e dos quais tratei em outra ocasião – são quatro modos próprios para a época repressiva às drogas. Minha ideia a esse respeito é que na atualidade a psicanálise tem que inventar um novo modo de se virar com estes pacientes. Neste sentido me oriento no *Tout Dernier* ensino de Lacan no que diz respeito a sua noção de sintoma.

Dando um salto e seguindo a Orientação que nos dá Miller, a estas duas épocas – a do Nome-do-Pai e a nossa – as leio como dois modos de sofrimento. Um modo masculino de sofrimento e um modo feminino. À época do gozo localizado e do Nome-do-Pai segue a lógica masculina do sofrimento e a época da deslocalização do gozo, uma modalidade do não-todo do sofrimento. O que poderíamos chamar de uma passagem do sofrimento sintomático ao sofrimento estrago. Este como paradigma da toxicomania atual que deslocaliza o gozo e infinitiza a toxicomania atual.

É meu modo de pensar a feminização do mundo como uma maneira feminina do sofrimento que deslocaliza o gozo e apaga a singularidade. Frente à época da metástase do gozo e da vasta gama de drogas me oriento pelo sintoma, pelo que Lacan chama de direito ao sintoma.

“Todomem tem direito a esse sintoma”³. O diz Lacan, de passagem. Mais ainda, mostra que de alguma forma foi graças ao empuxo próprio à reivindicação histórica que a psicanálise pôde apreciar o direito ao sintoma. Na histeria o brilho da falta levou a lutar, a partir da queixa, pelo direito ao sintoma. A origem da psicanálise tem como marca ter dado lugar ao direito ao sintoma. O que Lacan chamou em outra época de “fidelidade ao envoltório formal do sintoma”⁴. Este direito ao sintoma não é um direito humanista e em algum sentido se contrapõe a tais direitos, onde se parte do preceito de que cada sujeito é igual a outro. Que se contraponha implica em que o direito ao sintoma supõe a mais radical diferença de um indivíduo com outro.

A mais radical diferença a inferimos com Lacan no sintoma de cada um. Por outro lado, que se contraponha não quer dizer que não se precise. É só em um estado de direito que pode emergir a psicanálise.

Miller em seu retorno a Lacan volta ao tema fazendo alusão ao direito à singularidade: “A psicanálise representa justamente a reivindicação, a rebelião de *não como todo mundo*”⁵, “a psicanálise promove o direito de um só”⁶. Em todo caso, quando em uma análise dizemos direito ao sintoma, não quer dizer somente que damos lugar ao sintoma de cada um servindo-nos de nossas próprias classificações, mas que apontamos desde o começo ao sintoma. Ir direto ao sintoma. Em um certo sentido esse apontar ao sintoma faz de nosso *clínica* uma clínica do singular que se liga de maneira muito clara à época da dispersão. De alguma maneira os DSM com suas multiplicações nas classificações também captaram algo da dispersão da época, mas para apagar o singular de cada sintoma e ligá-los à estatística. Não é uma casualidade que os DSM tenham surgido na época da queda das grandes classificações e da dispersão. A partir da orientação lacaniana o singular se relaciona com o irreduzível, isto é, com o *sinthoma* que se poderia obter na análise como a encarnação do que *já não é suscetível de retransformação*⁷. Se quisermos, o singular aparece como impasse e não como solução. Isto é o que promove uma virada central no último ensino de Lacan. Pensar o singular como a maneira que cada um tem de tropeçar. Em todo caso, a singularidade se vê no impasse que permite esclarecer o SOU ISSO. A meu ver, por isso mais adiante dirá que se parte da invenção original para o inventário (um por um)⁸. O inventário é uma recopilação do que há, um por um.

De fato, a clínica atual mostra que não há nada mais diferente de um toxicômano que outro toxicômano. Fazer esse inventário com o sintoma singular de cada sujeito orienta minha prática atual. Como diz Miller, do lado da invenção temos um “investimento do sintoma”, fazer algo com ele. Uma vez que em uma análise o paciente pode situar o que há, – enquanto fracassa – é possível fazer algo. Mas, ao mesmo tempo, a análise propõe um direito a um sintoma com o qual fazer um laço. Miller sublinha a revalorização do amor. O amor

3 Lacan, J: “Joyce el sintoma II”, En Uno por Uno, Ed. Eolia, Barcelona, 1997. P. 13.

4 Lacan, J: “De nuestros antecedentes”, Em Escritos I, Ed. Siglo XXI, Buenos Aires, p. 60.

5 Miller, J.A: “Sutilezas Analíticas”, Ed. Paidós, Buenos Aires, 2011, p.36.

6 Op Cit.

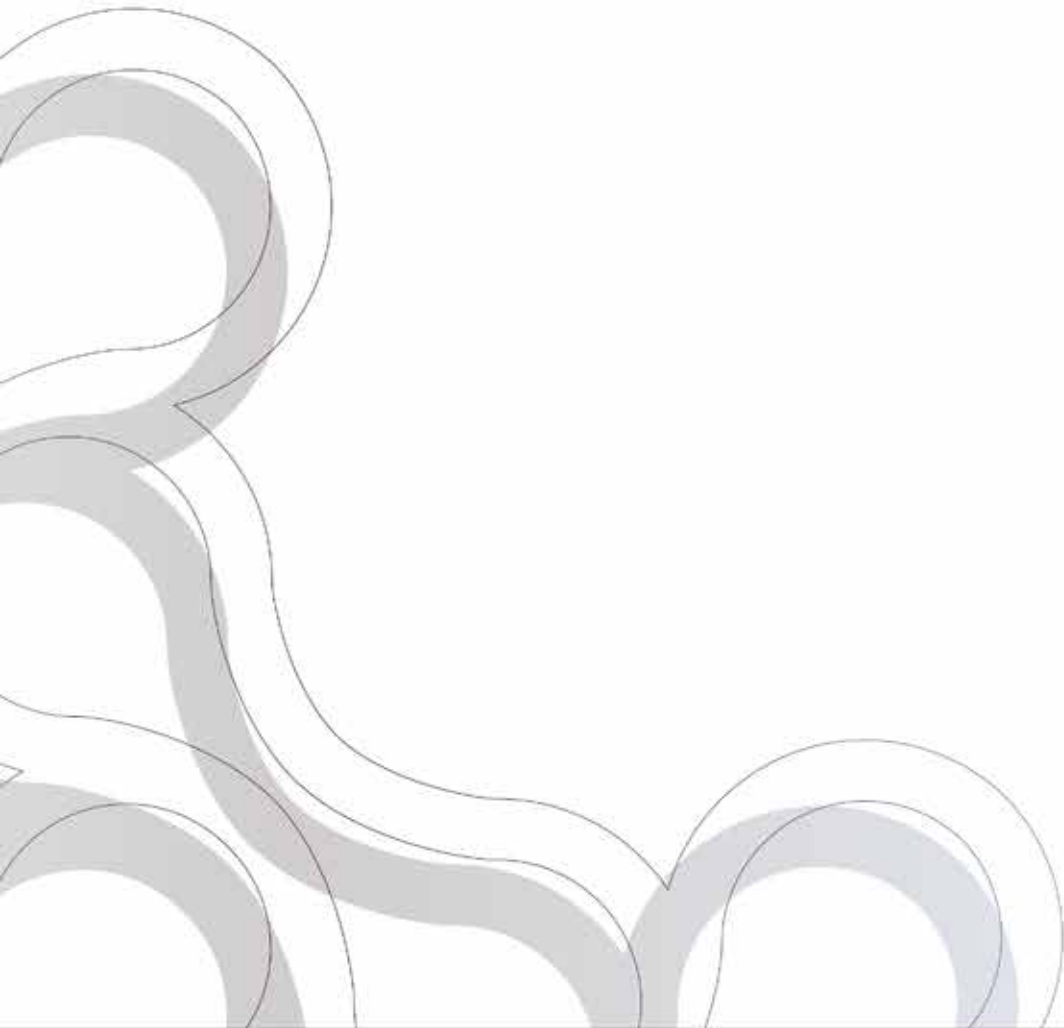
7 Op Cit. P. 94 – 95.

8 Lacan, J: “Joyce el sintoma II”. Op Cit. p. 10.

como um modo de ligar o sintoma de cada um com o campo do Outro. O amor como a outra face do estrago.

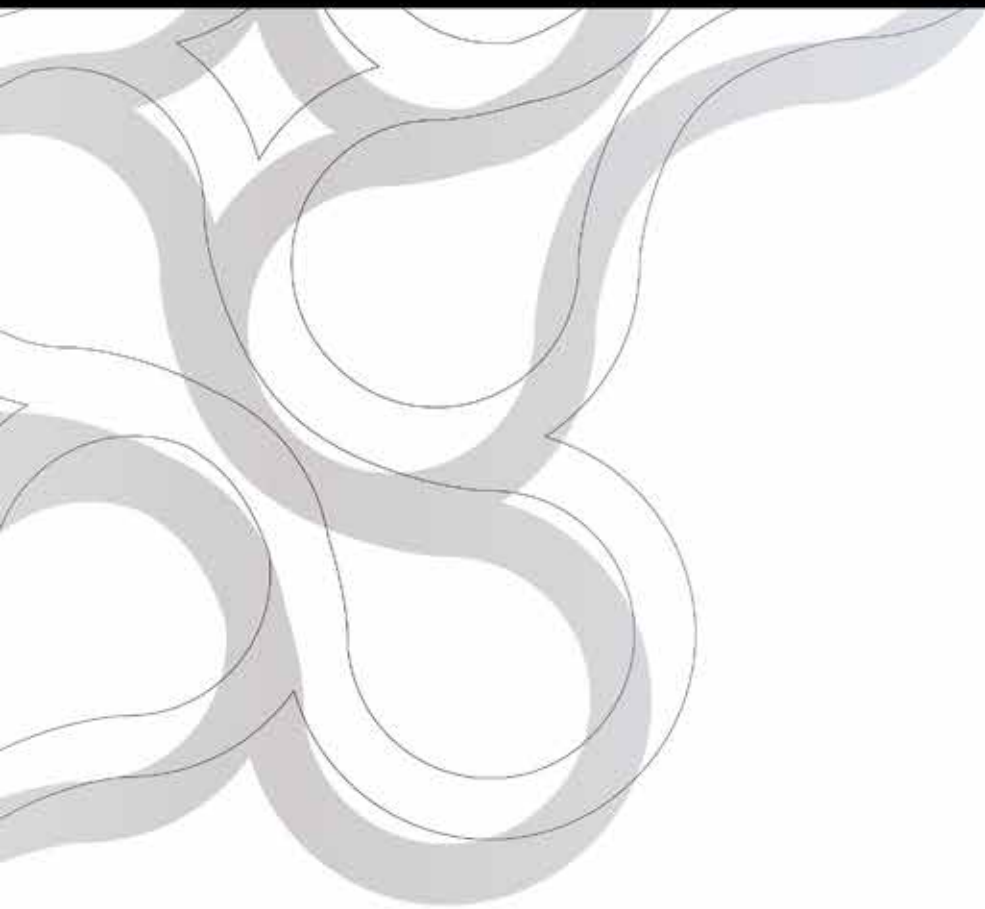
Tradução: Lenita Bentes

Revisão: Oscar Reymundo



 PHARMAKON Digital

ENTREVISTAS



Entrevista¹ a Ernesto Sinatra²

Interview with Ernesto Sinatra

(Buenos Aires, Argentina)

Resumo: Tendo como horizonte o sétimo ENAPOL, Ernesto Sinatra nos introduz à revisão de nossos conceitos e categorias no campo das toxicomanias, com o objetivo de continuar verificando sua eficácia na atualidade. Assim, as hipóteses e ferramentas conceituais forjadas nos últimos anos como a função do tóxico, a toxicomania generalizada, a solidão globalizada, as poli-adições, entre outras, são verificadas na época que nos atravessa. Época regida pela lógica do Não-Todo, mas também pelo cinismo do mercado e suas nomeações. Nas palavras de Sinatra, “mais vale que, como praticantes da psicanálise, estejamos advertidos desta operação do mercado, para não contribuir a que a psicanálise mesma seja reduzida a mais um gadget”.

Palavras chave: Toxicomania generalizada, função do tóxico, toxicidade do gozo, novos adictos, gadgets, feminização do mundo, globalização.

Abstract: Having the seventh ENAPOL encounter as a horizon, Ernesto Sinatra introduces us to the revision of our concepts and categories in the drug addiction field, with the objective of continuing to verify their efficiency nowadays. Thus the hypothesis and conceptual tools forged in the last years as the function of the toxic, the generalized drug addiction, the globalized loneliness, the poly addictions among others, are verified in the times we go through. Times ruled by the Not-All logic, but also by the cynical market and its nominations. In the words of Sinatra, “it would be better that, as praticants of psychoanalysis, we become adverted of the market operation, not to permit that psychoanalysis be reduced to being one more gadget.”

Keywords: generalized drug addiction, function of the toxic, toxicity of jouissance, new addicts, gadgets, world feminization, globalization.

Dário Galante: Em seu livro “Tudo sobre as drogas?”, você propõe três hipóteses. A primeira é a **toxicomania generalizada**. Como e a partir do que surge a necessidade de generalizar a toxicomania? Ou seja, por que passa da toxicomania para sua generalização?

Ernesto Sinatra: A atualidade tem confirmado até que ponto estamos na era da *toxicomania generalizada*; não só pela existência de drogas cada vez mais sofisticadas produzidas a nível global e que atravessam as mais variadas fronteiras geográficas, bem como os diferentes segmentos sociais: drogas cada vez mais ao alcance de todos. Não só por isto validamos a hipótese, mas porque já não podemos ignorar a explosão das classificações que, em nome das ‘adições’ contemporâneas impulsionadas pelo imperativo do mercado (identificado, por exemplo, no tema de uma marca líder - *impossible is nothing*) tentam descrever as mais variadas formas de gozar: desde os clássicos jogos patológicos de dois séculos atrás, até às bulimias e anorexias do século passado, até às adições ao sexo das últimas décadas.

Chegamos até ao caso de que hoje existem as assim chamadas ‘pessoas tóxicas’ que configuram uma nova categoria, paradoxal, uma vez que generaliza a adição até identificá-la com o mesmo usuário! Já não se trata de ser adicto a uma substância, de não ser capaz de conter uma ação passional, mas se trata de alguém que em si mesmo é adicto em consideração a um outro, que a ‘substância’ de um, seria aditiva para outros...

E por que tudo acontece desta maneira, senão por um princípio em que se baseia a subjetividade - e que Jacques-Alain Miller tem destacado, extraíndo o osso do ensino de Jacques Lacan – já que se trata de que cada

1 Entrevista realizada por Dário Galante, Elisa Alvarenga e Maria Wilma Faria.

2 Ernesto Sinatra é fundador de TyA (1992) e da rede internacional TyA (1996), criado por ocasião da II Jornadas TyA realizada em Buenos Aires. Atualmente é diretor adjunto do departamento TyA juntamente com Luis Salamone e Dário Galante. Lançou recentemente o livro @s nov@s adit@s: a implosão do gênero na feminização do mundo.

ação humana é capaz de gerar uma satisfação, que cada ação é baseada sobre um gozo que o direciona como também o processa³? E é um gozo que vai “das cócegas à labareda” e que ocasionalmente ameaça levar com ele a vida do *parlêtre*, o que acontece quando é comandado pela pulsão de morte.

Dário Galante: A segunda hipótese, a função do tóxico, tem sido uma ferramenta conceitual fundamental para os analistas que se direcionaram ao campo da toxicomania. À luz de seus novos desenvolvimentos sobre o tema, qual é a vigência deste conceito na clínica atual? Podemos fazer uso desse operador clínico, por exemplo, para trabalhar com o nov@s adit@s ?

Ernesto Sinatra: Precisamente, a linha de investigação que temos relançado este ano no Seminário de TyA - coincidindo com nosso VII ENAPOL - foi de revalidar os conceitos e matemas com os quais nos orientamos na experiência analítica. Ou seja, colocá-los à prova para ver até que ponto eles continuam ajustados às vicissitudes atuais, às exigências e desafios da prática. Começamos precisamente pela *função do tóxico*, conceito que cunhei - há muitos anos - para tentar questionar certos vícios ‘ontológicos’ que comprovamos ao analisar que “adictos” como tal, nunca atendemos (da mesma forma que também não analisamos “pais” como uma entidade, não há “substancia-pai”). Trata-se - talvez hoje mais do que nunca, especialmente pela variedade de ofertas no mercado à qual fazíamos referência – de poder clarear a função que cumprem determinadas drogas na economia libidinal de um *parlêtre*, de desvendar o que faz cada um com o que consome.

A este respeito, lembro-me sempre o que aprendi com uma supervisão, em que uma analista dizia a respeito de suas dificuldades com um *adicto*, ela não conseguia fazê-lo falar de outra coisa que não fosse sobre seu consumo. Ela veio à supervisão para saber como fazer para ‘dividir’ aquele homem. Depois de descobrir que tinha sido ela quem orientara a entrevista em torno dos usos e costumes das drogas, voltou surpresa à supervisão seguinte localizando precisamente a *função* que as drogas tinham para esse sujeito: a maconha desde os 15 anos de idade respondia a sua comoção quando a mãe deixou o pai para fugir com outro homem; e a cocaína desde seus 25 anos, depois de descobrir sua noiva com seu melhor amigo. Surpresa por sua descoberta, ela exclamou: “mas então: era eu a adicta!”

Dário Galante: Sua terceira hipótese é a solidão globalizada. Como pensa esta solidão em um mundo que se promove como cada vez mais conectado?

Ernesto Sinatra: Falar em “solidão globalizada” é um oxímoro, um paradoxo, uma contradição entre os termos indicados; mas não é menos uma experiência real. A *solidão globalizada* é um conceito com o qual quis destacar um sintoma da época: a solidão entre muitos, o desamparo real dos indivíduos, mais alguém ou mais além do que estar acompanhado por outros, por outras. Inclusive - ou talvez especialmente – de estar só acompanhado por dispositivos eletrônicos de última geração. Pode-se estar só conectado ao Facebook, acompanhado por um grande número de pessoas em rede, às vezes com a necessidade de multiplicar exponencialmente os contatos, já que às vezes parece não alcançar a vertigem dos *chats*, os *tweets*, as “curtidas” para localizar o Outro, para estabelecer uma relação - não apenas um contato – com alguém, em particular. Estar conectados, mesmo 24

3 N. T. O autor se refere à palavra “encausa” com “z” que traduzimos por direcionar e também à “encausa” com “s” que traduzimos por processar. “...que cada acción se asienta sobre un goce que lo encausa (con ‘z’, pero no menos también que lo encausa -con ‘s’ de causa).

horas por dia - como é hoje para muitos adolescentes - não é garantia para não estar sozinho. Este é o paradoxo Real da *solidão globalizada*. Com os *gadgets* tenta-se suturar o vazio estrutural que afeta aos falantes: a inexistência de uma proporção entre os sexos.

Elisa Alvarenga: Em seu livro “@s nov@s adit@s” você propõe que a estrutura do Não-Todo aparece na hipermodernidade condensando o gozo fálico articulado com uma proliferação de micro-totalidades que tentam remendar o que restou do Todo e da figura paterna. Nessas novas comunidades de gozo, não estariam em questão, mais do que a condensação do gozo fálico, aquilo que Lacan chamou uma ordem de ferro, como um empuxo ao gozo articulado a essas novas nomeações?

Ernesto Sinatra: Não acredito que se trate de uma disjunção excludente. O que você denomina, seguindo precisamente o último ensino de Jacques Lacan “uma ordem de ferro”, para em seguida destacar “um empuxo ao gozo que se articula a novas nomeações”, é o que - de minha parte - chamaria a manifestação atual do gozo feminino globalizado; mas não creio que esse seja o único gozo que devemos considerar Não-Todo. Por isso, no livro diferenciei a estrutura do Não-Todo e suas conseqüências (por exemplo, as micro-totalidades que respondem, precisamente, à explosão do universal) dos gozos - no plural - que dali é possível extrair. Já do lado feminino - que caracteriza, seguindo a J. A. Miller, a globalização - *também* há uma relação ao falo que, como se sabe evita, para Lacan, que as mulheres sejam loucas-do-todo. Esta relação ao falo do lado feminino se mostra na atualidade concentrando gozo fálico (fato que considero difícil de ignorar)... mas sem responder à primazia do pai. De forma experimental denominei estas apresentações de gozo “uma densificação do gozo fálico não regulado pelo Nome-do-Pai”. Enfim, seguiremos estas questões bem de perto, já que estamos num campo de investigação e devemos estar atentos, hoje mais que nunca, ao uso que fazemos de nossas categorias para não nos perdermos nas complexidades que os fenômenos apresentam.

Elisa Alvarenga: Quando Jacques-Alain Miller propõe que hoje não temos tanto, como Freud postulava, um rechaço da feminilidade, mas uma aspiração à feminilidade, ele generaliza o gozo feminino como um modo singular de gozo para cada ser falante, aproximando a estrutura do Não-Todo ao gozo de cada um. Quais são as conseqüências desse modo de pensar o gozo para a clínica das toxicomanias?

Ernesto Sinatra: Em outra ocasião havíamos formulado de outra maneira: é válido identificar o gozo feminino com o gozo toxicômano? Situemos o paradoxo: a) a casuística indica que são indubitáveis os orgasmos auto-eróticos com a droga como parceiro, um curto-circuito de gozo no corpo que evita o Outro sexo e que evita passar pelo corpo do outro; (b) mas, por outro lado - o gozo toxicômano também produz uma sensação de êxtase que poderia ser igualada com o gozo feminino. Talvez o paradoxo seja resolvido com esta formulação: o gozo é sempre “feminino”; ou seja, toda vez que se trate do ‘próprio’ corpo como sede do gozo. Tudo muito bem até este ponto, mas onde ficaria aqui, seguindo os traços do gozo feminino, a função do *relais* que cumpriria o *parceiro* homem para ajudar uma mulher a aceder ao gozo em seu próprio corpo? Ou seja, aqui parece que o gozo se desliga do Outro - do Outro ou seus equivalentes, então tratar-se-ia de que ao perder-se o pai, perder-se-ia sua hierarquia ontológica, perder-se-ia também o gozo sexual? Por um lado, já existe - e mais além do paradoxo que se instala a partir da nomeação mesma - uma micro-totalidade, os *assexuados*, cujos membros

rechaçam que seu ser seja atribuído por sua condição sexual...

Elisa Alvarenga: A feminização do mundo como passagem ao Outro que não existe conduziria a um funcionamento mais “feminino” da civilização, onde haveria mais lugar para a palavra de amor, mas também para a demanda ilimitada de gozo. Como a psicanálise poderia operar com usuários de drogas nesta lógica do Não-Todo, sem tentar restaurar inutilmente o pai como exceção que valeria para todos?

Ernesto Sinatra: Esta operação não é segura. Que a denominação “feminização do mundo” designe este processo não é um fato fortuito nem uma mimese de uma formulação sócio-antropológica, mas nossa apropriação de uma interpretação lançada por Jacques-Alain Miller com a que lemos os fenômenos da globalização regidos pela lógica do Não-Todo. Precisamente por isto, o conceito de *feminização do mundo* tem sido colocado como um terceiro momento que segue a *queda do pai* e o *declínio do viril*. Trata-se, entre muitas outras considerações, da predominância da política da sensibilidade – considerada como um traço feminino – frente ao tradicional império da razão – associada com o masculino; ou seja, da promoção de “sensibilidade feminina”: privilégio do detalhe, da capacidade de escuta, da intuição.

Capacidades aplicadas, inclusive no mundo do mercado nos fundamentos atuais do *leadership*, do *management* – para otimizar recursos... e os lucros. Mesmo assim, a *palavra de amor* parece prevalecer, privilegiando a ternura no laço, mas não é certo que ela não esteja subordinada a seu inverso: a “demanda ilimitada de gozo”, como você bem disse. Talvez seja oportuno lembrar que Jacques Lacan indicou que o capitalismo não é, na sua essência, propenso ao amor; razão pela qual um “capitalismo emocional” – como uma socióloga, Eva Illouz o denomina – não seria senão um modo cínico de empregar os semblantes tradicionais femininos para ‘adoçar’ o consumidor.

Mas esse cinismo de mercado e suas nominações retornam no consumo dos toxicômanos mostrando sua verdadeira face: o gozo que perfura qualquer semblante ancorado na pulsão de morte. O real das adições continua sendo o cinismo do gozo desencadeado, confinando cada *parlêtre* com o mais além da vida e não só com o mais além do pai.

Como praticantes da psicanálise devemos estar advertidos sobre esta operação do mercado, para não contribuir para que a psicanálise mesma seja reduzida a um *gadget*.

Maria Wilma Faria: Adições, ditas no plural, indica que não há uma única forma para um sujeito intoxicar-se. A modalidade de gozo da atualidade implica que tudo ou qualquer coisa pode tornar-se “droga”, num deslizamento metonímico infinito: jogo, sexo, internet, celular, facebook, relacionamentos. O que pode o analista frente às poli-adições?

Ernesto Sinatra: Precisamente o primeiro significado do conceito de *toxicomania generalizada* indicava esta via. Em outro lugar, fiz referência às *monomanias do século XXI*, para denotar – com um termo do século XIX – que o gozo é sempre “monomaniaco”, que a toxicidade do gozo (e devemos a Mauricio Tarrab essa notável expressão) é sua iteração mesma, sua manifestação como Um, *cada vez*, mas além de considerar a incrível variedade de suas manifestações – como amplamente o provam as envolturas dos sintomas contemporâneos. Verdade é que hoje toda ação humana é susceptível de ser considerada como uma adição, falar, então,

de poli-adições poderia fazer-nos esquecer que as várias formas de gozo fazem existir *isso* que se apresenta sob inúmeras roupagens como Um: uma vez; uma vez; uma vez... A este respeito, me pareceu genial - de uma precisão clínica notável - o modo que Miller definiu o alcoolista: o que bebe sempre do mesmo copo, repetidamente – eu acrescentaria: seu mesmo gozo. Acredito que é um princípio decisivo para não enjoarmos com a variedade quase infinita de ações consideradas aditivas.

Maria Wilma Faria: A verdadeira toxicomania, concebida como um modo de gozo não localizado, estaria na contemporaneidade mais próxima das psicoses?

Ernesto Sinatra: Em uma ocasião, há muito tempo, me referi ao *verdadeiro toxicômano* como o *parceiro* real do mercado, algo como um “consumidor ideal” (considerando ‘ideal’ em seu viés de gozo). Desde o início de nossas investigações no TyA aprendemos como uma droga (ou várias, inclusive em algumas ocasiões) podia cumprir uma função de localização, estabilizando determinados *parlêtres*.

Lembro do caso de um sujeito esquizofrênico que, para defender-se de um empuxo à mulher - caracterizado por vozes femininas que queriam castrá-lo - encontrou a solução no consumo de anfetaminas, pois com elas se mantinha acordado para evitar que isso acontecesse. O singular do caso consistia no nome que era dado a esse recurso: chamava às drogas: *anti-fetaminas*. Ou como ele próprio disse em uma ocasião, sem referir-se à substância: “às *minas* deve mantê-las longe”. Notável é o modo pelo qual - com o uso destas drogas - este homem conseguiu reforçar sua masculinidade, ao passo que detinha a intrusão destas vozes que o empurravam para uma castração real. Mais uma vez: trata-se de desdobrar - mas acima de tudo respeitar - a *função do tóxico* para cada um.

Agora, como fazer neste caso - ou em casos semelhantes - para ajudar a intervir, por exemplo, a um juiz que se destina a privá-los de um recurso estranho que oficia como enodamento - bizarro muitas vezes, como a “anti-fetamina” - que certamente tanto lhe custou criar, privando-os em nome de “seu Bem”, em nome de seu “bem-estar”?

Este tema é uma prioridade para nós - e não menos um desafio – por isso a FAPOL tem instalado *Observatórios* com o objetivo de apresentar nossos pontos de vista como praticantes da psicanálise sobre questões envolvendo a privacidade. Para fazer saber nossos acordos - mas não menos nossos desacordos – com as políticas de Saúde Mental, por exemplo, para influenciar decisões, legislação e posições que determinam, finalmente, as vidas dos cidadãos em nome do Bem comum. Vamos tentar promover as diferenças subjetivas, o respeito pela originalidade dos recursos escolhidos pelos sujeitos - em cada caso, de acordo com suas possibilidades, às vezes fora das normas que ditam o que é apropriado para o conglomerado social - considerado como um Todo indivisível.

Maria Wilma Faria: A tese de Lacan que aponta que a droga é o que permite ao sujeito a romper o casamento com o falo, continua valendo para o estado atual da civilização?

Ernesto Sinatra: Em princípio diria que sim, mas ao mesmo tempo penso que talvez não só a droga teria hoje essa função; por exemplo - e é apenas uma interrogação – acaso não poderíamos considerar certos *gadgets* atuais com essa mesma função? Porque a princípio eles foram criados para realizar precisos fantasmas - em

nome do falo, articulando o sujeito ao objeto ($a//\text{-}\phi$); mas cada vez mais parece que sua função se separa de uma cena, de um teatro de satisfação articulado a algum Outro, para se tornar puro objeto de gozo: sem mediação do Outro, em ocasiões sem sequer presença dos outros...

Parece que os *gadgets* contemporâneos pretendem separar-se *também* da função fálica a que respondiam e ao fazê-lo tem desligado a articulação ($a//\text{-}\phi$). Mais uma vez, se *Impossible is nothing!* os objetos promovidos hoje pelo mercado têm cada vez mais a marca da ausência do impossível (caracterização freudiana da castração) e talvez por isso cumpram uma função semelhante à das drogas: mais além do fantasma, do pai do Édipo e do falo, realizar um gozo imediato que produz um curto-circuito do corpo de forma direta, sem qualquer mediação. Enfim, é uma idéia que acabou de aparecer para mim...

Enquanto isso, vamos continuar revisando, revisitando nossos conceitos para continuar verificando sua eficácia na atualidade e considero este um dos desafios que nos propõe o próximo ENAPOL que nos reunirá em São Paulo em setembro próximo.

Tradução: Maria Celia Kato

Revisão: Oscar Reymundo

Entrevista a Antonio Beneti¹

Interview with Antonio Beneti

(Belo Horizonte, Brasil)

Resumo: Nesta entrevista, concedida por Antonio Beneti a Pharmakon, ele fala do tratamento das toxicomanias na Rede Pública e nas Instituições, assim como da interferência do discurso religioso neste tratamento no Brasil. Também fala do tema do ENAPOL VII e do X Congresso da AMP, relacionados com as adições generalizadas.

Palavras chave: toxicomanias, adições, instituições, religião, falasser

Abstract: In this interview, conceded by Antonio Beneti to Pharmakon, he talks about the treatment of drug abuse in the public services and Institutions, as well as about the interference of religious discourse in this treatment in Brazil. He also talks about the theme of ENAPOL VII and of the X WAP Congress, related to generalized addictions.

Keywords: drug abuse, adictions, institutions, religion, talking being

Elisa Alvarenga²: Enquanto membro do Conselho da AMP, e considerando sua experiência e trajetória no campo das toxicomanias, inclusive como fundador do Centro Mineiro de Toxicomania (CMT), o que você poderia nos dizer sobre a ação lacaniana no campo das toxicomanias? Você é favorável à criação de Instituições, públicas ou privadas, exclusivamente dedicadas ao tratamento das toxicomanias?

Antônio Beneti: O Centro Mineiro de Toxicomania foi fundado há pouco mais de 30 anos. E, o consumo de drogas naquela época era bem diferente de hoje. Os ditos toxicômanos estavam encarcerados nas dependências policiais, indiscriminadamente, sob o rótulo de delinquentes, marginais, “transgressores” com relação às leis antidrogas estabelecidas. Eram então tratados pelo discurso jurídico-policial, centrados na proibição e penalização do consumo de drogas ditas ilícitas. O pressuposto “oficial” (ainda vigente hoje), centrado no objeto-droga, era o de que “a droga faz o toxicômano”. O primeiro passo foi criar um espaço “aberto” para a escuta dos sujeitos em questão: dar a palavra aos toxicômanos para falarem de suas experiências de construção desse sintoma. Assim, escutando um-a-um no espaço precursor do CMT, o Centro de Reintegração Social - 3 salas dentro do Hospital de Pronto Socorro Amélia Lins - pudemos constatar que nem todos que se drogavam viravam toxicômanos e, muitos, com a abstinência do consumo desencadeavam quadros psicóticos, muitas vezes com passagens ao ato “anti sociais”. Isso fazia vacilar o pressuposto oficial centrado no consumo de drogas e no conceito de transgressão às leis antidrogas estabelecidas.

Em seguida fomos escutar o lugar e função singulares, para cada um, da dita toxicomania. Estava aberto o caminho para uma clínica das “suplências” às forclusões localizadas e generalizadas, e o caminho hoje para o trabalho com o falasser nas suas invenções sinthomáticas, no caso, as toxicomanias.

Já estava aí a ação lacaniana, como uma flecha atirada contra um dos “balões segregativos” num aparato jurídico-policial. O Centro Mineiro de Toxicomania foi um efeito dessa ação lacaniana. É necessário, hoje, “outra flechada” no campo da toxicomania “barulhenta”, escandalosa, com passagens ao ato que caracterizam violência social, no que se tornou o consumo do “crack” entre nós. E que tem recebido por parte do Estado,

¹ Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) e Analista Membro da Escola (AME).
² AME da EBP e da AMP.

particularmente em São Paulo, onde a população consumidora é maior, um tratamento assistencial segregativo, com a instalação de “cercadinhos” ao redor do aglomerado de consumidores a céu aberto no centro da cidade de São Paulo (a chamada “Cracolândia”) separando-os da população. E, agora, recentemente isolando-os em pequenos hotéis desativados, na região. Isola-se o “lixo humano capitalista”...

Não sou favorável à criação de Instituições públicas ou privadas “fechadas” para acolhimento e tratamento desses sujeitos. Embora muitos casos venham a requerer uma internação clínica ou psiquiátrica de urgência. Em Belo Horizonte poucos leitos públicos para esses momentos cruciais têm até agora se mostrado eficazes para um acolhimento e cuidados de curtíssimo prazo, com o tratamento continuando nos ambulatorios e hospitais-dia/ e, noite. Contudo faltam aí profissionais orientados analiticamente para a escuta desses sujeitos. Não creio que a orientação basagliana que retorna hoje com muito vigor no serviço público seja suficiente, assim como a psicanálise não o é... Certa “humildade” terapêutica de ambas as orientações poderiam se somar, sem a pretensão de suficiência, e fazer avançar o tratamento desses sujeitos.

Creio também que se não estivermos atentos, todo o trabalho iniciado em 1979, de desconstrução da lógica asilar no Brasil, irá por terra abaixo... Existem centenas de mandatos judiciais (cerca de 500) aguardando vagas para internação desse tipo de pacientes no hospital psiquiátrico em Belo Horizonte. Imagine no Brasil todo...

E.A.: O próximo ENAPOL (Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana), que se realizará em São Paulo, terá como tema “O império das imagens”, e o primeiro número da Revista Pharmakon digital no Brasil, tem como eixo temático “Imagens e intoxicações”. Qual a relação a seu ver, entre o que chamamos de império das imagens, uma nova forma de pensar o imaginário e as toxicomanias?

A.B.: É verdade que nesse contemporâneo, onde o imaginário joga um papel fundamental, temos intoxicações de toda ordem que constroem corpos incessantemente: anabolizantes, aditivos sexuais, modeladores corporais tais como silicone, botox, estimulantes do rendimento escolar, intelectual, profissional, hormônios de toda ordem, etc... além das substâncias intoxicantes associadas à intoxicação significativa da “vida saudável” que tem se mostrado mortífera muitas vezes...

Faço uma distinção conforme disse acima com relação ao que chamo de “verdadeiras toxicomanias” onde o corpo “feito” ao olhar do Outro é o “corpo dejetivo”, resto que pode causar horror ou fascínio (travestido de humanismo)... Por que não? A imagem dos corpos aglomerados nas “cracolândias” da vida das grandes cidades brasileiras retrata bem esse aspecto...

E.A.: Podemos dizer que a toxicomania é o paradigma do sintoma na contemporaneidade, na medida em que temos aí um empuxo ao gozo desprovido de sentido? Devemos privilegiar o uso do termo “toxicomania” em detrimento do termo “adições”, embora este último, utilizado pelo DSM, seja mais abrangente, incluindo as adições à internet, aos gadgets, ao sexo, às compras, etc?

A.B.: Sim, “todos toxicômanos!” no mundo contemporâneo. Nesse mundo de hoje onde o mais de gozar é maior que os ideais na cultura, via Discurso da Ciência enquanto motor do Discurso Capitalista, o consumo de drogas ditas lícitas produzidas pela indústria farmacêutica, supostas produtoras de bem estar e, ilícitas, sintéticas oriundas do tráfico e dos laboratórios clandestinos é acentuado. O tráfico da cocaína tornou-se uma mega

empresa capitalista contemporânea, mais lucrativa que empresas como Apple ou uma petrolífera qualquer...

Eu faço uma distinção entre as verdadeiras toxicomanias e as adições generalizadas. A Humanidade sempre se drogou como “auto tratamento” para o enfrentamento do mal estar na cultura. Isso antecede o discurso capitalista. Hoje, todos os objetos de consumo podem fazer uma adição do “mais de gozar”. E, é claro que é muito mais difícil a prática da psicanálise aplicada ao campo das toxicomanias onde, de certa forma, os analistas têm “batido em retirada”, “recuado muito”: ...dá muito trabalho, muita demanda do Outro familiar, muitas passagens ao ato e, pouco dinheiro...(rsrs). Veja, não existe nenhum campo da prática da psicanálise aplicada onde se fracassa tanto... Mas, há cinquenta anos era assim com a psicose... Não recuamos diante da psicose e avançamos muitíssimo! Hoje a clínica da psicose é uma certa rotina da clínica psicanalítica...

Tudo pode “fazer adição”. Por exemplo, tenho observado uma certa “tattoo adição”: o que era ontem uma pontuação sobre um corpo, algo localizado, uma carícia sobre a pele (como nos diz Miller), hoje nos faz “corpos tattoo” generalizadamente. Amarrações corporais sem sentido, não interpretáveis, que tentam conter a “fuga do corpo”, esse corpo que achamos que temos, que não temos... e, que nos “escapa” sempre.

E.A.: O que a clínica da toxicomania, na orientação lacaniana da psicanálise, deve ao que Jacques-Alain Miller chamou, a partir de Lacan no texto “Joyce o Sintoma”, de parlêtre, em substituição ao inconsciente freudiano? Você considera que o que estamos tentando definir como a análise do falasser é mais favorável à clínica da toxicomania que a análise do sujeito do inconsciente?

A.B.: Com certeza. E em muitíssimos casos conseguimos conduzir o sujeito a uma outra amarração sinthomática.

E.A.: Você tem se debruçado sobre as tentativas de um certo discurso político-religioso de regulamentar a psicanálise no Brasil. Como é que esse discurso, a seu ver, interfere no tratamento das toxicomanias diferentemente da psicanálise?

A.B.: O discurso religioso é um discurso tóxico, intoxicante. Baseado na política terapêutica do princípio da abstinência introduz-se uma intoxicação significativa religiosa. Uma “prótese religiosa”. Mas, sem conseguir tocar o falasser no sentido de uma invenção, de uma nova amarração sinthomática. Por isso, ao saírem das comunidades terapêuticas religiosas, imediatamente se drogam novamente, se reintoxicam com a “nomeação de dependentes químicos” e muitas vezes são trazidos a nós, analistas, para uma desintoxicação religiosa e abertura de nova demanda de serem escutados.

E.A.: Na perspectiva de uma nova ordem simbólica, do “Outro que não existe”, e do que Jacques-Alain Miller tem nomeado como “feminização do mundo”, como podemos pensar a questão da legalização ou da descriminalização de algumas drogas? A lógica do não-todo poderia aí nos ajudar a pensar melhor?

A.B.: Questão complicada, que extrapola o campo da psicanálise, tocando os discursos jurídico, político e econômico. Roberto Saviano, italiano que escreveu “Gomorra”, sobre a máfia, escreveu recentemente “Zero, zero, zero” (nome da cocaína mais pura entre todas), onde defende corajosamente, a legalização do consumo de cocaína como único meio de combate a essa “mega empresa capitalista” que é o tráfico de cocaína.

Por outro lado, existe uma nítida tendência universal de legalização do consumo de outras drogas, por exemplo, a maconha. Anexada pelo discurso científico medicinal. Mega empresas capitalistas podem advir daí, minando as forças do tráfico. Talvez a antiga indústria do tabaco, em declínio no contemporâneo, se transforme na indústria da maconha.

É lógico que a descriminalização é um avanço cultural, político, e “pró-falasser”. É evidente, sabemos que um falasser não é um criminoso. Embora, possa cometer atos infracionais que deverão ser tratados pela escuta analítica e pela ordem jurídica.



ADOLESCÊNCIA

Entrevista a Juan Pablo Mollo¹

Interview with Juan Pablo Mollo

(Buenos Aires, Argentina)

Resumo: O autor revela a construção discursiva do delinquente, desde a ordem médica, jurídica, psicológica, política, social e mediática, como elementos de legitimação do poder de castigar e do controle social. Também indica como a droga e a adição como epidemia de base neurológica, aumenta o retrato do delinquente, percebido como perigo social. Inversamente, localiza a psicanálise como uma prática sobre o sujeito e seu gozo, que não forma parte do biopoder nem legitima o sistema penal.

Palavras-chave: Delinquência juvenil, delito, psicanálise, direito, criminologia, drogas, controle, biopoder, tratamento.

Abstract: The author reveals the speech construction of delinquency, from medical, judicial, psychological, political, social and mediatic orders, as elements of legitimation of the power to punish and of social control. He also indicates how the drug and the addiction as an epidemic of neurological basis increases the portrait of the delinquent, perceived as a social danger. On the contrary, he places psychoanalysis as a practice about the subject and his jouissance, that is not a part of biopower nor legitimates the penal system.

Keywords: Juvenile delinquency, crime, psychoanalysis, law, criminology, drugs, control, biopower, treatment.

Darío Galante²: Você acabou de publicar no Brasil o livro “O delinquente que não existe”, por que elegeu um título tão controverso?

Juan Pablo Mollo: Principalmente porque existe uma construção do delinquente desde o ponto de vista jurídico, médico e psicológico. Os alicerces de tais discursos podem ser encontrados no século XVIII e remontam à noção de culpabilidade como uma verdade científica atrelada ao direito penal.

Atualmente, na prática penal se multiplicam justiças menores e juízes paralelos condicionados pelo momento político e social. O juiz ordena a seus “auxiliares da justiça” certas investigações denominadas perícias para que o aconselhem e decidam se um sujeito é perigoso ou não, de que maneira proteger-se, como intervir para modifica-lo, se é preferível tratar ou reprimir, etc. Os novos conselheiros do castigo, fazem ao delinquente segundo sua disciplina. Qual é o resultado da avaliação? A construção fantasmática do delinquente, baseada na recriminação jurídica ou ética e tipificada pelas condutas e perfis referidos à personalidade perigosa.

D. G.: Você fala de uma nova experiência do delito na sociedade contemporânea. Pode ampliar esta ideia?

J.P.M.: Em 1896, Durkheim sustentava que a função social do castigo, era solidificar os laços sociais e a consciencia coletiva, ao expressar os valores de uma determinada sociedade. Cem anos depois se verifica uma consciencia coletiva do delito, cuja expressão é um difuso medo à delinquencia que organiza a vida cotidiana. A chave é a seguinte: a experiencia coletiva do delito é uma rede que entrelaça mentalidades e sensibilidades coletivas, ou seja, não é uma vivencia individual sem a mediação da cultura e seus significados sociais. A percepção do delito contém um significado social concreto e histórico que configura um modo de interpretar os perigos potenciais.

D.G.: Assim, fica aberta uma possibilidade de utilização política do delito?

J.P.M.: A construção do delinquente também é social, política e midiática. Por exemplo, em contextos

¹ Lic. en Psicología UNLP. Membro de la Escuela de Orientación Lacaniana (EOL), Membro de la Asociación Mundial de Psicanálise (AMP) y Docente do Instituto Oscar Masotta (IOM) Autor de: *Psicanálise e criminologia* e *O delinquente que não existe*, ambas obras por Ed. Saraiva, Salvador, 2015.

² Miembro de la Escuela de la Orientación Lacaniana y de la Asociación Mundial de Psicoanálisis.

eleitorais a segurança pública assume um protagonismo extremo nos discursos políticos, cujos efeitos tendem a favorecer uma resposta autoritária e impulsiva de ordem punitiva. O controle social contemporâneo não procede dos fundamentos da sociologia do castigo, senão das condições e mecanismos de poder que constroem consenso entre as massas.

D.G.: Em seu livro você indica que a droga não causa a delinquência. Você considera que o consumo de drogas é parte do retrato social do delinquente?

J.P.M.: Sim, o estereótipo do delinquente inclui o consumo de drogas, porém a associação entre drogas e delinquência é falsa. Por outro lado, o problema do consumo de drogas é um problema da classe alta.

Agora, quando se tenta explicar as causas da delinquência e das adições, curiosamente se apelam aos mesmos argumentos vazios e gerais: deserção escolar, famílias desintegradas, violência familiar, desemprego, exclusão social ou vulnerabilidade social, etc. E, precisamente, tais hipóteses gerais respondem à estigmatização do indivíduo marginal, portador de uma periculosidade, que é o núcleo do amálgama entre droga e delinquência. Logo, o poder de castigar criminaliza o consumo de estupefacientes, porém, com o pretexto de cumprir a lei, sempre controla e seleciona o estereótipo do indivíduo marginal, adicto e delinquente, que é perigoso para a sociedade.

D.G.: Qual a sua opinião sobre a despenalização do consumo de drogas?

J.P.M.: O consumo de drogas é o verdadeiro rosto da sociedade capitalista. Até as Nações Unidas situam o ingresso da indústria ilícita de drogas por cima do comércio do petróleo. Pode-se concluir então que o narcotráfico não responde às leis jurídicas e à formalidade do direito, senão, ao interesse sem concessões do mercado. Por outro lado, a potência das drogas também depende da indústria farmacêutica multinacional que tem conseguido a certificação objetiva de uma generalizada patologia “depressiva”, para administrar o sonho da “felicidade química”, com as drogas legais: benzodiazepínicos e outros psicotrópicos, os quais podem enquadrar-se em uma unidade conceitual junto ao consumo e o tráfico de drogas ilícitas. Em definitivo, com estas mínimas ideias quero indicar que a descriminalização do consumo depende do real poder do mercado e da política, que excede a perspectiva jurídica e de saúde mental.

D.G.: E o que pensa sobre a guerra às drogas?

J.P.M.: Richard Nixon na década de 70 impulsionou a primeira guerra contra as drogas. Logo em 1982, Ronald Reagan, relançou a mesma guerra, influenciando em vários países da América Latina que deviam alinhar-se com as políticas dominantes. O resultado foi nefasto: criminalização de usuários de drogas e fortalecimento do poder punitivo. Além disso, o pretexto de uma guerra admite a marcação, a perseguição e a eliminação de indivíduos considerados como o mal da sociedade. E no âmbito público, a guerra alucinada contra as drogas termina por incentivar o antagonismo entre as classes, uma vez que, como disse anteriormente, são unicamente os indivíduos pobres aqueles inimigos selecionados para o processo de criminalização.

D.G.: Deixando de lado o sistema penal e a sociologia que o justifica, de que modo distingue droga e adição?

J.P.M.: A droga definida como substância se distingue das adições que sempre remetem a um sujeito. Por

exemplo, no jogo patológico há adição, porém sem substância ou droga, e inversamente, é possível consumir alguma droga sem que isso suponha adição. A droga não tem o poder de produzir automaticamente adictos. Grosso modo, é importante diferenciar a posição subjetiva de quem usa uma droga para fazer uma experiência, ou inversamente, para escapar do mundo concreto. O uso de drogas a serviço do prazer deve distinguir-se do consumo repetitivo e mortífero por fora do Outro. Por outro lado, e saindo das generalidades, a clínica psicanalítica verifica a existência de diversos usos da droga de acordo com cada caso, e permite iluminar que função a droga cumpre, mais além da moral, e do direito, em uma estrutura subjetiva.

D.G.: Você indica que o delinquente não é um adolescente em risco e a delinquência não é uma epidemia. Pode afirmar o mesmo em relação aos adictos e as adições?

J.P.M.: Sim. É o mesmo paradigma. A interseção entre as ciências biomédicas e as ciências sociais, conflui com a epidemiologia, que integra seus métodos e princípios para estudar a saúde e controlar as enfermidades nos grupos humanos bem definidos. Com esta origem, pode-se compreender que a dimensão chave da epidemiologia é biológica e que sua operabilidade se sustenta na demografia e na estatística para detectar e minimizar fatores de risco. O controle epidemiológico é exercido por investigadores genéticos e psiquiatras e, até, por psicólogos e trabalhadores sociais, que cumprem uma função policial e de controle biopolítico.

D.G.: Você se refere ao controle biopolítico a que se referiu Michael Foucault?

J.P.M.: Com efeito, se trata de políticas sobre a vida que confluem para a seguinte fraude: o cérebro passou a ser a causa real dos problemas da vida. Desta forma, a biografia pessoal e os traumas vividos, os fatores ambientais e sociais, unicamente contam através do impacto no cérebro neuroquímico. Ainda que se trate de uma adição ou de um transtorno de conduta, o importante é que possa ser objetivamente visualizado dentro do cérebro para que possa desembocar, rapidamente, em um tratamento com psicofármacos para reger os modos de governo e controle da conduta humana.

D.G.: O conteúdo do livro mostra que um psicanalista pode escrever sobre direito e sociologia ou bem enfocar inquietações sociais por fora da clínica. Que lugar tem o psicanalista em seu livro?

J.P.M.: Ainda que não seja evidente, este livro é a continuação de “Psicanálise e Criminologia”, onde podem encontrar numerosos textos sobre o encontro do delinquente juvenil com o psicanalista. Ainda temos muito que aprender com os psicanalistas pioneiros na matéria. Em grande parte deste livro tento demonstrar que não há uma “única” forma de delinquência, senão uma pluralidade de posições delitivas mesmo que seja em relação com o ideal, à angústia ou à subjetividade da época. Com relação a “O delinquente que não existe” posso dizer que abordo a problemática delinquente não a partir dos textos psicanalíticos e do sujeito, senão a partir do poder de castigar. Trata-se de um percurso por textos e argumentos de outras disciplinas que instituem a delinquência e legitimam o sistema penal. Apesar da psicanálise não ser a referência principal do livro, é ela que permite localizar-me em um lugar à distância da ordem jurídica, política e social.

D.G.: O que você opina sobre a psicanálise aplicada à terapêutica com adolescentes denominados delinquentes?

J.P.M.: Em princípio, uma instituição coordenada por um psicanalista e orientada politicamente pela psica-

nálise não é uma proposta que faz parte do biopoder. Quando um hospital dia é dirigido por um psicanalista, a disciplina, a regra, e sua micro penalidade inerente, se desvanece em prol de um processo subjetivo orientado pela clínica dos Nomes-do-Pai. Ou seja: para cada caso, seu próprio dispositivo de amarração ao Outro social. A desinstalação do dispositivo do automatismo institucional, facilita a construção de um projeto vital e cultural, que pode estar em diferentes estados ou não estar, a partir do desejo do sujeito que o funda.

D.G.: De que maneira é possível singularizar os casos em uma instituição normativa ou disciplinaria?

J.P.M.: A criação de um dispositivo singular que faça de ponto de capitonê para um sujeito, não se realiza desde um programa standar ou um saber terapêutico prévio, porque nasce com a transferência, se orienta pelo desejo e se verifica pelas consequências. Em outros termos, a partir do encontro com uma equipe de psicanalistas, cada sujeito tem a possibilidade de construir sua própria instituição.

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Oscar Reymundo

Uma instituição para desembaraçar os modos de recuperação do gozo do Outro

An institution to detangle the ways of recovering the jouissance of the Other

Musso Greco¹, Marcelo Bizzotto², Luís Fernando Couto³, Pedro Braccini Pereira⁴,

Pedro Castilho⁵, Ana Elisa Maciel⁶ (Belo Horizonte, Brasil)

Resumo: Cientes de que não há solução universal calcada no supereu ou no ideal, tentamos surpreender esses sujeitos que tampouam suas questões com a droga e que se embrenham em atuações que podem levá-los ao curto-circuito da morte, oferecendo-lhes perguntas sobre como tentam dominar suas situações de conflito social e subjetivo, isolando seu objeto singular de gozo: a droga.

Palavras-chave: toxicomania, gozo, nós borromeanos, corpo, eu.

Abstract: Aware that there is no universal solution grounded in the ideal nor the superego, we tried to surprise adolescents who don't want to know about their issues with the drug and so come into actions that can lead them the death, offering them questions about their situations of social and subjective conflict, isolating their singular object of jouissance: the drug

Keywords: drug addiction, jouissance, borromean nodes, body, ego.

O projeto clínico *Centro de Atendimento e Proteção ao Jovem Usuário de Tóxicos (C.A.P.U.T)* foi implantado em agosto de 2012, por uma ONG, em parceria com o Tribunal de Justiça, e com apoio financeiro do Governo do Estado de Minas Gerais. O C.A.P.U.T. tem uma estrutura de atividades que contempla grupos de conversa, oficinas (com referências ao *hip hop* e ao audiovisual), atendimento familiar, atendimento de escuta individual, atendimento psiquiátrico, além de um Programa de Desintoxicação, com esquema de permanência-dia e oito leitos de atenção integral. A orientação clínica é dada pela psicanálise lacaniana, a clientela é composta por adolescentes com história de abuso/dependência de substâncias psicoativas (principalmente de cocaína e crack), e busca-se propiciar uma “socialização do gozo” no espaço da clínica. A metodologia clínica desse projeto sustenta-se na construção do caso clínico – que visa localizar o sujeito e seu ponto de gozo –, e o serviço é pioneiro no Brasil. Chama a atenção nos casos, além da ausência da figura paterna, um exercício igualmente deficitário da função materna: Gozo materno desenfreado, Nome-do-Pai falido. Temos encontrado um grande número de pacientes para quem o registro simbólico funciona mal, com uma pregnância do imaginário, e apresentações fora ou pouco sintonizadas em relação ao laço social, desenganchadas, o que nos leva sempre a levantar a hipótese de psicose ordinária. Alguns fragmentos clínicos servirão aqui como modo de apresentação das principais questões que movimentam o trabalho dessa equipe:

Habbo Boy, 15 anos, não tem pai, todo o relato do caso é repleto de mães (biológica, adotiva, irmã que pediu que o adotassem “para ela”, avó), “nunca ouviu um não na vida”, segundo a mãe adotiva, com quem dormia até que isso fosse impedido pela equipe do C.A.P.U.T. Padrão de consumo de drogas compulsivo, desde a puber-

1 Psiquiatra. Psicanalista. Aderente da EBP Seção Minas Gerais. Mestre em Psicologia (UFMG). Doutor em Ciências da Saúde (UFMG)

2 Psicólogo. Psicanalista. Mestre em Psicologia (UFMG).

3 Psiquiatra. Psicanalista. Mestrando no Programa de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência (UFMG).

4 Psiquiatra. Psicanalista. Mestre em Psicanálise, Psicopatologia e Psicologia Clínica pela Faculdade de Psicologia (Universidade de Strasbourg).

5 Psicólogo. Psicanalista. Mestre em Teoria Literária (UFMG). Doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Professor Adjunto da Faculdade de Educação (UFMG).

6 Psicóloga. Psicanalista. Doutoranda na Université Nice- Sophia Antipolis.

dade, problemas de convivência acentuados, tais como brigas, irritabilidade e agressividade, além de falta de vínculo com escola. Ele funciona na perspectiva mais primária da demanda imaginária, atuando de modo transgressivo, a todo o momento, em total escassez do recurso ao significante, colando-se ao outro, e mimetizando-o. Por identificação do gozo no lugar do Outro, se autodiagnostica como “viciado”, o que lhe permite algum tipo de enlace com o Outro, ao nível do imaginário, ao mesmo tempo em que, pelo retorno do gozo no próprio corpo, pela via dos efeitos químicos produzidos pela droga, consegue alguma moderação do gozo materno que o invade, contínua e ambivalentemente. A separação da mãe – por meio de um trabalho de acolhimento à sua história e percalços, sem que ela precise recorrer ao filho como o nome de seu tormento – produz algum (precário) reenganchamento significativo. O trabalho diuturno de vários, na equipe, tenta sustentar nas oficinas uma articulação do Imaginário e do Real, além de investir, sob transferência, em alguma nova nominação do sujeito (articulando Simbólico e Real).

Já Creta, uma menina de 16 anos, que participou de assalto à mão armada e consome freneticamente cocaína (desde a puberdade, como todos no C.A.P.U.T.), encaixa-se mais no modelo da Jovem Homossexual, de Freud, devido ao ressentimento pela decepção causada pelo pai, que a leva a sustentar uma posição fálica como reação de vingança ao pai, com o qual se identifica. Ela apresenta uma série de distúrbios psíquicos: alterações no curso e na associação de idéias, exagero e supressão dos sentimentos, histrionismo, hipomania, voracidade. Ainda estamos investigando se ela, no meio social – onde circula com desenvoltura –, é “melhor que um homem” (sua posição irônica nos grupos eminentemente masculinos do C.A.P.U.T. insinuam isso), e sua vida sexual: o que acha dos homens, se há repulsa ou nojo em alguma situação, se ela mais dá do que recebe orgasmos, se é dedicada à parceira como um homem deveria ser, se ela busca ser a causa de gozo de uma mulher... Ela tem pai (fraco, impotente, mas presente): um pai brigão, traficante, toxicômano contumaz, levado, “aos pouquinhos”, pela esposa para a Igreja. Será que ela se pergunta, a partir do Édipo, se é homem ou mulher? Será que ela se exhibe para o pai em assalto a mão armada ou sendo presa ou usando drogas desde muito cedo ou brigando muito com ele na infância, para atrair sua atenção? O amor pelo pai, apesar de suas falhas, fica evidenciado nas tentativas de suprir a incapacidade paterna? Houve uma falha do Simbólico na hora de substituir o gozo pleno do corpo infantil pela circunscrição fálica na adolescência? A operação que inscreveria a castração como algo que resta da substituição da Coisa pelo objeto fálico falhou, obrigando o sujeito a se agarrar a determinados objetos (a droga, por exemplo) e à identificação imaginária, na ilusão de que estes lhe pudessem restituir uma satisfação completa e um “eu” (tomado de empréstimo ao pai?). Definir com exatidão a função que o uso de drogas ocupa na vida psíquica dessa jovem dará direção ao tratamento: produzir um anteparo ante um gozo intrusivo e ameaçador ou produzir um sintoma analítico e uma divisão subjetiva?

Por fim, Dimas é um adolescente de 17 anos, que roubou um celular na porta da escola próxima à sua casa, para comprar cocaína, e cujo quadro de desorganização psíquica, compulsão e ansiedade indicou internação. O *Facebook*, apresentado a ele no C.A.P.U.T., revelou-se um dispositivo importante na construção da autoimagem de Dimas, assim como a escrita e sua identificação em espelho com seu psicanalista, visto por ele como “o professor das belas mulheres”, profissão que passou a almejar. Sua relação chistosa com a língua, seja por meio

dos apelidos que colocou em toda a equipe e colegas de tratamento, seja por invenções linguageiras (como: “assalto a mão aberta”), permitiram-lhe alguma aceitação social. Fora desse jogo de “estranhamento da língua”, mostrava-se apático, ausente e sem afeto, completamente desconectado. A droga e os roubos (que aconteceram também na instituição) foram vistas como tentativas de amarrar o Real ao Imaginário. No tratamento, pôde-se ver um esboço de recomposição da amarração dos nós por meio da transferência (Simbólico e Imaginário), da medicação (Real e Imaginário) e da interpretação irônica que faz do Outro (Real e Simbólico). No entanto, a relação do jovem com o significante é precária, e ele não consegue representar seu ato de roubar no campo discursivo ou mesmo responsabilizar-se minimamente por ele, gerando rejeição do grupo, e tornando sua permanência no C.A.P.U.T. cada vez mais limitada aos atendimentos individual e familiar, sem possibilidade de frequentar as oficinas e outras atividades coletivas, que poderiam trazer benefícios à construção de um corpo e de um eu para esse sujeito.

Nos grupos, temos nos deparado com alguns deslocamentos, desabafos, reinvenções do laço social, conselhos, reflexões, revelações, vacilação das nomeações, surpresas e traduções, que permitem aos sujeitos um relançamento no campo da palavra – para além do consumo e do ato –, em um pacto vivificado, que desperta um gosto de dizer: “quem tem que colocar limite nas coisas é a gente, se você não colocar, aí já era”; “a droga fica na cabeça, falando: usa, usa, usa! não dá para controlar”; “quando estou chapado, fico mais criativo, mas a gente pode ser preso por causa de droga, pode dar overdose, queima neurônios, não deixa você aprender na escola; eu estou cansado disso”; “droga mata, mas remédio também – mas eu tenho que tomar remédio, senão eu fico igual um zumbi à noite”; “se você pensar 5 minutos antes de fazer, aí você não faz; então, dá para segurar”; “eu sou assim por causa do meu pai...nada que eu fazia estava bom para ele, aí fui fazer essas coisas de tráfico e de usar droga”; “eu entrei nisso porque eu não tive amor de pai e de mãe”; “eu pego minhas primas para não pegar minha irmã”; “que graça tem viver? a gente não tem futuro mesmo.”

Cientes de que não há solução universal calcada no supereu ou no ideal do eu, tentamos surpreender esses sujeitos que tamponam suas questões com a droga e que se embrenham em atuações que podem levá-los ao curto-circuito da morte, oferecendo-lhes perguntas sobre como tentam dominar suas situações de conflito social e subjetivo, isolando seu objeto singular de gozo e buscando no inconsciente os signos peculiares de uma identificação, de uma história, de um saber.

Imagem intoxicante na adolescência contemporânea

Intoxicating image in contemporary adolescence

Vinícius Carossi¹, Raimundo Jorge Mourão² (Belo Horizonte, Brasil)

Resumo: O presente trabalho é um estudo sobre as formas intoxicantes das imagens por meio das soluções contemporâneas da holófrase S1-a na adolescência. Para tal, utiliza-se do relato autobiográfico de Marya Hornbacher, anorética-bulímica e escritora *best-seller*.

Palavras-chave: adolescência, imagens intoxicantes, bulimia, anorexia, sintoma contemporâneo.

Abstract: This work is a study of the forms of intoxicating images through contemporary solutions of the S1-a holophrase in adolescence. To do this, it uses the autobiographical account of Marya Hornbacher, anorexic-bulimic and bestselling writer.

Keywords: adolescence, intoxicating images, bulimia, anorexia, contemporary symptoms.

Os estudos de relatos autobiográficos estão na tradição psicanalítica. Entre a autobiografia e a autoficção há uma fronteira híbrida entre real e ficcional, na qual o autor surge em seu texto não pelo dito, mas por aquilo que lhe escapa e o faz emergir como própria imagem de si. Segundo Lacan (1964), a rememoração da biografia marcha até um certo limite, que se chama real.

Marya Hornbacher é uma escritora norte-americana que publicou seu livro, *Dissipada: memórias de uma anorética e bulímica*, em 1998, quando tinha 23 anos. A obra teve grande repercussão internacional. A autora conta “a história das viagens de uma mulher a um lado mais escuro da realidade e de sua decisão de fazer o caminho de volta”, percorrendo desde sua infância até a adolescência, passando diversas hospitalizações, além de encontros com as drogas.

Os sintomas contemporâneos caracterizam-se, segundo a leitura de Laurent em uma conferência em Buenos Aires (2006/2015), como uma ligação direta entre S1-a. O emparelhamento desses elementos faz com que tais sintomas - que possuem um lugar privilegiado na época em que o Outro não existe - tenham maior incidência no campo social. Quando tratamos da adolescência e de suas particularidades, as manifestações sintomáticas muitas vezes se apresentam de maneira aguda e perturbadora, como bem aponta o escrito autobiográfico de Hornbacher.

A adolescência, em particular, é um momento em que essa solução (S1-a) se apresenta com mais força, seja por uma tendência genérica de nossos tempos, seja por uma dificuldade de traduções das posições de reconhecimento no campo de um Outro tão volúvel e insípido. A dificuldade de tradução, no simbólico, de uma nomeação que dê conta de sua posição como sujeito, conclama os adolescentes para um vórtex imaginário interminável. As posições objetais e destrutivas a que a hiância mortífera da parelha imaginária *a-a'* convoca têm efeitos devastadores na juventude de hoje. Portanto, tais soluções contemporâneas parecem fazer suplência a esse campo minado. Sobre essa parelha imaginária intoxicante, Hornbacher localiza sua própria vida como uma espécie de “fase do espelho”. A escritora relata a sensação de estar sempre presa a uma espécie de sala de

1 Analista praticante. Psicólogo do CAPUT (Clínica de orientação lacaniana para adolescentes usuários de tóxicos). Mestre em Psicologia pela PUC Minas.

2 Analista praticante. Psiquiatra do CAPUT. Mestre em Medicina pela UFMG.

espelhos, com infinitas reflexões de si mesma (algo que lhe aconteceu em uma aula de balé). “Eu não estava procurando pela imagem no espelho por um orgulho vaidoso. Pelo contrário. A minha vigilância era outra coisa - tanto a necessidade de ver que eu pareceria ao menos na superfície, aceitável, quanto uma necessidade de me assegurar que eu ainda estava ali” (2006, p.22).

A adolescência é a época em que uma das imagens rainhas, tal qual Miller (2007) trabalhou, a do corpo próprio, se apresenta com grande potencialidade. Miller aponta que cada uma das três imagens rainha (corpo próprio, corpo do Outro e falo) possui um operador específico. No caso do corpo próprio, imagem que colocamos em questão, o operador é o espelho, condizente à situação de Hornbacher, presa em suas imagens intoxicantes. Miller localiza que tais imagens teriam um lugar, no imaginário, semelhante ao que o significante-mestre tem para o simbólico. Contudo, há uma diferença crucial: o significante-mestre é o que significa um sujeito dentro de um discurso, é sua maneira de se posicionar no campo do Outro, enquanto a imagem rainha estaria mais ligada a um operador de gozo. De alguma maneira, a imagem rainha coordena seu modo de gozo, tendo risco de ser intoxicador, caso não haja suporte simbólico. A escritora denuncia esse imbróglio com uma espécie de crença singular que quase lhe causou a morte: “Em algum lugar escondido do meu cérebro existe a seguinte certeza: o corpo não passa de um figurino” (2006, p.122). Sua grande dificuldade parecia residir nesse ardiloso terreno: os limites entre o significante-mestre que representa o sujeito e a hiância mortífera imaginária do espelho. Esse lugar limítrofe é também descrito por Fabíola de Clercq, que diz ser vítima de uma espécie de toxicomania da comida, na qual tenta construir um “corpo frágil” (DE CLERCQ, F. 2012)

Aqui, “anorética” e “bulímica” são nomes que se colam a algo do real e impõem à jovem uma posição de objeto de gozo, pronto a ser consumido, mas não amado. Dissipar esse objeto nada, atrelado a uma série interminável de S1 é o que fazia Hornbacher circular. Abuso de drogas, transtornos alimentares, passagens ao ato, errância, etc. Suas soluções estão na junção entre S1-*a*, chamada holófrase por Lacan, que não inclui o funcionamento do par ordenado S1-S2, a partir do qual o objeto *a* surgiria como um resíduo, sendo, assim, uma solução proeminentemente intoxicante.

Trata-se de um ponto que não está fora do simbólico, mas sim fora da aposta no discurso do inconsciente, aquele que encarna tanto a falta, quanto as possibilidades do saber do Outro. Isso é o que Lacadée (2011) chama de “ponto de onde”, que é essa possibilidade de tradução de seu lugar como sujeito no campo do Outro. Hornbacher, em seus tratamentos homogeneizantes, por meio de ideais universalizantes, se via presa nos grilhões da identificação ao ideal: “Eu adorava principalmente o passo que dizia: sou impotente perante a doença! Acho que essa premissa é a coisa mais perigosa que uma anorética pode ouvir”, em sua função de sustentação ao endereçamento do “estranho”, como o nome daquilo que não pode nem dispensar, nem ser plenamente absorvido pelo saber.

Essa seria a condição para que o inconsciente, como discurso do Outro, pudesse operar, permitindo a ‘tradução’, a introdução de ‘pares ordenados’ no furo por onde um real sem mediação invadia. O analista aprende com esse caso a encarnar a função de escutar até o inominável, o que permitirá ao jovem anorético-bulímico se reconhecer em sua diferença, sulcando *lalangue* de maneira singular, mesmo que seja por meio das brechas

de sua holófrase.

Hornbacher parece conseguir fazer isso por meio de sua obra, na qual pode estabelecer uma exterioridade em relação ao seu conflito especular. Suas constantes referências a si mesma em terceira pessoa parecem lhe proporcionar esse “ponto de onde”, que tem função inequivocamente estabilizadora para ela.

Referências bibliográficas:

DE CLERCQ, F. *Todo o pão do mundo*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

HORNBACHER, M. *Dissipada: memórias de uma anorética e bulímica*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LACADÉE, P. *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2011.

LACAN, Jacques. (1964) *O Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988b.

LAURENT, Eric. *Las psicosis ordinarias* (seminário em Buenos Aires, 2006). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/262089857/Las-Psicosis-Ordinarias-Eric-Laurent#scribd> (acesso em 28/05/2015).

MILLER, J.-A., “A imagem rainha” em *Lacan Elucidado*, Rio de Janeiro, JZE, 1997, p. 581.



TEXTOS TEMÁTICOS

O virtual e o real, seguirão sendo diferentes?

The virtual and the real, will continue to be different?

Gustavo Dessal¹ (Madrid, Espanha)

Resumo: “O olho humano coexiste cada vez mais com o olho cibernético e embora não convenha apressar-se com previsões futuristas, o certo é que o sujeito se transforma gradualmente em elemento meramente intermediário entre a racionalidade técnica e redes sociais de informação e comunicação. Um novo olhar vai colonizando a experiência humana. Teremos que ver que sintomas resultarão desta progressiva mutação”.

Palavras-chave: real, virtual, saturação informativa, metaforização do objeto, mercado, narratividade, presença e ausência.

Abstract: The human eye co-exists increasingly with the cyber eye, and even though it's not plausible to rush future predictions, for sure, the subject gradually transforms into an element merely intermediary between technical rationality and social networks of information and communication. A new perspective colonizes the human experience. We have to see which symptoms will result from this progressive mutation.

Keywords: real, virtual, informative saturation, object metaphor, market, narration, presence, absence.

Uma imagem vale mais que mil palavras. A frase – não se sabe ao certo quem a disse, ou se é um provérbio – é um tópico perfeitamente questionável e possivelmente falacioso. É verdade que *algumas* imagens - nem todas - têm uma potência significativa capaz de condensar um discurso. Foi assim que Freud conseguiu decifrar o enigma dos sonhos: demonstrando que as imagens oníricas constituem um tratamento formal das palavras, uma estrutura análoga à dos hieróglifos. Em decorrência, as imagens podem decompor-se, fragmentar-se, dispersar-se através das palavras, tal como ocorre quando o sátiro do sonho de Alejandro é capturado pela rede interpretativa de Artemidoro: a imagem desaparece e em seu lugar, surgem os significantes (*Sa Tyros*: Tiro é tua) que decidem a batalha. Portanto, o mecanismo pode inverter-se, e as palavras conseguem converter-se em imagens. O inconsciente faz isso (Freud o chamou “consideração da representabilidade”) e também pode consegui-lo o talento criativo de quem fabrica um dizer com as imagens.

Nos últimos anos, diversos especialistas em marketing, publicidade e ciências da comunicação têm verificado que um indivíduo nos Estados Unidos percebe - de forma consciente ou subliminar - uma média de 5000 imagens publicitárias por dia. Muitos estudos têm demonstrado que o efeito de saturação tem aumentado, devido ao fator multiplicador das tecnologias em rede. A partir de determinado limiar perceptivo, o sujeito é incapaz de reter a informação, em decorrência 90% da energia publicitária se perde. Isto é um desafio para criar mensagens que “sobressaiam” do fluxo médio, mas a tendência à saturação acaba por reabsorvê-los. A intoxicação das imagens publicitárias começa a forçar uma mudança de paradigma nesta área e ainda que, no momento, sua emergência seja discreta, se apresenta como um novo modo de promover o consumo de determinado produto.

Muito sucintamente, o capitalismo moderno tem empregado três modelos de vendas sucessivos. Em uma primeira época, o acento se colocava nas qualidades próprias do produto. O objeto era o epicentro da mensa-

¹ Psicanalista e escritor. AME da Escuela Lacaniana de Psicoanálisis e da AMP. Docente do Instituto do Campo Freudiano na Espanha. Seu último ensaio “O retorno do pêndulo” (Buenos Aires e Madrid, 2014) foi escrito em coautoria com Zigmund Bauman e será traduzido em português brevemente. Como autor de ficção escreveu vários livros de relatos e novelas.

gem e a reprodução de sua imagem constituía o foco principal do dispositivo publicitário. Mais tarde, a imagem adquiriu um valor significativo mediante o que poderíamos denominar uma “absorção metafórica” do objeto através da marca. A marca, imagem significantizada do objeto, passa a ser o eixo em torno do qual gira a dinâmica da mensagem. A marca torna-se metáfora do objeto, converte-se ela mesma no objeto a possuir, a ponto de que o produto deve mostrá-la de forma ostensiva, e não simplesmente mediante a etiqueta de uma peça de vestuário. Como um sub-capítulo, ou talvez um aperfeiçoamento deste método, devemos destacar a “literalização” do objeto. “CK”, “D & G”, e “DK” são letras convertidas em imagens, que por sua vez “transportam” a presença do objeto. A significação libidinal do objeto fica cifrada nesta imaginarização da letra, e esta técnica tem dado excelentes resultados há décadas. No entanto, e tal como qualquer outro procedimento que requeira do sentido gozado do sujeito como peça-chave, sua vida não é eterna e nos últimos anos a eficácia da marca começa a mostrar sinais de desgaste. Como fazer-lhe frente? Isso é algo que já incumbe a uma nova forma de capitalismo, que alguns chamam de emocional. O capitalismo que assume de forma decidida uma nova metodologia. Para seduzir, é preciso compreender melhor os mecanismos subjetivos. A idéia de “impor” um objeto, forçando o imaginário social ou coletivo, é coisa do passado, assim como, querer convencer o usuário sobre a *necessidade* de adquirir determinado produto. Agora é preciso trabalhar com duas variáveis fundamentais: o desejo e o gozo. Não é preciso que os publicitários e os criadores de imagem leiam Lacan. Muitos o fazem, muitos se analisam, mas outros chegam por meios diferentes a “captar” esses conceitos, embora não os nomeiem da mesma forma, nem possuam uma teoria consistente sobre eles. O importante é que sabem como empregá-los, como adaptar a mensagem a essas molas inconscientes para colocá-los a serviço do mercado. Assim é como aparece uma terceira etapa, a do “*storytelling*”, que consiste em apresentar o objeto dentro de um desenvolvimento narrativo. A publicidade torna-se deste modo um pequeno relato, com o qual se pode vender desde um iogurte até uma guerra. A imagem deve “tocar” o fantasma, tal como Freud o explica em seu breve texto “Personagens psicopáticas no teatro”, ou seja, o núcleo da identificação.

O problema da saturação conseguiu deste modo um certo alívio, mas novamente passageiro. O crescimento em grande escala da narrativa comercial também desemboca numa intoxicação do desejo. Isso não significa, é claro, que a publicidade tenha perdido por completo seu efeito, mas se produz uma desproporção cada vez maior entre a multiplicação exponencial dos produtos e as capacidades estratégicas e táticas para transformá-los em objeto *a*. Portanto, embora a mudança de paradigma seja ainda incipiente, começamos a ver uma nova e engenhosa fórmula, que recorre desta vez não diretamente ao mais-de-gozar mas ao vazio onde a estrutura o situa.

Esta fórmula utiliza diversos recursos imaginários da qual podemos extrair os dois que começam a difundir-se, e que se concentram na internet, na medida em que o espaço virtual vai se transformando, paulatinamente, no lugar onde tudo acontece. Por um lado, grandes multinacionais têm criado páginas web destinadas a falar ao consumidor. Nestas páginas, não se menciona em nenhum momento o produto que está em jogo. A marca *Loreal*, por exemplo, se dirige às mulheres para torná-las depositárias de incontáveis segredos de beleza, sem mostrar seus preciosos e caros objetos de venda. Por sua parte, *Kelloggs* abre-nos para um mundo infinito de

conhecimentos sobre saúde e corpo, sem ameaçar-nos com tigelas transbordando de cereais.

O outro método consiste em empregar os mesmos elementos narrativos de *storytelling*, mas omitindo também o produto. Pequenos videoclips transformam-se assim em autênticas obras de arte que narram uma história com forte impacto emocional. Uma marca de sucos de frutas criou uma série, que as mulheres seguem com a mesma avidez que vêem as séries americanas, sem que a sequência de imagens revele o objeto. A história é exibida com incrível mestria, para que consiga contornar o vazio, deixando vago o lugar do objeto, o qual, “na ausência e sem efígie”, é contudo evocado.

Jonathan Cary, um dos mais lúcidos estudiosos do reino da imagem, observa em seu livro *Las técnicas del observador* (Murcia, Cendeac, 2008):

“As tecnologias emergentes de produção da imagem estão se tornando modelos dominantes de visualização de acordo com os quais funcionam os principais processos sociais e as instituições. E, naturalmente, se cruzam com as necessidades das indústrias da informação global e com os requerimentos em expansão das hierarquias médicas, militares e policiais. A maior parte das funções historicamente importantes do olho humano estão sendo suplantadas por práticas nas quais as imagens visuais já não remetem em absoluto à posição do observador no mundo ‘real’, percebido oticamente. Pode-se dizer que estas imagens remetem a algo, a milhões de bits de dados matemáticos eletrônicos. A visualidade se localizará, cada vez mais, no terreno cibernético e eletromagnético em que os elementos visuais abstratos e os linguísticos coincidem e são consumidos, colocados em circulação e trocados globalmente”².

O olho humano coexiste cada vez mais com o olho cibernético, e embora não convenha apressar-se com previsões futuristas, o certo é que o sujeito se transforma gradualmente em elemento meramente intermediário entre a racionalidade técnica e as redes sociais de informação e comunicação. Um novo olhar vai colonizando a experiência humana. Teremos que ver quais sintomas resultarão desta progressiva mutação.

Tradução: Maria Célia Kato

Revisão: Oscar Reymundo

2 CRARY, J. *Las Técnicas del observador: visión y modernidade em el siglo XIX*. Murcia: Cendeac, 2008.

Um bem-estar indescritível

An indiscribable welfare

Jean-Marc Josson (Bruxelas, Bélgica)¹

Resumo: O texto apresenta o tratamento de um paciente que demanda parar com o consumo de heroína, a função da droga e a função da instituição que o acolhe, repetidas vezes, ao longo de vários anos.

Palavras-chave: demanda, acolhimento, crise, heroína, instituição

Abstract: The text presents the treatment of a patient who demands to stop the consumption of heroin, the function of the drug and the function of the institution that takes him in throughout the years.

Keywords: demand, welcoming, crisis, heroin, institution.

O caso do Sr. S, que eu escolhi para apresentar neste colóquio, é, paradoxalmente, rico de ensinamentos. Apesar dos poucos elementos de que dispomos - ele não fala muito de si - uma leitura orientada deste caso me permite extrair alguns princípios que nos guiam em nosso trabalho.

Sr. S. Tem cerca de quarenta anos. Aos vinte e dois anos, foi pela primeira vez acolhido e alojado em um centro de tratamento e comunidade terapêutica para toxicômanos, e isso por mais de seis meses. Aos vinte e oito anos, ele se dirigiu ao Centro Médico Enaden, uma instituição de Bruxelas especializada em problemas relacionados ao uso de drogas, álcool e medicamentos; ele passou dois períodos de internação no Alojamento de Crise Enaden por, respectivamente, duas e três semanas. Aos trinta e três anos, ele passou uma semana no Alojamento Enaden para internação de curta duração (após uma internação psiquiátrica). Aos trinta e oito anos, ele foi para Dianova (ex-patriarca na Bélgica) por um período de três anos. Aos quarenta e um e quarenta e dois anos, ele passou quatro períodos no Enaden. Essas internações tiveram durações variadas, de três semanas a mais de três meses.

Ao longo de um período de vinte anos, o Sr. S. foi acolhido mais de dez vezes em instituições, incluindo sete no Enaden, e todas as vezes por um período de tempo relativamente curto.

A DEMANDA

Toda vez que ele dá entrada no Alojamento de Crise – onde eu trabalho há quase 30 anos na função de responsável - o Sr. S. diz que quer parar de consumir heroína, parar ou diminuir o seu tratamento de substituição por metadona e fazer uma pós-cura. Ele declarou recentemente, ao dar entrada no Alojamento de Crise, que a heroína lhe dá “um bem-estar indescritível, uma felicidade instantânea”; “Seria necessário que você experimentasse para que pudesse compreender” disse ele ao colega que recebeu.

É um primeiro princípio. Nosso trabalho não pode se fundamentar unicamente na demanda que é frequentemente, para não dizer sempre, uma demanda de parar o consumo de drogas, álcool ou medicamentos, ou uma demanda de parar o tratamento de substituição com a metadona. Dada a duração desse consumo (muitas vezes mais de dez anos) e os depoimentos de satisfação que este consumo proporciona, essa demanda só pode nos

¹ Membro da École de la Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise.

surpreender e nos convidar a perguntar: por que agora? Por que o sujeito dá esse passo agora?

A CAUSA

Sr. S. se candidata pela primeira vez para internação no Alojamento de Crise aos vinte e oito anos. Sua companheira, que ele conheceu oito anos antes, com quem ele não vive, mas com quem ele usa heroína, está grávida. Naquela época, ele foi preso por fraude, roubo de carro e consumo de entorpecentes. Quando saiu da prisão, ele perdeu o local onde morava e acabou na rua. Ao contrário do que ele diz que quer (desde sua segunda internação), ele nunca conheceu seu filho e não se ocupa muito dele.

Segundo princípio. Nosso trabalho se fundamenta no real com o qual o sujeito é confrontado e que está na origem de sua questão. A maioria das situações nas quais os pacientes se encontram podem ser reduzidas a dois processos principais:

- Ou o sujeito perdeu ou corre o risco de perder um de seus pontos de apoio (um membro da família, cônjuge, moradia, trabalho, ...)
- Ou o sujeito se encontra diante de uma situação que o ultrapassa (neste caso, a gravidez de sua companheira e a paternidade).

O PROBLEMA

As dificuldades do Sr. S. não começam com seu confronto com a paternidade. Alguns elementos da sua constelação familiar e sua história permitem esta constatação.

Ele nasceu no norte da África. Ele descreve sua mãe como muito autoritária e seu pai como inteligente e maníaco-depressivo: frequentemente ele perdia seu trabalho, era hospitalizado e fazia uso de bebidas alcóolicas.

Aos dois anos, uma anorexia grave (do paciente) faz com que seja necessário seu repatriamento para a Bélgica. Ele é acolhido por seus avós por um ano. Seus pais se separam; sua mãe volta para a Bélgica e o recupera. Aos dezoito anos, um ano antes do final de uma formação, ele abandona a escola. Ele sai de casa: sua mãe é muito autoritária, ela quer encenar um papel que ela acredita ser o papel do pai. Ele encontra um apartamento e trabalha aqui e acolá. Ele começa a usar maconha, álcool e Lança-perfume e, depois, heroína e cocaína. Quando tem vinte e nove anos, sua companheira para de usar drogas e eles se separam. Por quinze anos, ele aluga um apartamento de sua mãe, na casa onde ela mora. Ainda que ele trabalhe aqui ou ali, o seu rendimento regular é proveniente do Centro Público de Assistência Social e de ONGs (por causa da depressão).

O que caracteriza a posição do senhor S. é a ausência radical, a forclusão da dimensão do desejo, ausência perceptível em sua (não) relação com sua companheira, com a paternidade, com o mundo do trabalho. Essa ausência é uma das consequências de seu estatuto de objeto do fantasma do Outro, da “não-separação” entre ele e sua mãe; nenhum desejo pela mãe, e aceito por ela, operou uma separação entre mãe e filho.

É isto que a droga trata: ela coloca vida em sua existência; a droga o embala a um ponto no qual ele já não pode mais parar de usar. A droga tem aí não a função de romper – como frequentemente acontece – mas de ligar, de amarrar o sujeito a vida.

Terceiro princípio. Para além das causas contingentes, o nosso trabalho se fundamenta na posição do sujeito e tem por objetivo cernir a construção do caso; ele se fundamenta, então, nas consequências desta posição do sujeito em suas relações com os outros, com o mundo, com seu corpo e com a vida; e, finalmente, o nosso trabalho se fundamenta nos meios, ou nos poucos meios, que o sujeito encontra para responder a essas consequências.

USOS DA INSTITUIÇÃO

Quarto princípio. Estamos, portanto, muito atentos ao uso que cada sujeito faz da instituição.

A perda de um ponto de apoio ou um confronto com um evento traumático (tropmatique) conduz, frequentemente, a um aumento no consumo da droga. Há, então, uma mudança de estatuto: a dimensão da devastação se sobrepõe à dimensão da solução. A contaminação da solução do sujeito pela pulsão de morte e o risco de ruptura no nível do laço social ou até mesmo da vida propriamente dita são justamente o que impulsiona o sujeito a demandar que isso pare.

Mas há mais. No caso do Sr. S., o seu pedido para parar o consumo de droga ou reconhecer seu filho constitui seu único projeto. Esta demanda atenua o golpe na causa do desejo. Esta é a tese central de minha intervenção, que procura responder à pergunta: qual leitura devemos fazer de sua questão? Por que aceitamos, por sete vezes, acolher sua candidatura? Sua questão o coloca em movimento, o impulsiona, o liga aos outros e a vida. É o que, no fundo, justifica sua acolhida (como bem definiu Alfredo Zenoni como “uma palavra sem demanda”) no Enaden há mais de 15 anos – ainda que algumas colocações tenham sido necessárias tendo em vista o seu consumo durante as suas internações. É o que, sem dúvida, justificaria sua acolhida no futuro, pelo tempo que se fizesse necessário. Não fazer isso equivaleria mantê-lo entregue ao que ele chamou de “desejos suicidas”... ou pior!

Tradução: Juliana Tassara

Revisão: Elisa Alvarenga

O ilimitado

The ilimited

Benjamin Silva¹ (Santiago, Chile)

Resumo: Neste trabalho tenta-se situar a clínica das adições no marco mais amplo de uma clínica do ilimitado. Pode-se entendê-la à luz das noções de supereu e do discurso capitalista, tal como Lacan formula. Define-se o ilimitado como uma função que opera quando não existe ao menos um elemento exterior que a negue, e que pode articular-se tanto em um sujeito como na civilização. O discurso capitalista, a vontade técnica e as adições possuem uma homologia estrutural: empuxam ao ilimitado da mercantilização, da gadgetização e do consumo; promovem a emergência de um sujeito ahistórico e sem remissão a seus determinantes inconscientes. Assim cabe pensar o fenômeno das adições em termos de uma tradução subjetiva da lógica discursiva. Neste sentido, o adicto encarna o mandato técnico e capitalista, rechaçando a castração, totalizando o consumo como única via de satisfação e anulando a emergência do sujeito do inconsciente. A partir desta homologia se extrai consequências clínicas, particularmente desprendidas do que Lacan denomina “ser um santo”, que situa como uma saída possível do capitalismo, e do que Heidegger indica como saída da vontade técnica, isto é, a “serenidade”.

Palavras-chave: adições, capitalismo, técnica, ilimitado.

Abstract: This paper tries to locate the addiction clinic in the broader context of the unlimited clinic. This can be understood in the light of the notions of superego and capitalist discourse, as Lacan formulates it. Boundlessness is defined as a function that operates when there isn't at least one foreign element that denies it, and can articulate both a subject and civilization. Capitalist discourse, technical will and addictions have a structural homology: push to the unlimited, commercialization, gadgets and consumption; they promote the emergence of a non historical subject without reference to his unconscious determinants. Thus, we could think the phenomenon of current addictions, in terms of a subjective translation of discursive logic. The addict embodies the technical and capitalist mandate, rejecting castration, using consumption as the only way of satisfaction and canceling the emergence of the unconscious subject. From this homology, clinical consequences are extracted, particularly detached from what Lacan calls “being a saint” which stands as a possible solution to capitalism and what Heidegger indicates as an exit to the technique will, that is, “serenity”.

Keywords: addiction, capitalism, technique, boundless.

Acredito ser útil pensar a clínica das adições como uma clínica do ilimitado, produto de uma civilização desencadeada. Falo da desintrincação pulsional e liberação da pulsão de morte que caracteriza a desordem global.

Uma função é limitada quando há pelo menos um elemento que a negue e que se situe no espaço exterior desta função. A função de castração opera pela existência de ao menos um que não está castrado - o Pai - permitindo um gozo demarcado por uma medida. Além disso, a função ilimitada carece de exceção e opera fora da cadeia; pode escrever-se com a notação $\Phi 0$, como Miller formaliza o supereu². Com isso, uma clínica do ilimitado será uma clínica do supereu.

O ilimitado que habita cada ser falante encontra sua expressão precisa na pulsão de morte. Seu limite imediato é a pulsão de vida, e a irrupção maciça daquele ocorre quando ambos se desencadeiam. Podemos reconhecer sem dificuldades esses momentos de desintrincação na diacronia de um sujeito e da civilização.

No eixo da sincronia também é possível deduzir a separação pulsional. O discurso capitalista, como Lacan o formaliza, forclui a castração, ou rechaça a modalidade “impossível”. Isto instala uma circularidade interna no discurso, orientando seus vetores em forma de curva. J. Alemán³ refere uma degradação da heterogeneidade dos lugares do discurso - semblante, saber, verdade, produção - em um espaço homogêneo sem ponto de basta,

1 Membro da Associação Lacaniana de Psicanálise do Chile (ALP Chile) e do TyA Buenos Aires

2 Miller, J.-A. (1986). *Clínica del superyó*, en *Recorrido de Lacan*. Manantial.

3 Alemán, J. (2013). *Conjeturas sobre una izquierda lacaniana*. Grama.

produzindo um movimento ilimitado. Implica uma obturação de intervalos ou saturação do simbólico, totalização da diferença e queda da exceção: $\Phi 0$, hipertrofia do supereu no social⁴.

Por outro lado, o sujeito fica no lugar de agente e soberano dos significantes mestres no lugar da verdade. Haveria uma vontade do discurso para criar um sujeito novo, empresário de si, sem referência às marcas do significante em seu corpo, sem legado histórico, nem referência simbólica. Deste modo, o capitalismo se “naturaliza” nos seres falantes como um discurso sem exterior.

O capitalismo desde suas origens está enodado à técnica. Para Alemán, este é um empuxo acéfalo à apropriação dos saberes da ciência, a serviço de uma vontade de poder ilimitada e indomável. Faz a hipótese de que a técnica introduz o ilimitado na cena do mundo num momento preciso da história: a fabricação de cadáveres na Shoa. Pode-se relacionar a fratura das condições que sustentavam a civilização enodada numa ordem, a partir desta invasão maciça do ilimitado, com a explosão do consumo e seu avesso sombrio, as adições.

O avanço do capitalismo seria correlativo à explosão epidêmica das adições, desde o fim da Segunda Guerra e, sobretudo, desde a década de 70. Sendo que, capitalismo, técnica e adição *são estruturalmente homólogas*: empurram ao ilimitado, da mercantilização, da gadgetização e do consumo. Ao mesmo tempo promovem a emergência de um sujeito sem histórica e sem remissão a seus determinantes inconscientes. A clínica das adições mostra-o claramente, sujeitos que não atribuem causa subjetiva a sua doença e que, identificados como adictos, perdem a noção de um tempo biográfico anterior à adição; Todo-adictos que esquecem a contingência do estado aditivo, como se não houvesse exterioridade a essa prática.

A adição seria uma tradução subjetiva da lógica social. O capitalismo e a técnica se encadeiam com os processos ilimitados da subjetividade, encontram uma sorte de resposta adequada à compulsão para repetir sem limite intrínseco⁵. Agora, a adição supõe uma descontinuidade biográfica, marcada pela passagem do consumo mais ou menos regulado pelo semblante fálico, a uma relação maníaca com o objeto. A título de conjectura, poderíamos pensar o ponto de início da adição propriamente dita, seu desencadeamento, como uma irrupção estável do ilimitado na estrutura.

Quando o consumo deixa de estar limitado por um espaço de gozo heterogêneo - Outra cena de gozo - se institui uma adição. Esta mudança não é espontânea. Dentro de uma conjuntura vital, algo do nó faz lapso abrindo uma pergunta subjetiva, ante a qual o sujeito responde não com um sintoma - resposta limitada - mas com uma iteração circular do mesmo. O circuito de satisfação se rearticula numa função que tenta consertar a falha na estrutura, que em muitos casos não enoda e relança o movimento em círculo.

Será crucial a ponderação, em cada caso, da função do tóxico nos termos que venho desenvolvendo, ou seja, se funciona de forma limitada ou ilimitada. Porque uma substância bem pode servir para regulação do ilimitado no sujeito, aplacando o gozo mortífero que o invade ou suplementando a função fálica. Ou seja, naqueles casos em que desaparece a exceção e deixa de operar a função de castração, o consumo torna-se ilimitado. É o caso dos sujeitos que não conceberem um tempo sem a substância, dia e noite, aqueles que estão em posição

4 Aquí la caída de la excepción no deriva en un régimen no-*Todo* sino en una totalización fundamentalista. Ver Schejtman, F. (2003). *Capitalismo y fundamentalismo*, en *El psicoanálisis aplicado a las toxicomanías*, VVAA.

5 Indart, J.C (2005). *Drogadicción de la economía*, en *Obstáculos en el tratamiento de las toxicomanías*, VVAA. JVE.

de Todo-adictos.

Há saída possível ao ilimitado na adição? Em *Televisão*, Lacan diz que a psicanálise oferece uma saída ao capitalismo, pela via de *ser um santo*. O santo é aquele que se faz de dejetos: dejetos de gozo. “*Somente o santo permanece seco, para ele nem um pinga*”⁶. O santo reintroduz no discurso capitalista a presença do resto, de um resto não absorvível pelo movimento ilimitado do mercado. O analista, na função de santo, faz de cunha ao ilimitado do discurso, não totalizando, como ponto de pura perda.

Por outro lado, Heidegger⁷ propõe uma saída possível à vontade técnica: a *serenidade*, um dizer “sim” e “não” aos objetos. Como Lacan, o que formula é a introdução de um calço, um “não” que descomplete. Ambas saídas orientam a clínica das adições. Será um desafio para os analistas inventar para o sujeito consumido na adição um lugar não totalizado pelo ilimitado, um espaço exterior: uma história prévia ao consumo, um problema de Outra ordem, Outra atividade ou objeto de satisfação. Uma exterioridade que detenha a livre circulação do ilimitado e permita o encadeamento de pelo menos dois lugares, condição necessária para o surgimento do inconsciente.

Tradução: Maria Célia R. Kato

Revisão: Oscar Reymundo

6 Lacan, J. (1973). *Televisión*, em *Otros Escritos*. Paidós.

7 Heidegger, M. (1994). *Serenidad*. Ed. Rowan.

Toxicomanias: “O Império do Silêncio”

Drug addictions: “The Empire of Silence”

Lenita Bentes¹ (Rio de Janeiro, Brasil)

Resumo: Este trabalho articula a relação entre o corpo do “falasser”, do “parlêtre”, com o corpo intoxicado. Este sujeito expõe o corpo tanto à fascinação quanto a repulsa, à mortificação ou ao fetiche, como no caso da prática da “dominação”. Um filme e uma vinheta clínica dão o tom de uma discussão que pode ser muito fértil para a clínica com a qual temos que nos haver.

Palavras chave: silêncio, droga, império, imagem, gozo, corpo falante, angústia.

Abstract: This paper articulates the relationship of the body of the “falasser”, of the “parlêtre”, with the intoxicated body. The subject exposes the body to fascination as well as to repulsion, to mortification or to fetiche, as in the case of “domination”. A film and a clinical fragment give the tone to a discussion that may be very fertile to the clinic with which we must cope.

Key words: silence, drug, empire, image, jouissance, speaking body, anguish

“A psicanálise mudou. Não é um desejo, mas um fato”², disse Miller em seu texto *O Inconsciente e o corpo falante*. A subjetividade de nossa época se apresenta como um divisor de águas onde a descontinuidade é o que a diferencia, sobretudo das anteriores. Época de rupturas radicais, de parâmetros sempre virtuais e de pouca ou nenhuma duração.

Que valor tem a palavra do pai que garantia a transmissão da cultura? Que gozo temos hoje? O declínio do ideal do eu tem como resultante a exacerbação do eu ideal. Gozamos com nossa imagem e com a do outro, uma vez que a imagem captura, silencia, embriaga e, podemos dizer, torna volátil a palavra. No “Império do Silêncio”, há um corpo intoxicado. Só *a posteriori*, aquele que silenciou, que retrocedeu da fala e da linguagem, testemunhará de um corpo capturado por um gozo autoerótico, ao qual se manteve fiel ao resguardar-se do sintoma, ludibriado pela droga.

Corpos retalhados, tatuados com seres excluídos do simbólico, onde se penduram próteses metálicas, usados como tela onde são encenadas a relação com o outro e sua miséria banal. Especularidade, distinta daquela do estádio do espelho, que nos dá a idéia de uma suposta unidade. Refiro-me à especularidade com um outro, ora modelado pela ciência, ora pelo mercado da moda, onde prolifera a customização onde o avesso é o direito, metáfora de uma costura que não privilegia a estrutura moebiana, que permanece encoberta.

O sujeito expõe o corpo tanto à fascinação quanto à repulsa, à mortificação ou ao fetiche, como no caso da prática da “dominação” encenada no filme *Cinquenta Tons de Cinza*. Apenas uma cor! Em vez da aquarela do desejo, são cinquenta nuances do mesmo. O personagem submete, “domina” as mulheres sob o convite de juntos, e elas devem consentir, nada forçado, realizarem até o limite sua fantasia sádica de infligir sofrimento. Trata-se de um jovem que nada sabe sobre o amor.

Sob o olhar terno e firme de uma parceira, confessa ter sido, submetido à “dominação”. Uma amiga de sua mãe adotiva o convocou ali, ao lugar de objeto do gozo sádico do Outro, lugar onde convoca as mulheres, uma

¹ Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Mestre e Doutora pela Universidade de Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora do Núcleo de Toxicomanias e Alcoolismo do Instituto do Rio de Janeiro.

² Miller, J.-A. O inconsciente e o corpo falante. Apresentação do tema do X Congresso da AMP, no Rio, em 2016. <http://wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>.

vez que seu gozo não pode condescender ao desejo.

Muitas são as formas de abordagem não amorosa do corpo, de recusar-se ao amor, já que este implica em haver-se com a falta em si e no Outro, com a inexistência da relação sexual. Entre elas, as toxicomanias ilícitas e as lícitas. As drogarias proliferam, verdadeiros *shopping centres* de remédios, fitoterápicos, produtos de higiene pessoal, maquiagens etc. O manuseio da imagem silencia o sintoma, elevando ao extremo o “diga-me o que sentes e te direi o que tomar, para ser feliz”. Cápsulas de amortecer a dor de não poder tecer o amor, trançar os fios que enlaçam o Outro em sua falta a ter e a ser. Drogas para calar a angústia quando esta assola o corpo do “falasser”, que encharcam de um gozo que se quer infinito, mas que leva à morte real ou a da subjetividade que, então, não se pode afirmar.

Em *Pharmakon 11*, Esteban Klainer, no trabalho *Efeitos das substâncias no corpo*, indaga, partindo de Lacan em *Televisão* se “o afeto tem a ver com o corpo.”³ O afeto incide sobre o corpo. O afeto é correlativo ao efeito do simbólico no corpo, efeitos da linguagem sobre o corpo. Se assim é, a química não pode tratar o corpo do “falasser,” só pode levá-lo ao Império do Silêncio.

Os *realities* sonhos que alguns pacientes relatam em suas análises, quando em uso de drogas, descritos como “muito reais”, dão conta de cenas imaginariamente vividas que, “pelo fato de terem sido vistas tal como vividas”, os fazem crer nos efeitos reveladores da droga, revelação de uma verdade à qual não teriam acesso jamais. Os *realities* sonhos levam, portanto, a descrever no inconsciente.

Uma paciente relata que fez uso de ibogaína, planta da qual se extrai um chá: “depois de fazer uma limpeza no organismo, a iboga, leva a regressão no tempo, onde pude ver o que me traumatizou. Ter sido molestada por meu padrasto, e a culpa que senti em consequência disto, em relação à minha mãe, seu abandono em razão de seu trabalho e o desaparecimento de meu pai.”

A analista pergunta que revelação lhe pareceu nova, pois todas haviam sido relatadas em análise. A paciente retruca que “uma coisa é falar delas, outra coisa é vê-las com tanta clareza. É incontestável!” O que é incontestável é que o uso de drogas sempre põe o corpo em jogo, pois, mesmo tomado pelo silêncio, sobrevém a agitação ou o torpor. “... um corpo, isso se goza. Isso só se goza por corporizá-lo de maneira significativa.”⁴

Não se trata de um sujeito não afetado pela palavra, mas de um sujeito cujo corpo é, de certa forma, um pouco cortado do Outro da palavra, ou seja, como efeito do uso, pode não se afetar provisoriamente pela palavra. A ruptura fálica não é aqui radical como na psicose, onde a forclusão do Nome-do-Pai implica na ausência da significação fálica.

Se Diógenes de Sínope escondia seu gozo autoerótico no tonel, o “cracudo” esconde o seu no tonel das grandes cidades, em buracos ou sob viadutos, onde pode abrigá-lo e defendê-lo da intrusão do Outro. Corpo regulado pelo Império da escrita científica, como no caso das imensas quantidades de drogas “legais” para recompor a imagem afetada pelo tempo, nas clínicas de cirurgia plástica que modelam o corpo tornando rijas as carnes, para manter desejável o corpo. Este mercado não distingue corpo e organismo, corpo excesso de gozo

3 Lacan, J. *Psicoanálisis. Radiofonia & Televisión*, 1977, apud Klainer, E. Efectos de las sustancias en el cuerpo. In: *Pharmakon 11: El lazo social intoxicado*. Publicación de Grupos e Instituciones de Toxicomanía y Alcoholismo Del Campo Freudiano. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009, p. 177.

4 Lacan, J. (1972-73) *O seminário, livro 20, mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 35.

não só a perder, mas a recuperar. Corpo onde o significante injeta gozo. Corpo efeito do significante e do objeto *a* que recorta o corpo e grampeando organismo e corpo.

Se de um corpo, isso se goza à condição de corporizá-lo de maneira significante, a questão não é o tóxico, mas o tipo de satisfação que aí comparece. Miller, em seu curso *La experiencia de lo real em la cura psicoanalítica*,⁵ distingue significantização de corporização. A primeira eleva uma parte do corpo à categoria de significante, a simbolização. Na segunda, o significante se corpsifica, o que faz do inconsciente um saber sobre o gozo. O abuso de drogas é a tentativa de corporização por fora do discurso.

5 Miller, J.A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, 2003, *apud*, Bentes, L. Lacan, os estóicos e os objetos soletrados no corpo, in *Latusa* n 12, 2007, p. 127

A felicidade do surfista

The surfer happiness

Jorge Castillo¹ (Córdoba, Argentina)

Resumo: O artigo trata das diferenças clínicas entre as formas clássicas da toxicomania ligadas às drogas, e as novas adições ligadas aos objetos tecnológicos ou a intervenções não químicas no corpo. Assinala-se a respeito dessas últimas a errância como característica do extravio do sentido, fragmentação corporal, deslocalização do sujeito. Localiza-se a referência no Seminário XXI e a oposição entre errância e iteração, a dupla vertente do Uno e a ação do analista nesse sentido.

Palavras-chave: novas adições, errância, corpo, iteração, uno, ação do analista.

Abstract: The article deals with the clinical differences between classical drug abuse and the new addictions to technological objects or non chemical body interventions. It notes, about these, the wandering as characteristic of miscarriage of sense, body fragmentation and displaced subject. The reference is the XXI Seminar and the opposition between wandering and iteration. The double aspect of the One and the analyst action in this sense.

Keywords: new addictions, wandering, body, iteration, one, analyst action.

TyA é uma rede internacional e também um programa de investigação que tem mais de vinte anos. Nestes vinte anos, nós mudamos: analistas e pacientes. Há alguns anos, por exemplo, muitos analistas preferiam não atender adictos, poderiam ter esse luxo de comodidade. Hoje é ainda assim? É possível uma prática da psicanálise que exclua os adictos? Em todo caso, naqueles anos, esse “preferiria não fazê-lo» dos analistas sobre atender adictos estava aparentemente justificado. O toxicômano enquanto estereótipo é um paciente de risco, para si, para terceiros e para quem se encarregar do seu tratamento. Improváveis sujeitos; muitas vezes processados ou institucionalizados, excluídos ou auto-excluídos do sistema, delinquentes, suicidas. Sujeitos que se negam a falar, a dar sentido a seus atos. Que colocam à prova o método analítico tal como classicamente o temos concebido. Nada disso mudou. Este osso, essa pedra, não desapareceu, ainda está lá. Cresce como cresce uma cordilheira e sua manifestação mais evidente e sangrenta no social é o fenômeno do narcotráfico.

Tem sido utilizado de maneira indistinta os termos adicto e toxicômano. No entanto, nós perguntamos hoje se eles são os mesmos. É uma pergunta que surge da clínica já que algo disto nos é apresentado como novo: as mais diversas práticas que tornam-se aditivas e não têm como meio o objeto químico.

Os cyberadictos e seus infinitos subconjuntos, os novos jogadores compulsivos - que não jogam a vida na roleta russa mas que se hipnotizam com os caça-níqueis – os adictos aos piercing, às tatuagens, às cirurgias. Os adictos ao sexo, à pornografia. Workaholics, compradores compulsivos. Adictos em farmácias, às inovações tecnológicas. São uma plêiade, uma via láctea, uma maré. Aqui, os analistas, nos sentimos mais tranquilos. Embora fictício, os novos adictos são mais inofensivos. Podemos ler no jornal que uma pessoa morreu depois de jogar com o computador durante dois ou três dias, mas sem dúvida eles são fenômenos marginais, extraordinários e por isso são notícia. Mesmo que tenham traços semelhantes, as novas adições são menos exibidas no seu lado tanático e anti-social, que no lado que chamarei apoiando-me em Lacan, de errância: fora do sentido, fragmentação corporal e deslocalização do sujeito.

Em última análise, formular a questão pela função da droga, é o que se mantém guiando a clínica do TyA na

¹ Membro da EOL e da AMP. Coordenador da Rede TyA em Córdoba (Argentina).

via proposta por Freud, de pensar as adições como solução.

Dizia que me apoio em Lacan para falar de errância, quero citá-lo então, na primeira aula de seu Seminário XXI “Os não tolos erram” (*Les non-dupe errent*).

“‘Error’ é o resultado da convergência de errar com algo que não tem estritamente nada a ver, e que está relacionado com este ‘erre’ de que anteriormente lhes falei, que é estritamente a relação com a palavra iterar.” E em cima iterar! Porque se não fosse mais que isso, não seria nada: está lá apenas para o iter, que quer dizer viagem. É precisamente por isto que “cavaleiro errante” é simplesmente: “cavaleiro itinerante”. Só que, no entanto, errar vem de iterar, que não tem nada a ver com uma viagem, pois iterare quer dizer repetir, de iterum (re!). No entanto, não usamos esse iterare, senão para o que não quer dizer, ou seja, itinerar, como demonstram os desenvolvimentos dados ao verbo errer no sentido de errance [vagabundeio, errância], ou seja, fazendo do cavaleiro errante um cavaleiro itinerante.”

Lacan nos apresenta uma ideia da vida que é a que se tem comumente, como se fosse uma viagem. Uma viagem que começa com o nascimento e termina com a morte. Esta é a ideia que faz do homem um *viator*. Um viajante, um peregrino que atravessa esse mundo em que cada momento é distinto do outro. Um mundo em que, como anunciou Heráclito, não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio, pois quando o fazemos, o rio mudou e nós, já não somos mais os mesmos. Como planetas vagamos por terras em que cada paisagem é nova, estranha, desconhecida. Um mundo que não é mais que o próprio corpo, enquanto o homem corporifica o mundo. Neste ponto, Lacan assinala a confluência da errância com o erro. Como Don Quixote, erramos sem nunca atingir o alvo. Além disso, erramos para não acertar o alvo. No entanto, o solteiro / a solteira que não se casa com nenhuma mulher, que não é tolo de seus semblantes, que não se deixa jamais tornar-se presa termina encontrando-se com o desejo em seus pesadelos.

A perspectiva da psicanálise é outra. Desde Freud, com sua invenção da associação livre. Convidamos ao analisante a deixar-se levar pelos seus pensamentos, colocando-os em palavras porque sabemos que sempre encontraremos ali um elemento constante, imutável, insistente, inevitável. Das voltas que dei, uma corda não pode sair de um anel de aço. O itinerário se opõe aqui à iteração e nisso a etimologia nos ilustra sobre a clínica, pois este é o mesmo movimento em que a repetição pede o novo para esquecer isso que permanece sempre idêntico. O que é isso? O que é o que se itera? O que é que se tenta esquecer de maneira apaixonadamente defensiva? É algo da ordem do buraco no corpo e de sua borda, do conjunto vazio, da marca que não é mais do que um risco no disco. O desarmônico que interrompe a música em cada salto da palheta. A loucura sem sentido do Um, que no Seminário XIX Lacan chamará o “campo do uniano” para diferenciá-lo do traço unário. Como Janus, o deus das portas, o Um tem duas faces: uma que mira o buraco e outra que mira o sentido.

A ação do analista põe em jogo seu próprio corpo que, enquanto objeto *a* é capaz de introduzir uma pausa ali onde os gadgets no mercado pedem mais e mais. Faz entrar o Um em sua qualidade de bífido, separando sentido de buraco. Isto é uma ação pacificadora que pode, poderia deter a errância do sujeito tornando-o crédulo de seu próprio real.

O discurso analítico – ainda muito operativo no último ensino - produz S_1 mas separando-os de S_2 que já

não é mais sentido escravo senão “saber fazer”.

Comover a defesa produz uma vacilação do sentido que gera a iteração, mas também se oferece como um pequeno saldo de saber. Uma solução que perde em significação e ganha em satisfação experimentada no corpo como vivo, se apresenta a nós como uma forma de relação diferente com o buraco que não implica necessariamente o surgimento de um sentido novo. Entendo que estamos aí na via do sinthoma. Não mais ambicioso que essa pequena bolha de vazio que injeta a letra muda h.

Tradução: Maria Célia R. Kato

Revisão: Oscar Reymundo

Um furo no discurso universal, o *socielo* e a insubordinação sexual na toxicomania

A hole in universal speech, the *socielo* and the sexual insubordination in drug addiction

Renato Carlos Vieira¹ (Vitória, Brasil)

Resumo: O texto levanta questões sobre as toxicomanias a partir do ultimíssimo ensino de Lacan. Neste ultimíssimo ensino, Lacan apresenta uma nova perspectiva para o inconsciente. De que maneira o inconsciente Real pode nos ajudar a pensar o problema da toxicomania no século XXI? Acreditamos que essa pergunta pode orientar uma nova perspectiva clínica com toxicômanos.

Palavras-chave: inconsciente real, experiência analítica; toxicomania; discurso universal.

Abstract: The text raises questions about drug addiction from the very last teaching of Lacan. In this very last teaching, Lacan introduces a new perspective to the unconscious. How can real unconscious help us think thru the problem of drug addiction in the XXI century? We believe that this question can give a new clinical perspective with addicts.

Keywords: real unconscious; analytical experience; addiction; universal Speech.

Como a experiência analítica pode articular o furo que o inconsciente faz no discurso universal, dado estrutural descoberto por Freud, com a tese de insubordinação sexual na toxicomania?

Sabemos que o real é a resposta sintomática de Lacan à articulação freudiana do inconsciente. Assim é que, de acordo com Miller, o ensino de Lacan constitui, em seu conjunto, uma resposta ao furo no discurso universal promovido pela descoberta de Freud. A ambição deste ensino é a de repercutir o traumatismo Freud (Miller, 2009, p. 11).

Este furo no universal tende a ser amortecido pela cadeia significativa, produzindo uma dialética que não exclui as repercussões do traumatismo. A questão a ser investigada é se o problema do toxicômano se coloca do lado do laço social intoxicado - o objeto “a” elevado ao zênite social, ou do lado daquilo que Jacques Lacan aponta como sendo as manifestações do inconsciente real - o corte, a desconexão entre o significante do lapso e o significante da interpretação. “Quando o esp de um laps já não tem nenhum impacto de sentido (ou de interpretação), só então temos a certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo.” (Lacan, 2003, p.567)

Miller nos diz que isso pode parecer conhecido, pois o valor do sem-sentido foi desde sempre enfatizado e posto em função por Lacan. Contudo, o surpreendente nesta frase é a disjunção entre o inconsciente e a interpretação, ou seja, uma exclusão entre essas duas funções. Essa frase aponta para o fato de que S1 nada representa, ele não é um significante representativo. Isso ataca, afirma Miller, o princípio da operação analítica, uma vez que a psicanálise tem seu ponto de partida no estabelecimento mínimo, S1 – S2, da transferência (Miller, 2009, p. 12 -13).

Sabemos que essa articulação de um significante (S1) com o outro (S2) produz um efeito de sentido que diz alguma coisa para todo mundo, em outras palavras, de algum modo, todos chegam a dar um sentido a isso. É assim, diz Miller, que se mobilizam os significantes no inconsciente. Nesta perspectiva, o inconsciente freudiano

¹ Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

no é o inconsciente transferencial e supõe a ligação entre S1 e S2.

Em seu ultimíssimo ensino, Lacan propõe uma nova perspectiva para o inconsciente e, por conseguinte, para a direção do tratamento. Ao dizer que se tem certeza de estar no inconsciente quando o espaço de um lapso não tem mais nenhum impacto de sentido ou de interpretação, ou seja, quando não opera a conexão transferencial, observa-se uma mudança na concepção da experiência analítica. Experiência analítica que, na perspectiva do inconsciente transferencial, opera a partir do sujeito suposto saber. De acordo com Miller, o inconsciente real é o inconsciente como exterior ao sujeito suposto saber, isto é, exterior à máquina significante que produz sentido aos borbotões. Esse inconsciente como real é homólogo ao traumatismo (Miller, 2009, p.18).

A partir deste cenário, surgem novas diretrizes para pensarmos a experiência analítica com o toxicômano e as manifestações das toxicomanias no século XXI. Neste sentido, podemos levantar as seguintes hipóteses: nos tempos que correm, o problema da toxicomania diz respeito à ficção do Um-sozinho com o objeto droga ou é um efeito do laço social intoxicado, marcado pela ascensão do objeto “a” ao zênite social? Em outras palavras, é um sintoma desarticulado das estruturas de ficções da verdade e que presentifica um real que resiste e insiste ou são manifestações que nos levam a pensar em algo do tipotoxicomania generalizada?

Sobre a ascensão do objeto “a” ao zênite social, *o socielo* – um novo astro no social, é preciso sublinhar o modo de gozar e a norma de relação entre os sexos engendrados pelo discurso da civilização contemporânea. Como abordar as consequências deste discurso da civilização hipermoderna que, dentre outras coisas, modifica os corpos, o matrimônio e a concepção tradicional de família?

Por outro lado, a questão da insubordinação sexual na toxicomania, destacada por Miller, em 1989, durante o encerramento das jornadas do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre a Toxicomania e Alcoolismo – GRETA, aponta para uma direção de investigação que visa dar conta do *a-sexual* do gozo. Que fique claro que, na toxicomania, o mais de gozar está colado a um produto e não à palavra (Miller, 1993).

Há tempos nos deparamos com situações onde, na eleição do parceiro-sintoma, a droga produz um gozo autoerótico. Tal constatação nos leva a abordar o fenômeno toxicomania como um modo de gozar radical, muito aquém das formações do inconsciente. Em outras palavras, ao evitar o problema sexual a droga levaria a uma solução que é um estrago.

Portanto, a partir da experiência analítica o que podemos dizer da relação do parlêtre com o objeto droga? Como distinguir as manifestações generalizadas da ascensão do mais-de-gozar ao zênite de uma aflição pior que um sintoma?

Referências Bibliográficas:

- LACAN, J., Prefácio à Edição inglesa do seminário 11, in: *Outros Escritos*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
LACAN, J., *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
MILLER, J.-A., *El ultimísimo Lacan: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*, Buenos Aires: Paidós, 2012.
MILLER, J.-A., *Perspectivas do seminário 23 de Lacan: O sinthoma*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
MILLER, J.-A., *Para una investigación sobre el goce autoerótico*, Buenos Aires: Atuel-TyA, 1993.
MILLER, J.-A., *Punto cenit: política, religión y el psicoanálisis*, Buenos Aires: Colección Diva, 2012.

TARRAB, M., *En las huellas del sintoma*, Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010.

O tóxico da imagem

The toxic of the image

Silvina Rago¹ (Buenos Aires, Argentina)

Resumo: O presente trabalho tenta localizar o que faz com que uma imagem torne-se tóxica para um sujeito, sendo que, na sociedade atual, os dispositivos tecnológicos propiciados por um mercado cada vez mais feroz, com seu empuxo ao gozar, oferecem um sem fim de imagens que convivem no acontecer cotidiano das pessoas. É o que sucede, quando essa fascinação estrutural pela imagem, encontra no gozo escópico o lugar privilegiado para a recuperação frenética do mesmo, sendo este último, o que comanda toda prática de consumo aditiva. A toxicidade não estaria dada pela incorporação de uma substância no corpo, nem pelas suas consequências químicas, senão no efeito que produz o significante sobre este, efeito que é de gozo.

Palavras-chave: Tóxico, imagem, gozo, significante, corpo.

Abstract: This paper attempts to determine what makes an image become toxic to a subject, when in the current society the technological devices, brought by an increasingly fierce push of the market to enjoy, offer endless images that appear in people's daily lives. But what happens when that structural fascination with the image finds in the scopic jouissance the privileged place for a frantic recovery of jouissance, and this occurs in any practice of addictive consumption. The toxic is not the inclusion of a substance in the body or its chemical consequences, but the affection produced by the significant over it, a jouissance effect.

Keywords: Toxic, image, jouissance, significant, body.

O uso da imagem na atualidade alcançou seu auge, e o mercado redobra sua aposta cada vez mais, em um circuito que nos remete ao mesmíssimo circuito pulsional nos sujeitos: nunca coincide o objeto para satisfazer completamente, o que leva por momentos a uma busca insaciável de encontrar isso que preencha.

As diversas descobertas técnicas, ao longo da história, dão conta desta fascinação do homem pela imagem. Pode-se citar nos primeiros séculos da Antiguidade, por exemplo, a descoberta da câmera escura, dispositivo ancestral que serviu para o desenvolvimento do que hoje conhecemos como fotografia. Acaso não o dizia já Lacan em A Terceira, onde estabelecia que o mundo é imaginário através da função da representação, e que o corpo se introduz na economia do gozo através da imagem do corpo? Mas, o que mudou hoje em dia?

Fazem alguns anos, quando começaram a aparecer programas online que permitiam baixar conteúdos de vídeo, se deu um fenômeno onde alguns começaram a baixar ou a comprar todos os capítulos que compunham determinada série de televisão, e se trancavam durante uns dias para poder vê-la completa. Se realizavam maratonas virtuais, onde ganhava quem consumisse mais rapidamente a totalidade da série. Hoje a aposta se intensifica: com o *streaming*, o arquivo de vídeo ou áudio pode ser consumido pelo usuário ao mesmo tempo em que é descarregado. A palavra *streaming* se refere a uma corrente contínua, que flui sem interrupção. Quer dizer, que o tempo de espera é quase mínimo ou nulo. Não é preciso esperar que o arquivo se carregue nem se descarregue para poder vê-lo. Mais ainda, os lugares encarregados de sua produção oferecem para as séries todos os capítulos da temporada de uma só vez. É assim que o mercado se refunde e encontra a maneira para que o sujeito siga consumindo, sem interrupção. Já não é como anos atrás onde aparecia um capítulo a cada semana, porque agora aparecem todos juntos, de uma só vez, para serem consumidos. O sujeito não tem tempo para fazer outra coisa. O mercado sim: pensar na produção de uma nova série, sem dar tempo para uma produção do sujeito que não tenha a ver só com a tentativa de obturar uma falta.

¹ Psicanalista. Departamento TyA. EOL.

Recortemos a frase “o mercado se refunda e encontra a maneira para que o sujeito siga consumindo”. Se observa aqui que é o sujeito quem consome, e aí está a chance de não ficar completamente capturado pela imagem. Retomemos o circuito pulsional que propõe Lacan. A pulsão é ativa até seu terceiro tempo: este “ser visto” é reformulado por um “fazer-se ver”.

Então poderíamos dizer que a responsabilidade não é absolutamente do mercado. Este propicia um sem número de possibilidades, onde a imagem é a estrela: produtos televisivos, produtos para internet, dispositivos para celulares, novas redes sociais, etc.

Porém, o que faz com que tudo isso se converta em algo tóxico para um sujeito? Poderíamos dizer, em primeiro lugar, algo em relação à quantidade: pois não é o mesmo tomar um copo de vinho que tomar duas garrafas, tampouco é o mesmo olhar um capítulo de uma série pela internet que olhar, um após outro, os vinte e dois capítulos que compõem uma temporada.

Porém não podemos ficar somente com o tema da quantidade já que o efeito produzido por determinada substância sobre o corpo dista do objeto em si e de sua quantidade. O efeito que produz uma substância que se incorpora ao corpo, como no caso de qualquer droga ou do álcool (porém também, agreguemos, qualquer objeto com o qual um sujeito obtém gozo, e aqui entram as imagens) tem a ver com outra coisa. Diz Lacan em televisão: “*De fato o sujeito do inconsciente não toca a alma senão através do corpo, introduzindo o pensamento*”².

A entrada da linguagem no corpo cria o campo dos afetos, efeito que é de gozo. Então poderemos considerar que o tóxico não fica estabelecido só na incorporação no corpo de determinada substância. Há um afeto que se produz pela incidência do pensamento sobre o corpo. Nas palavras de Miller, “*nos vemos levados a pôr o acento na implicação do significante no afeto*”³.

Voltando então à pergunta anterior, o que faz com que uma imagem se converta em tóxica para um sujeito? Podemos averiguar que não se trata da quantidade nem da composição química de determinada substância, mas do efeito que produz sobre um sujeito. É aqui que deveríamos ressaltar que este efeito que se busca tem a ver com a obtenção desse gozo perdido por estrutura.

A “linguagem separa o corpo do gozo”⁴. Porém é através das zonas erógenas que o sujeito pode obter um gozo direto, quer dizer recuperar esse gozo perdido que a linguagem recortou mas que ao mesmo tempo localizou. No caso dos objetos que tem a ver com um gozo escópico para o sujeito, há uma tentativa de obter um efeito através dessa determinada zona erógena, efeito que subsume o sujeito a permanecer adormecido pelo brilho que emana das imagens.

Teríamos que discernir que função tem a zona erógena para que se dê determinada prática de consumo. Abrir o caminho pela determinação significante talvez seja o que possibilite pesquisar o que o objeto *a* conserva da marca do significante.

O problema está nessa busca incessante de obter esse gozo perdido, que esses objetos podem proporcionar

2 Lacan, J. “Psicoanálises Radiofonia & Televisión”, Anagrama, Buenos Aires, 1977, p. 88.

3 Miller, J. A. “A propósito de los afectos en la experiencia analítica”, Matemas II, Manantial, Buenos Aires, 1988, p. 153.

4 Miller, J. A. “Algunas reflexiones sobre el fenómeno psicossomático”, Matemas II, Manantial, Buenos Aires, 1988.

através do mais-de-gozar, porém que nunca chega a completá-lo. O tóxico então, no caso das imagens, é esse efeito que se produz através desta busca de gozo, que produz efeitos com a finalidade de que o sujeito não tenha que se enfrentar com a castração.

Bibliografia:

VV. AA. *Sujeto, Goce y Modernidad. Fundamentos de la clínica*, Actuel-TYA, Buenos Aires, 1993.

Lacan, J. *Psicoanálise, Radiofonía&Televisión*, Anagrama, Buenos Aires, 1977.

Lacan, J. “La Tercera”, *Intervenciones y textos II*, Manantial, Buenos Aires, 2007.

Miller, J.A, “A propósito de losafectosenlaexperiencia analítica”, *Matemas II*, Manantial, Buenos Aires, 1988.

Miller, J.A, “Algunas reflexiones sobre el fenómeno psicosomático”, *Matemas II*, Manantial, Buenos Aires, 1988.

Salamone, L. D, “El silencio de las drogas”, Grama ediciones, Buenos Aires, 2014.

Tradução: Lenita Bentes

Revisão: Oscar Reymundo

Cicatriz, pseudônimo de um avatar, nome de um real

Scarf, pseudo name of an avatar, name of a real

Eric Taillandier (Rennes, França)¹

Resumo: O texto apresenta o caso de um “geek”, que encontra uma solução para o seu desligamento do Outro nos seus jogos virtuais, nos quais se nomeia “Cicatriz”. A transferência torna possível ampliar seu horizonte e torná-lo “menos monomaniaco”.

Palavras chave: “geek”, desligamento do Outro, jogos, transferência.

Abstract: The text presents the case of a “geek”, who finds a solution for his shutdown from the Other in his virtual games, where he gives himself the name “Scarf”. Transference allows him to amplify his horizon and to become “less monomaniac”.

Keywords: “geek”, shutdown from the Other, games, transference.

Leo não é um adicto, ele é jogador. Nuances São sobretudo seus colegas de classe que lhe reenviam a imagem de um “geek” (nerd) por causa das inúmeras horas passadas diante da tela de seu computador em jogos na rede, de seu look e de seu isolamento. Leo parece investir a maior parte de sua vida pulsional nas relações virtuais, se desinteressando paralelamente da “verdadeira vida” e de seu cortejo de campos de interesse possíveis (a escola, as relações de amizade, as amorosas, etc). Ligado de um lado, desligado de outro. Tomado nesta dialética binária, Leo se apresenta à análise. Esta vai desdobrar as coordenadas lógicas de sua relação com o Outro e o corpo, apoiando-se também sobre sua maneira singular de fazer laço social, e progressivamente permitir a introdução de um terceiro termo entre a realidade e o virtual: o real, que Leo trata precisamente pelo jogo. Então, para além de sua dependência, trata-se de visar aquilo do que ele é realmente adicto, “essa qualquer coisa que, segundo Jaques Lacan, retorna sempre ao mesmo lugar”.

“BLOQUEIO”

A mãe de Leo me procura como profissional liberal, orientada pelo médico da família, porque todo mundo está “desconcertado” por este jovem que, há algum tempo, não quer mais retornar ao Colégio. É um impasse. Ele está no segundo ano do ensino médio e não tem dificuldades no nível da aprendizagem escolar. O que faz problema são suas relações com os colegas de classe e de Colégio, “Ele não quer ver os outros”. Leo diz que “não compartilha os mesmos interesses”. Ele considera os colegas geralmente imaturos e desinteressantes. Ele fica à parte. “Eu sou mais discreto em público”. Leo fala rapidamente daquilo ao qual se confronta: “Tenho a impressão que eles me observam”. “O olhar dos outros” o faz temer um “julgamento” negativo a seu respeito. Insinuam-se coisas a seu respeito, “sobre seu trabalho”, sem que ele esteja muito seguro disso. Ele “duvida do que sente”, se diz que “seu julgamento é falso”. Parece que de algum modo, ele é objeto de algumas zombarias. Acontece-lhe de “se rebelar mas, sobretudo, em pensamentos”.

Sua mãe me fala que algumas vezes, como atualmente, ele “bloqueia” e nesse caso, não se deve insistir. A história dos bloqueios já vem de muito tempo, segundo ela, a primeira vez foi no quarto ano primário. Foi a escola que alertou os pais. “Acontece quando se pede a ele certas coisas”. Quais? Não se sabe exatamente. O pai,

¹ Responsável pela Carta TyA Europa.

que eu recebo em seguida, precisa que o primeiro bloqueio surgiu no momento de uma primeira hospitalização da mãe, em urgência. Um problema de origem genética trazendo complicações esporádicas, mas potencialmente graves, é então diagnosticado. Desde então ela não trabalha mais, fica em casa e vai ao hospital quando os sinais clínicos alcançam o nível de alerta. Ora, acontece que o último bloqueio que leva Leo a consultar se parece com o primeiro. O namorado da irmã de Leo que vive a maior parte do tempo na casa deles, ficou seriamente doente. Todo mundo, menos o pai que trabalha, fica, então, em casa. Quando eu marco a ligação entre a “doença” de uns e o bloqueio de Leo, a mãe parece perceber que a família funciona em “huis clos”. Leo pontua esta hipótese com um “talvez” e não voltará mais a isso.

UM SONHO IDIOTA

Durante longos meses, Leo vem sem reticências ao tratamento, mas fala pouco, responde que ele “não sabe” à maior parte das minhas questões. “Não houve revolução”, ele me diz com um fio de ironia. Nada parece motivado. É “delicado”. Somente uma vez ele me conta um “sonho idiota” que ele teve quando tinha 7 ou 8 anos: “Eu estou numa estrutura para crianças e jogo cartas com minha mãe. O jogo é Yu-Gi-Oh! A data em que aconteceu o sonho e sua atualidade me parecem confirmar a ligação entre, de um lado as inquietudes de Leo concernindo a eventualidade de um abandono materno no momento de hospitalização de sua mãe, e de outro lado, a aparição de seu bloqueio. Na época e ainda hoje, isto se traduz concretamente pelo fato de que Leo fica ao lado da mãe o dia inteiro e que eles passam efetivamente o tempo deles jogando juntos. Eles jogam cartas, tocam violão (eles tem as mesmas aulas em casa), mais ainda e sobretudo, eles jogam os jogos em rede (internet). Aliás toda a família joga. Estas atividades tomam um tal lugar que a narração dos dias dos fins de semana ou das férias de Leo é sensivelmente a mesma: “Jogamos”. Um jogo de vídeo em particular tem função de site de encontros; quase todas as relações reais da família vem daí. Um traço as caracteriza: os jogadores têm quase sempre uma doença rara, como a mãe.

O pseudônimo de Leo para este jogo põe em relevo a particularidade de sua solução subjetiva: ele é Cicatriz. Ao mesmo tempo traço de um acontecimento traumático do qual ele não pode dizer nada e tentativa de suturar a abertura, este nome é o ponto de grampeamento do corpo que Leo encontrou para fechar a ferida. Esta parece constituída pelo buraco do Outro que o ameaça em seu ser de sujeito. Assim seu avatar é daqueles que “apanham” para melhor desviar a atenção dos adversários, na medida em que isso lhe permite “tratar as feridas” de seus parceiros sem que eles sofram incessantes ataques.

Isso me parece ilustrar o que Jacques-Alain Miller enuncia em seu curso de 21 de março de 2011, quando ele faz da adicção, “esta repetição inextinguível do mesmo Um”, “a raiz do sintoma”. Este Um tem qualquer coisa a ver com o que se poderia qualificar de mordida do significante sobre o corpo. “Aqui a linguagem pode ser compreendida ao nível do que se imprime sobre o corpo”. Ele apresenta assim a adicção como uma espécie de representação reduzida do sintoma, revelando-se puro gozo do corpo. Em seguida Miller acrescenta: “Este gozo repetitivo tem relação apenas com o significante Um, o S1. [...] e o que faz função de S2 na matéria, o que faz função de Outro deste S1, é o corpo ele mesmo”. Como então, não deixar o corpo abandonado a ele mesmo?

Como manter sua inscrição no campo do Outro?

COMUNICAR... EM REDE

Como Leo não retoma as aulas apesar de uma proposição de diminuição dos trabalhos, as instâncias escolares se mostram inquietas pela situação e propõem a intervenção de um médico. Ele propõe a integração numa classe especializada para evitar o desligamento completo. Eu sustento, de minha parte, a escolha de Leo pelo “ensino à distância”. Ele considera a possibilidade de repetir o ano, trabalhando algumas matérias selecionadas. Ao mesmo tempo, ele não é ingênuo, e sabe que tem tendência a deixar para lá se não tiver um mínimo de pressão: “é preciso que eu fique atento”. Aliás foi sobre este ponto que a transferência se estabeleceu desde a primeira seção. Ele me colocou discretamente em guarda contra o risco de que ele não se desmotivasse espaçando demais as seções. E, com efeito, ele não vai transpor nenhuma vez as portas do “campus” virtual do CNED (Centro Nacional de Ensino à Distância). Um psiquiatra que ele consulta em seguida por indicação do médico escolar lhe fala de ansiedade escolar e lhe prescreve um antidepressivo para a noite. Pela primeira vez Leo declara estar cansado de ficar em suspenso. Eu o encorajo a “continuar avançando”. Ele pensa então em mudar de escola para uma mais técnica. Eu apoio sua solução (a comunicação à distância, atrás da tela) para sustentar uma orientação compatível com suas dificuldades relacionais. Isso se mostrará absolutamente em sintonia com sua solução. Ele opta efetivamente por uma escola voltada para o eletrônico e o numérico. Ele me explica: é a questão da “comunicação em rede”!

RE-ENGANCHE

Os cursos começam. Eles se passam geralmente diante do computador, em binômio. Ele se interessa e encontra rapidamente um estágio para as próximas férias escolares. Ele pensa em “se preparar bem” para não ter “surpresas”. Ele começa, no entanto “a ver os defeitos dos outros”, “vis, insidiosos”, como no ano passado. Mas desta vez ele aborda o problema com mais distância. Ele passa seu tempo de pausa sozinho, “lendo ou estudando”. No refeitório ele vai para “o fim da fila”: “Não gosto de ser empurrado, ali fico mais tranquilo”.

Apesar de seus esforços, uma nova recaída sobrevêm em pleno curso. Desta vez Leo consegue dizer o que se passa. Ele foi ridicularizado por alguns por causa de seu aspecto físico e de seu lado “melhor da classe”. Ele fica fora de si, e entre dois soluços, ele lança um insulto; “Vai tomar no cu”. Na sessão, eu não concordo com a palavra dita, mas com a tomada da palavra. “Normalmente eu não consigo dizer nada, eu tenho espasmos que me impedem de falar”. Segue-se um novo bloqueio de muitos dias. “Fadiga, dores de cabeça e vertigens” constroem Leo a ficar em casa. Ele parece amuado, como se tudo fosse recomeçar. Ele me conta que alguns dias antes da briga na escola, sua mãe teve um início de crise. Inquieta, ela não pôde levar Leo na escola. Nem um nem outro foram ao médico. Eu insisto com Leo para que ele se consulte, seja examinado, para justificar sua ausência. Apoio-me no diagnóstico de ansiedade escolar dado pelo psiquiatra, eu lhe falo da angústia que ele experimenta quando se confronta, nem tanto ao escolar, mas aos outros. Eu lhe proponho que peça ao psiquiatra para lhe prescrever um ansiolítico para os momentos em que ele teme ir às aulas, o que o aliviará

consideravelmente.

Depois de um ano em que ele não conseguiu fazer quase nada, Leo consegue aos trancos e barrancos passar o ano escolar. Nas nossas sessões discutimos várias coisas sempre pela via do jogo e ele vai se abrindo progressivamente a outras perspectivas: ele muda o jogo na rede, joga com parceiros fora da célula familiar, participa de um curso de guitarra numa outra região com amigos. Lá onde ele estava em pane de orientação, vai se alargando seu horizonte e ele se lança numa formação em ligação com o campo da música: o som e a iluminação. Ele joga em grupo e consegue se separar um pouco da mãe. “Eu sou um pouco menos monomaniaco”, dirá ele a propósito desta abertura geral.

Bones ou os riscos da transferência segundo Leo

Quando na sessão eu nomeei duas sensações como angústia e que eu falara do tratamento medicamentoso, Leo havia sorrido: “Isso me faz pensar na série Bones; há um psi que confunde vida privada e vida profissional”. Diante da minha incompreensão (haveria eu cometido um erro?), ele explica, muito emocionado: “Eu não sou nada: eu quero dizer que eu não tenho qualificação”. A estranheza destes enunciados me permite pensar que aquilo com o que Leo é confrontado quando a fronteira entre ele e o Outro se despedaça, como este psi da série, é a seu próprio desaparecimento. Em inglês Bones é a ossada, os restos humanos. Atrás da tela o real do corpo está diretamente concernido. No fundo minha ideia é que se Leo busca cicatrizar o corpo do Outro pelas telas interpostas designando-se por um pseudônimo que vem qualificar esta operação, é para que o seu corpo não se reduza, por sua vez, ao dejetos. Nos confins do virtual estaria o corpo intoxicado pela linguagem?

Tradução: Lúcia Grossi dos Santos

Revisão: Elisa Alvarenga

Serafim em seu espelho

Serafim in his mirror

Marcos Fina¹ (Buenos Aires, Argentina)

Resumo: O conto de Mujica Lainez ilustra o gozo mortífero da imagem. O sujeito crer ser o que se reflete no espelho. Se vê completo, com a condição de alienar-se na imagem refletida no campo do Outro. Em um primeiro momento se pensou o gozo a partir do narcisismo e ele ficou definido a partir do corpo, mas enquanto visto. O corpo é a fonte principal, é o objeto de satisfação, de contemplação, de extrema complacência onde se dá a conhecer, que denota precisamente que ali está o gozo.

Palavras-chave: sujeito, imagem, campo do Outro, gozo, corpo.

Abstract: Mujica Lainez' tale illustrates the deadly jouissance of the image. The subject believes to be the one reflected in the mirror. He sees himself complete, provided his alienation to the image reflected in the Other. The jouissance was firstly understood from the point of view of narcissism and defined in relation to the body considered as something seen. The body is the main source, the object of satisfaction, of contemplation, of uttermost delight, which demonstrates precisely that there dwells the jouissance.

Keywords: subject, image, Other, jouissance, body.

Quando regressava do escritório buscava os seus gatos e os levava um a um a seu dormitório, ali os acomodava no sofá e se sentava a uma certa distância para contemplar longamente, sempre na mesma atitude, a imagem que seu grande espelho lhe oferecia: a de um rapaz de expressão misteriosa e inegável formosura que o olhava. Fixos os olhos de um no outro.

No passado se distraía com a leitura ou a música, porém essa ficou para trás e seu único prazer passou a ser a contemplação do espelho. Nada lhe proporcionava maior paz e felicidade.

Se viesse cansado ou agoniado do trabalho, somente na bela imagem refletida recobrava a vitalidade perdida.

Já quase não limpava os quartos, já quase nem comia. Serafim quase não outorgava importância a nada que não fosse o majestoso espelho que resplandecia triunfal. A imagem desse bonito rapaz parecia iluminada desde seu interior. Passava noites inteiras ensimesmado em uma contemplação absorvente.

Um dia se sentiu muito mal, pela primeira vez renunciou a esse gozo secreto e se deitou na cama. Quem sabe quanto tempo fazia que não se alimentava. Seus gatos, únicas testemunhas, desesperados de fome, subiram à cômoda e começaram a arranhar a imagem do rapaz bonito colada sobre o imponente espelho. Poderia haver sido um pôster ou a fotografia de um quadro bonito onde Serafim o deforme, o Narciso horrível e desesperado, se via bonito.

O conto de Manuel Mujica Lainez intitulado “Narciso” mostra como por um lado, o gozo sem limites da imagem pode ser mortífero e por outro, que o sujeito, por um momento, crê ser a imagem refletida do espelho, imagem a que se aliena. O homem horrível e deforme se vê belo, completo, com a condição de alienar-se na imagem refletida no campo do Outro.

No escrito “O estádio do espelho e a função de formação do eu”, Lacan situa que a satisfação do sujeito ao ver-se refletido no espelho tem a ver com que o eu em sua imagem primordial é reflexo de uma imagem, de uma imagem virtual. O sujeito se vê refletido ali onde não está, no espelho como o lugar do outro (a-a’).

No curso “O Ser e o Um”, J.-A. Miller afirma que Lacan ocupou-se de uma só coisa do princípio ao fim do

1 Psicanalista. Integrante de TyA- EOL.

seu ensino: a relação do gozo com a palavra. Isto traça um itinerário que vai do imaginário ao real. Em um primeiro momento, se pensou o gozo a partir do narcisismo e ele ficou definido a partir do corpo, porém enquanto visto. Cito Miller: *“O gozo fica então definido pelo corpo, sem dúvida, porém por um corpo situado pelo seu gozo, o gozo de si, pelo fato de que o corpo se goza sem mediação, precisamente sem a mediação do outro que vê, ainda quando esse outro seja eu mesmo”*². O mito ilustra o gozo mortífero da imagem. Algumas aulas antes do mesmo curso, Miller assinala que *“a imagem do corpo – enquanto encontra suporte na representação – é a fonte principal, é o objeto de satisfação, de contemplação, objeto de extrema complacência onde se dá a conhecer, que denota precisamente que ali está o gozo”*³.

Narciso, o original, atraído pela formosura de sua imagem refletida no lago, cai na água e se afoga. O de Mujica Lainez nem sequer era belo, tampouco lhe faz falta. Tem o recurso de procurar uma imagem que o absorve até morrer em sua contemplação.

No caso de Serafim podemos dizer que a figura do rapaz belo obtura a própria imagem refletida, que não consegue devolver-lhe a imagem que o ideal exige e se inventa um novo reflexo para ver-se belo.

Sem dúvida, essa ficção nos desvela o problema da imagem como estrutural no ser falante, que com seu corpo esburacado pelo significante, somente consegue unificá-lo na imagem especular, sempre e quando esteja o Outro não somente para dizer-lhe “Esse é você”, senão para dar-lhe também um lugar no campo do olhar.

Porém, algo falha em Serafim e o espelho lhe devolve uma figura horrível. A imagem refletida não responde ao ideal e ele tem que inventar-se uma solução: se procura uma imagem que o olha e lhe devolve a beleza perdida. O interessante não é que no espelho se reflita sua imagem, senão que ele se reflete na imagem dando-se os atributos que seu próprio espelho lhe nega.

É interessante pensar que por trás da imagem ideal está a imagem real, que não consegue a unificação de um corpo fragmentado.

Poderíamos dizer que o espelho de Serafim não vela o real, o devolve de maneira brutal e que para tornar tolerável esse corpo que o espelho não consegue unificar, tem que recorrer a uma imagem ideal na qual olhar-se.

Porém, o consumo da imagem provoca-lhe uma adição intoxicante. Não pode deixar de olhar-se nela. Se o faz retorna esse corpo real que a figura do cartaz pretende ocultar. E Serafim termina consumido pela imagem que consome, sem atender às suas necessidades vitais. Só lhe resta contemplar para não ver, deixar-se modelar pela imagem com a condição de não abandonar sua contemplação. Se o faz, voltará a imagem horrível que lhe devolve seu espelho.

Bibliografia:

Miller, J.A. – curso “O ser e o Um”, 2011 – inédito.

MujicaLainez Manuel, Narciso, cuento.

Tradução: Cassandra Dias

Revisão: Oscar Reymundo

2 MILLER, J.A. – Curso “O Ser e o Um”, aula X, 6/4/2011 – inédito.

3 MILLER, J.A. – Curso “O Ser e o Um”, aula IV, 9/2/2011 – inédito.

O Retorno da tatuagem¹

The return of tatoo

Jazmín Torregiani² (Buenos Aires, Argentina)

Resumo: A partir da introdução da tatuagem como uma prática milenar, com este trabalho se busca localizar as coordenadas desta dita prática na atualidade. Que mantém um valor simbólico, porém aqui se destacará um outro aspecto: enquanto um modo de instilar gozo no corpo.

Palavras-chave: tatuagem, gozo, adição, corpo.

Abstract: From the introduction of tattooing as an ancient practice, this work seeks to locate the coordinates of that practice today. Maintaining a symbolic value, but here highlighting another aspect: as a way to instill jouissance in the body.

Keywords: Tattoo, jouissance, addiction, body.

As tatuagens não são uma novidade, as primeiras encontradas foram em múmias de 2000 anos antes de Cristo. A palavra *tatuagem* provém do samoano *tatoo*, que significa *marcar ou golpear duas vezes* e se incorporou ao espanhol através do francês *tatouage*. Em japonês, a palavra usada é *irezumi*, traduzida como *inserção de tinta*.

Estima-se que a Polinésia é a região do mundo que possui a mais ampla tradição de tatuar. Começam a tatuar-se em tenra idade e prolongam até que não fica nenhuma zona do corpo livre de pigmentos. Além do sentido estético, confere hierarquia e respeito a quem as tem na pele: quanto mais tatuado alguém estava, mais respeito se lhe devia. Os maoris as utilizavam para a batalha. Contribuíam como estratégia para assustar seus inimigos. No Egito eram sobretudo as mulheres que se tatuavam, por suas funções protetoras e mágicas. Na América do Norte, as utilizavam como parte do ritual de passagem da puberdade à vida adulta com o fim de proteção da alma. Já na América Central eram um modo de comemoração dos que caíam na batalha.

Dez séculos antes de Cristo, a tatuagem chega ao Japão e se popularizou em setores cada vez mais poderosos como ornamento corporal. Além desse uso estético, existia o costume de marcar os braços dos delinquentes com pares de linhas grossas ou outro tipo de formas. Estas marcas tinham o objetivo de fazer das pessoas que desobedeciam a lei, indivíduos repudiados por toda a vida e em todo lugar. Devido a isso, os delinquentes marcados começaram a tampá-las com outros tipos de desenhos mais mitológicos. Daí provém a *Yakusa*, máfia japonesa que se distingue por ter tatuagens em quase a totalidade do corpo.

Elas chegaram ao Ocidente por via marítima. As expedições às Ilhas da Polinésia foram seu ponto de entrada. Em Nova Iorque se profissionalizaram.

Uma tatuagem mais, uma tatuagem mais, uma tatuagem mais, etc...

Do recorte da história das tatuagens³ sobressai seu valor simbólico em uma dada sociedade. Hoje em dia, com certas variações, podemos continuar encontrando-as em diferentes tribos urbanas: *rock, punk, darks, rappers, surfers, rastafaris, tumberos, chetos, fashioncool*, entre outras com marcas que as identificam e com uma

¹ Texto apresentado no Seminário do Departamento de Toxicomanias e Alcoolismo (TyA) EOL, em Buenos Aires em Junho de 2015.

² Membro da EOL e da AMP. Integrante Rede TyA.

³ As referências históricas das origens das tatuagens foram extraídas da wikipédia

pregnância estética que cabe justo nos tempos do *império das imagens em que o simbólico já não é o que era*.

A partir do tema que nos convoca me interessa recortar outro aspecto da situação, que não se rastreia na wikipédia, que diz respeito aos corpos povoados de tatuagens, uma tatuagem mais, uma tatuagem mais, uma tatuagem mais, é dizer, o ponto em que a tatuagem é uma mostra clara de que uma marca faz gozar e que *um corpo é algo que se goza, substância gozante*, como situa Lacan no *Seminário Mais ainda*⁴. Encontramo-nos de forma evidente em certos casos, com o retorno uma e outra vez dessa marca de gozo.

Miller em seu texto “Ler um sintoma” chama a atenção: “a raiz do sintoma que está feita da reiteração inextinguível do mesmo Um. É o mesmo, não se adiciona... um etc, o retorno do mesmo acontecimento”⁵.

Transcrevo uma canção de rock chamada “Tan marcado ya” (Tão marcado já) da banda Pez que me parece interessante para abordar este tema:

E outra vez o zumbido que dói, que dorme e que marca.
Para o bem ou para o mal lá em Flores destinam minha futura pele
E me cubro com símbolos incertos e me elejo de cores
E essas marcas não se irão de mim.
E outra vez, velho vício, a tinta é o sangue em meu corpo.
Minha bandeira é minha pele e eu ataco com minha voz
Minha armadura está feita de esconjuros e simbologia enferma
E essas marcas não se irão de mim

Agora bem, não só do lado do autor dessa canção, temos um exemplo vívido, de um corpo que se goza, sob a modalidade da tatuagem, manifestando-o em sua estrofe: “a tinta é o sangue em meu corpo”. Do lado do tatuador, também é possível falar, em sua particularidade, da reiteração do mesmo acontecimento de gozo.

Tal é o caso do personagem do conto “O tatuador” de Junichiro Tanizaki⁶ do qual transcrevo dois parágrafos:

“No fundo de seu coração, o jovem tatuador ocultava um prazer e um secreto desejo. Seu prazer residia na agonia que sentiam os homens, ao ir introduzindo as agulhas, torturando suas carnes inchadas, vermelhas de sangue: e quanto mais alto se queixavam mais agudo era o estranho deleite de Seikichi. O sombreado e o avermelhado, que se diz que são particularmente dolorosos, eram as técnicas com as quais mais desfrutava.

Quando um homem havia sido furado quinhentas ou seiscentas vezes, no transcurso de um tratamento diário normal, e havia sido submerso em um banho quente para fazer brotar as cores, caía meio morto aos pés de Seikichi. Porém, Seikichi baixava seu olhar até ele friamente. “ Parece que dói”, observava com ar satisfeito”.

Então... Jazmín, porque você trouxe este tema? Vocês me dirão. Porque considero que se falamos do retorno do corpo, a tatuagem na atualidade é a clara prova de uma variante para trazer não só tinta senão gozo. Uma das múltiplas formas de fazê-lo, com a particularidade de que no caso da tatuagem algo disso se mostra.

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Oscar Reymundo

4 LACAN, J. *El Seminario, Libro 20, Aun*, Prov. de Buenos Aires, Paidós, 2007.

5 Miller, J.-A.: “Leer un síntoma” en *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, Buenos Aires, EOL, Año VIII, Número 12, 2012, pág.17.

6 Disponível em: <https://es.scribd.com>

A drogadicção e o poder da imagem

Drugaddiction and the power of the image

Durval Mazzei ¹ (São Paulo, Brasil)

Resumo: O autor propõe que a função do eu em unificar o ser serve-se da possibilidade que a droga indica de que não é necessário o Outro para a satisfação. Torna, deste modo, o adicto aprisionado à imagem.

Palavras-chave: psicanálise, drogadição, imagem.

Abstract: The author proposes that the function of the I to unify the being takes advantage of the possibility indicated by the drug, that the Other is not necessary for satisfaction. Thus, by this way, the addict is prisoner of the image.

Keywords: psychoanalysis, drugaddiction, image.

A imagem, no mais das vezes, ocupa um lugar mínimo no controverso discurso analítico. Em Freud e sua marca etnocêntrica pró-civilização ocidental, a imagem exhibe anterioridade à verbalização. Tal é notável já na ‘Interpretação dos Sonhos’ onde a representação imagética onírica é considerada regressão a formas menos evoluídas de expressão (1). Nos artigos técnicos é clara a opção de Freud pela rememoração discursiva, em livre associação, como um modo expressivo mais favorável à cura. A ação, em meio ao ato analítico, é vista mais como resistência do que favorece à decifração (FREUD, 1973). Lacan dá à imagem a função de alienação primordial. A identificação a um suposto ser não dividido na assunção jubilatória especular é o marco inicial do ensino lacaniano. É o cerne da fundação do eu e toda a cascata que vai caracterizá-lo como a morada do imaginário e a tentativa de exercer sobremaneira a consistência da existência que visa desconhecer a divisão.

Tal detalhe ocupa uma função fundamental ao receber em análise a figura do adicto. Não obstante as novidades no pensamento psicanalítico que surgem nos últimos anos. Novidades tais como levar em conta o efeito psíquico das drogas como a resultante da ação de um produto sobre a carne, concedendo a esta ação a propriedade de desenvolver um discurso. E tal discurso define a tendência de reconstituir a figuração imaginária do homem não dividido que não quer saber do que lhe é estranho. A literatura nos brinda com belos exemplos a este respeito: de Baudelaire a Huxley e está plenamente presente nos escritores da geração ‘beat’ (Kerouac, Bukowski, Burroughs, Corso, Ginsberg) bem como nos ideólogos do bem que especificamente os alucinógenos causariam à humanidade caso fossem bem utilizados, como na fala de Watts e Leary.

Esta torção no pensamento psicanalítico protocolar permite, pelo menos, duas possibilidades de inovar. A primeira é não aprisionar o dependente e o psicanalista à repetição da ilusão infantil e permitir que se defina que o uso de drogas, mais que favorecer o reencontro com a felicidade perdida, com o imaginativo orgasmo alimentar – vivências amplamente favoráveis à consistência da unidade – instaura, na medida em que se faz intensamente presente na existência singular, uma balbúrdia na condição erógena do sujeito, restringindo suas possibilidades de prazer, restringindo a multiplicidade de objetos à disposição da pulsão ao encontro com a droga. Este traço é, sem dúvida, o que chama a atenção nos verdadeiros dependentes. Propiciando, além do mais, ao sujeito uma indicação de que não é fundamental que o Outro tome parte das operações que dão sentido

1 Psicanalista. Psiquiatra. Membro Aderente da Seção São Paulo da EBP.

à existência (4). Tal afirmação não é distinta de desconhecer o inconsciente. O discurso que a droga promove, discurso que muito frequentemente inclui frases como: “se eu tiver um pacote de maconha e um quilinho de pó, na beira de um lago, não preciso de mais nada”, é o melhor exemplo clínico deste fenômeno.

A segunda tem como endereço o gabinete analítico e é corolário do apontado acima. O momento no qual o analista recebe o pedido de tratamento de um sujeito emborcado em drogas. Duas questões se impõem: uma delas é a restrição dos três tempos lógicos (LACAN, 1988) a dois. O adicto, via de regra, chega à análise antecipando o momento de concluir em decorrência do instante em que olhou sua condição: sou toxicômano. Esta afirmação, se bem que se sustenta tanto no discurso psiquiátrico contemporâneo quanto no discurso dos grupos de mútua ajuda como os narcóticos e os alcóolicos anônimos, é serventia da tendência egóica à unificação: sou toxicômano e mais nada parecem querer dizer. E facilita a este sujeito radicalmente desaparecido a desconsiderar que há uma história a ser contada, uma elaboração a ser construída. Não calcula, portanto, que haja um tempo para compreender. O tempo para compreender é o índice do engajamento do sujeito no Simbólico, na aposta que faz no Outro. É perfeitamente possível propor que esta posição do adicto, é um efeito da relação da droga com a carne. Este efeito desvincula-o da cadeia significativa por onde o desejo aponta a satisfação e o eu vê impossível a intenção unificadora. Como diz Santiago (SANTIAGO, 2001), “a prática metódica da droga não se confunde com o que constitui o apanágio de toda manifestação das neuroses, a saber, o sintoma”. Daí conclui que a dificuldade deste sujeito “em se engajar na elaboração do simbólico, no trabalho dos significantes provenientes do Outro, não se deve, simplesmente, às resistências imaginárias” (SANTIAGO, 2001), mas, como indicado acima, a resistência imaginária serve-se da vivência de que não há função à fala se a satisfação deixa de buscar as marcas significantes no semelhante. Isto quer dizer que a matéria prima do trabalho de decifração do psicanalista como os atos falhos, como os furos na linguagem, como as hesitações no ato podem, na verdade, não conter nenhum sentido e não guardar valor de metáfora. Isso obriga o analista, então, a desprender-se de seus protocolos teóricos e clínicos.

Se o dito acima não implica em abandonar a leitura do adicto dentro das possibilidades descritivas do discurso analítico, implica em dar-se conta de que ali não está um recalque, o isolamento de uma representação ou uma inibição. Há, sim, um acontecimento pulsional que não é favorável à função decifradora da fala. E a tentação do rumo fácil ou da aplicação estereotipada da análise cai por terra.

A Psicanálise assim dirigida, despida de protocolos teóricos e clínicos, pois o toxicômano propõe uma novidade ao discurso analítico, tem como abordar melhor o drogadicto. Notadamente se, como ensina o discurso de Lacan, não há, propriamente um ‘eu fraco’ a ser fortalecido. Há um sujeito que ainda ocupa sua posição no nó borromeano, mas duplamente alienado: a primeira alienação à linguagem torna-se subalterna à alienação na imagem e na vivência gozosa do efeito da droga.

Dirijo, no momento, algumas análises de toxicômanos. Digo, fora da moda científica, mas coberto de ética, que é possível a obtenção de resultados animadores. Visem estes a abstinência ou a ambiciosa meta de uso regulado da droga. São oito análises. Destes analisantes, um – apesar de politoxicofílico – não se apresentou como adicto no início da análise e correspondia nitidamente ao espírito drogálatra. O correr da análise é que

transformou o uso, a dependência, em pergunta e o resultado começa a aparecer. Dos outros sete, três atingiram a abstinência. Destes, dois apresentaram as recaídas mais dramáticas. O outro analisante permanece abstinente. Os últimos quatro estão, por ora, afastados com sucesso das drogas apesar, e notadamente em função das atividades profissionais que desempenham, de eventualmente voltarem ao uso, mas sem desenvolver o padrão anterior ao tratamento.

Posto isto, perante estes dados colhidos “naturalisticamente”, não afirmo categoricamente “a Psicanálise funcional!”. Mas, entusiasmadamente, digo que a Psicanálise pode, sim, dar uma resposta terapêutica e útil aos dependentes químicos que não se adequem à religiosidade e ao corporativismo dos grupos de mútua ajuda, ao protocolo disciplinador cognitivo-comportamental ou ao controle farmacológico de seus impulsos. Isto sem considerar que a Psicanálise pode muito bem se aplicar a um sujeito que, por uma razão ou outra, submeta-se a qualquer um destes outros projetos terapêuticos e, mesmo assim, deseje saber algo do Inconsciente e do sujeito da enunciação.

Desta forma, é possível afirmar que a Psicanálise pode ser reconhecida como uma estratégia válida para a abordagem dos dependentes químicos.

Bibliografia:

Freud, S (1973) Interpretación de los sueños. Obras Completas, Tomo I. Biblioteca Nueva, Madrid.

Freud, S (1973) La dinámica de la transferencia. Obras Completas, Tomo II. Biblioteca Nueva, Madrid.

Freud, S (1973) Recuerdo, repetición y elaboración. Obras Completas, Tomo II. Biblioteca Nueva, Madrid.

Freud, S (1973) Observaciones sobre el ‘amor de transferencia’. Obras Completas, Tomo II. Biblioteca Nueva, Madrid.

Nogueira Filho, DM (1999) Toxicomanias. Escuta, São Paulo.

Lacan, J (1998) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Em Escritos. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Santiago, J (2001) A droga do toxicômano. Uma parceria clínica na era da ciência. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Doistoievski e sua teoria do gentleman¹

Doistoievski and his theory of the gentleman

Luis Iriarte² (París, Francia)

Resumo: Com o propósito de falar sobre a adição ao jogo, podemos tomar como referência a novela de F. M. Doistoievski *O jogador*, de 1866. Este texto será examinado a partir de duas perguntas: 1) como se apresenta a dependência ao jogo do personagem principal? 2) Que relação existiria com a paixão pelo jogo do escritor russo?

Palavras-chave: adição ao jogo, Doistoievski, O jogador, Freud, Lacan.

Abstract: With the purpose of studying gambling addiction, we can refer to F.M. Dostoyevsky's book *The Gambler* (1866). This novel will be examined from two questions: 1) how is the gambling addiction of the main character described? 2) What relation could exist with the Russian's writer gambling addiction?

Keywords: gambling addiction, Dostoyevsky, *The Gambler*, Freud, Lacan

Com o propósito de falar sobre a adição ao jogo, podemos tomar como referência a novela de F. M. Dostoievski *O jogador*, de 1866. Este texto será examinado a partir de duas perguntas:

- 1) Como se apresenta a dependência ao jogo do personagem principal?
- 2) Que relação existiria com a paixão pelo jogo do escritor russo?

No começo da novela, se observa como Alexéi Ivánovich regressava à cidade onde se encontrava o general e sua família. Ele era o tutor dos filhos do general, que também tinha uma enteada chamada Polina Alexándrovna. Desde os primeiros diálogos entre Alexéi e Polina, se aprecia uma relação de amor-ódio entre eles.

Por outro lado, apesar de que se observa que a paixão pelo jogo de Alexéi já se apresentava desde antes do seu encontro com a jovem, ele volta à roleta com o propósito de cumprir uma missão: ganhar uma quantidade de dinheiro para Polina. Sem dúvida, a dita missão vai ficando esquecida quando aparece novamente a satisfação que sente ao jogar. Alexéi o coloca dessa maneira: “Não sei se pensei uma só vez em Polina durante aquela noite. Experimentava um prazer irresistível em recolher os bilhetes do banco, cujo montante aumentava diante de mim. [...] uma sede ardente do risco me invadiu de repente, sem que o amor próprio mediasse isso”³. Então, o prazer que sente ao recolher o dinheiro que ganhou e o surgimento dessa sede pelo risco faz com que o amor próprio e o amor por Polina fiquem eclipsados durante o tempo que dure o jogo.

Alexéi também desenvolverá uma teoria acerca de como seria o jogador ideal. Em relação a essa teoria, se aprecia que ao longo da novela se faz referência a duas classes de jogadores: por um lado está o *gentleman* e por outro nos encontramos com o *plebeu*. No que concerne ao primeiro tipo, Alexéi o descreve como um jogador que tem “caráter”⁴, quer dizer, que joga com prudência e unicamente “arrisca por amor ao jogo, somente por prazer”⁵. Também é **alguém que “deve fazer pouco caso do dinheiro, como se fosse coisa que não valeria a pena fixar a atenção nele”**⁶. Então, o *gentleman* seria aquele jogador ideal que somente se satisfaz com o fato

1 Extrato do texto apresentado na Conversação “Clínica e adições” de *L'Envers de Paris* em 13/04/2015.

2 Psicólogo clínico, Master en psychanalyse - Université Paris 8 Vincennes-Saint Denis. Doutorando na Universidade Rennes 2 (França).

3 Dostoievski, F., *El jugador*, Madrid: Editorial EDAF, S.A, 2005, p 205.

4 Ibid, p 24

5 Ibid, p 63

6 Ibid, p 64

de apostar e que não tem interesse na quantidade de dinheiro que poderia ganhar ou perder.

Por outra parte, se apresenta o jogador *plebeu*. Apesar de que Alexéi **não o define diretamente, ele fala de certos comportamentos que têm as pessoas durante o jogo e estes se diferenciam das condutas apresentadas por um gentleman**. Por isso, poderíamos dizer que o jogador *plebeu* se descreveria como aquele que se deixa levar pelo furor das apostas, que joga “sem calcular”⁷ e que espera que os ganhos da roleta permitam-lhe refazer sua vida.

Nesse ponto, nos perguntamos: como se relacionaria o exposto em *O Jogador*, com a paixão pelo jogo que padecia Doistoevski? De entrada, se poderia dizer que esta teoria do *gentleman* se observava também no escritor russo. Isto pode ler-se nas cartas que enviava a sua esposa, quando frequentava as salas de jogo. Algumas das ideias expressas manifestavam essa teoria: “quando alguém é razoável, com o coração de mármore, frio e com uma prudência sobre-humana, pode ganhar, sem a menor dúvida, tudo o que queira”⁸. Apesar de ter essa convicção, Dostoevski perdia rapidamente. O motivo destas perdas, igual ao de Alexéi, era a impaciência ou a falta de prudência que lhe fazia arriscar seu dinheiro ou seus bens. Por isso, tanto o escritor russo como seu protagonista faziam existir um jogador que apresentava características ideais para ganhar na roleta. Sem dúvida, eles não conseguiam ter o “caráter” necessário para atuar como um *gentleman*.

Por outro lado, podem-se captar também reações similares frente às perdas. Uma vez que já estavam sem dinheiro, retomavam seus trabalhos. Alexéi voltava a trabalhar como tutor para alguma família, enquanto que Dostoevski se dedicava a escrever. Este último, pode ler-se no artigo de Freud⁹, quando assinala que apesar do escritor russo não parar de jogar até deixar todo seu dinheiro na roleta, sua “produção literária nunca andava melhor que depois que havia perdido tudo e empenhado suas últimas posses”¹⁰.

Se levarmos em consideração a referência de Lacan¹¹ em seu Seminário 16, quando manifesta que “tudo repousa na simples observação de que o que se aposta no começo está perdido”¹², se poderia dizer, então, que Dostoevski necessitava perder nas salas de jogo para poder avançar em suas criações. De igual modo, a ameaça de uma perda produzia um efeito similar. Isto se verifica, por exemplo, quando o escritor russo firmou um contrato com seu editor para que lhe adiantasse uma quantidade de dinheiro e em dito contrato ele arriscaria os direitos de publicação de suas obras¹³. Quer dizer, que se ao final do prazo estabelecido não lhe entregasse uma nova novela, perdia – durante uns anos – os direitos de seus escritos já publicados. É assim que conseguiu escrever em menos de um mês a novela *O jogador*. Portanto, apesar de que deixava todo seu dinheiro na roleta, Dostoevski nunca perdeu essa aposta na qual estava em jogo suas criações literárias.

7 Ibid p. 202

8 Fulop Miller, R. et Eckstein, F., « Dostoevski à la roulette », *Le Joueur*, Paris : Éditions Gallimard, 1956, p.230.

9 Freud, S., “Dostoevski y el parricidio”, *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 2004, t. XXI.

10 Ibid p. 188

11 Gutermann-Jacquet, D., “Los jugadores clásicos y posmodernos”, disponible en: <http://www.congresamp2014.com/es/Papers/Papers-000.pdf>

12 Lacan, J., *El Seminario*, libro 16, *De unOtro al otro*, Buenos Aires: Paidós, 2008, p. 115.

13 Frank, J., *Dostoevski: les années miraculeuses*, Arles : Actes Sud, 1998, p. 254.

Bibliografia:

- Dostoyevski, F., *El jugador*, Madrid: Editorial EDAF, S.A., 2005.
- Frank, J., *Dostoïevski: les années miraculeuses*, Arles : Actes Sud, 1998.
- Freud, S., “Dostoievski y el parricidio”, *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu, 2004, t. XXI.
- Fulop Miller, R. et Eckstein, F., « Dostoïevski à la roulette », *Le Joueur*, Paris : Éditions Gallimard, 1956.
- Gutermannn-Jacquet, D., “Los jugadores clásicos y posmodernos”, disponible en: <http://www.congresamp2014.com/es/Papers/Papers-000.pdf>
- Lacan, J., *El Seminario, libro 16, De um Otro al otro*, Buenos Aires: Paidós, 2008.

Tradução: Cassandra Dias

Revisão: Oscar Reymundo

Sexo, Drogas e Rock'n Roll no Século XXI

Sex, Drugs and Rock'n Roll in the XXI Century

Felipe Barreto Nery Coutinho¹ (Juiz de fora, Brasil)

Resumo: O mal-estar, efeito da desordem no real, encontra nas adições generalizadas uma resposta, um gozo que segue as determinações do imperativo contemporâneo do consumo e que traz consequências características observadas pela clínica psicanalítica.

Palavras-Chave: gozo, toxicomania, adição, desordem, droga.

Abstract: The malaise, an effect of the disorder in the real, finds answers in generalized addictions, an enjoyment that follows the determinations of the contemporary imperative of consumption and that brings consequential characteristics observed by psychoanalytic clinic.

Keywords: jouissance, drug addiction, disorder, drug.

O Iluminismo põe fim às barbáries da Idade Média, introduzindo a ciência enquanto orientação outrora exercida pelos pressupostos religiosos. Isaac Newton descreve o mundo segundo as leis da física; inaugura-se a ciência moderna. Constroem-se máquinas que subvertem as expectativas de produção. Novas relações de mercado e de trabalho são constituídas. Novas áreas da ciência são nomeadas. O sistema do capital solidifica-se. Ergue-se a *Pharmakologia* que, do encontro com a indústria bioquímica, alcança as drogas.

A empreitada da formalização de um saber sobre a verdade deixa um resto. Há sintoma, “verdade que retorna, portanto, a galope”². Há queda de sentido, dos ideais. O discurso capitalista deixa mudo o consumidor, sem palavras em seu gozo. Não há retorno. A universalidade da entropia ($\Delta S = Q/T$) determina um rumo, uma tendência à desordem de maneira irreversível. A junção *sexo, drogas e rock'n roll* está desfeita, desordenada, reconfigurada segundo uma “metástase de gozo”³, contemporâneo, em um *paraíso* ainda mais *artificial*.

O momento atual caracteriza-se por uma suposta solução frente ao mal-estar, algo que se dá pela via de uma adição generalizada, que se manifesta diante dos tropeços e embaraços do sujeito neurótico, mas também no recurso à intoxicação enquanto mecanismo frente à angústia característica na psicose, como no caso clínico.

O jovem chega ao tratamento analítico anunciando-se *dependente químico crônico* de álcool, mas, sobretudo, de cocaína. O paciente diz-se amante do rock desde a adolescência, fase de sua vida na qual já bebia compulsivamente. Segundo ele, *seus heróis morreram de overdose*, algo que afirma fazendo alusão à sua identificação com a imagem fálica (ϕ) do *rock star*, como ficou conhecido na faculdade, desregrado em seu gozo com as drogas e assediado por *groupies*. O rapaz é bem apessoado, praticante de exercício físico intenso, ex-vendedor de suplementos alimentares, tem grande preocupação com a aparência e já fez uso cíclico de anabolizantes.

O histórico familiar do jovem conta com crises depressivas da mãe, que o criou longe do pai desde o seu nascimento. O rapaz não carrega o sobrenome paterno. Ao final da puberdade, ele encontra o pai pela primeira vez, momento em que inicia um namoro e também o uso da cocaína. O gozo com a droga é rapidamente incorporado à vida do paciente que o qualifica atualmente como *um remédio para sua doença*, que o faz sofrer.

¹ Mestre em Psicanálise pela *Université Paris 8* (Vincennes-Saint-Denis); profissional atuante em Juiz de Fora (MG).

² LACAN, J. “O Seminário, Livro XVII: o *avesso da psicanálise*”, 1969-70, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, p. 59.

³ Termo utilizado por Fabián Naparstek, por ocasião do I Encontro da Rede TyA -Brasil, Belo Horizonte, 2014.

É possível interrogar a clínica analítica do sujeito toxicômano segundo a lógica discursiva contemporânea, cujos efeitos são experimentados através de uma adição generalizada. Trata-se de um questionamento no qual se concebe certa falência da função paterna. Com efeito, a angústia pode atingir o corpo e o devastar segundo um gozo fora do simbólico.

O paciente recorre à toxicomania enquanto mecanismo que situa o seu gozo. A angústia diante da ausência do pai, do representante fálico (Φ), atravessa seu corpo e o faz eleger objetos substitutos (ϕ) pela via imaginária. Da figura do *rock star* ao *dependente químico crônico*, ele encontra amparo através da identificação, que promove certa amarração dos registros suprimindo a ausência do significante fálico. Em jogo, está um sintoma que pretende dar conta do que há de insuportável no real pelo recurso ao imaginário, o que a princípio não passava pela ordem simbólica. Ao falar, o jovem encontra rastros de sentido. O gozo, inicialmente mudo, representado em ato de intoxicação, encontra a palavra e assume o enigma diante do amor do pai, abrindo as portas para uma possível *père-version*, certa versão em direção ao pai ⁴.

Para além da peculiaridade do caso, é possível perguntar se a civilização atual não se caracteriza, simultaneamente, por uma desordem no real, mas também por uma inflação do imaginário, experimentada pela desregulação crescente e generalizada do gozo com relação ao seu objeto-causa (*a*). Isso significaria supor que o ordenamento do consumo e as metamorfoses contínuas dos objetos desregulam a economia libidinal do sujeito contemporâneo, o que se vivencia enquanto perda crescente de sentido e aumento progressivo da angústia. O imperativo do consumo suportado pela ciência traduz-se, portanto, na dificuldade do sujeito em localizar o seu gozo. Trata-se ainda de interrogar se as adições generalizadas respondem em determinada equivalência com a toxicomania levada à sua dimensão de excesso, a saber, o da identificação do corpo como dejetos.

A falência paterna atual confundir-se-ia com a nulidade simbólica do nome-do-pai? Ou é um enfraquecimento da significação fálica e da incidência da castração que, com efeito, promove uma diminuição da perda da parte autista do gozo? Isso incide diretamente no endereçamento ao parceiro sexual e na maneira como os sintomas arranjam-se promovendo parcerias. A desordem crescente da sexualização no real do século XXI⁵ implica em ausência da diferença entre os sexos? É possível pressupor um gozo irrestrito e generalizado a ponto de devastar igualmente o *parlêtre* independente do real do sexo que marca o seu corpo? Quais os efeitos disso para a clínica com as toxicomanias ou com as adições generalizadas?

Do *paz e amor* dos *hippies* à política de repressão sustentada pelo significante de *guerra às drogas*, os ideais que, outrora, figuraram situando o gozo, fracassaram. A tríade *sexo, drogas e rock'n roll* apontava uma saída para o mal-estar de um século marcado pela devastação decorrente dos grandes embates mundiais, de acordo com uma lógica fálica ainda bem definida. Em resposta, assistiu-se a um *boom* cultural da cena *rock*. Em jogo, um contorno simbólico que, ao som de *pedras rolando*, constituía parceiros; homens recusavam-se a ir à guerra e mulheres reivindicavam direitos.

O jovem é de um tempo em que o imperativo do consumo pode calar o *parlêtre* que, aprisionado na dimen-

4 LACAN, J., "O Seminário, Livro XXIII: *o sinthoma*", 1975-1976. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p.21.

5 MILLER, J.-A. « *Le réel au XXI siècle* », 2012, Présentation du thème du IX Congrès de l'AMP, La Cause du Désir, v.82, p.94.

são autista de seu gozo, recorre ao *paraíso artificial* dos objetos para satisfazê-lo. No entanto, o que daí retorna é vivido no corpo (angústia) e, *mais ainda*, na contínua formação de sintomas que denunciam certa desordem no real pela via da desorientação sexual e da precariedade simbólica. O paciente é representante de um século no qual a junção do *sexo, das drogas e do rock'n roll* sofreu reconfiguração, desfez-se, perdeu sentido e só se sustenta por uma inflação do imaginário diante do real. A era recém inaugurada é marcada pela *metástase do gozo*, o que resulta em uma desordem do *sexo*, num gozo autista com as *drogas e* num silencioso *rock'n roll*.

Bibliografia:

LACAN, Jacques, (1969-70), *O Seminário, Livro XVII, O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1975-76), *O Seminário, Livro XXIII, O sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007.

MILLER, Jacques-Alain (2012) « Le réel au XXI siècle » Présentation du thème du IX Congrès de l'AMP : *La Cause du Désir*, v. 82, Paris, 2012.

On line e o fast time: o que é ser toxicômano hoje?¹

On line and fast time: what is it like to be a drug addict today?

Giovanna Quaglia² (Brasília, Brasil)

Resumo: A hipermodernidade se revela em uma conectividade 24 horas. O discurso da ciência e capitalista coloca o gozo em uma aceleração do tempo e objetos de consumo. Com as mudanças do mundo globalizado a toxicomania se faz on line.

Palavras-chave: toxicômano, gozo, hipermodernidade, tempo, conectividade.

Abstract: The hyper modernity reveals itself in a 24-hour connectivity. The discourse of science and capitalism puts the jouissance in an acceleration of time and consumer goods. Changes in the globalized world now permits drug abuse to be done online.

Keywords: drug addiction, jouissance, hyper modernity, time, connectivity.

A velocidade hipermoderna³ se revela em um excesso de gozo. O tempo da espera, do mistério, é preenchido pela conectividade. Basta um *google* para inferir rapidamente um nome, uma solução, ao que antes era inexplicável. Dizemos que há uma feminização do mundo, o que prioriza um gozo ilimitado.

Estamos no tempo *wifi*, dos aplicativos e das soluções em *software*. Vivemos uma sequencia fotográfica *selfie*, onde compulsivamente clico/posto o meu *bem-estar*. Na imagem tudo posso. O tempo que não vivo é eternizado no *Instagram* e *Facebook*. Os amigos que não tenho, falam comigo pelo *whatsapp* e *twitter*. *On line* é a palavra da hora.

O empuxo *on line* para a imagem, trouxe uma inveja promovida pelo ideal especular do discurso do capitalismo e seus *avatares* de gozo. Vivo em minha imagem e me esvazio no mais-gozar. Mas, no tempo *on line* não cabe sofrer. A forma de existir é um empuxo *Sanista*.

Presentificamos uma psicopatologia da classificação, com significantes mestre. Na linha *DSM* e *CID*, a nomeação médica de um transtorno é um ato de sentido para o que não faz sentido. A nomeação fornece um ganho rápido ancorando o sujeito numa formação imaginária de sentido. Surgem os sintomas *prêt-à-porter*.

Eu sou *transtorno*... traz um lugar comum para as diferenças. Instala-se, pelo discurso da ciência, um saber mestre sobre o *mal-estar* e uma fórmula de pertencimento.

Lacan diz: “o que faz a vez de veneno para Hamlet é a palavra de seu pai⁴”. Hoje poderíamos dizer: o que faz veneno em mim é a palavra da ciência. Pelo ato de nomeação sintomática a função de Tirésias da ciência desenha um destino diagnosticado.

Os diagnósticos, com listas infundáveis de transtornos, criaram um mercado poderoso de psicofármacos, que passaram a ser os responsáveis pelo domínio da loucura fora dos manicômios. A medicação passa a ser item indispensável para uma *pseudoconvivência* em uma sociedade *feliz e produtiva*.

A CURA PARA O VENENO É O TÓXICO!

Nesse discurso da ciência o veneno intoxica, fazendo supressão química do sujeito do inconsciente. O dis-

1 Agradeço a escuta e apoio de Pablo Sauce, Romeu Maia e Dâmocle Paiva

2 Psicanalista. Coordenadora de Biblioteca e do Núcleo de Pesquisa em Toxicomania da EBP DG GO/DF. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia do Centro Universitário IESB.

3 Gilles Lipovetsky.

4 Anotações pessoais.

curso médico torna o *insight* dispensável, reduzindo o mal-estar a um cérebro problemático, com um déficit químico.

Intoxicar-se passa a ser mercadoria de prateleira para a sobrevivência da cultura em uma sociedade que diz: *conecte-se*. Não há nada mais hipermoderno do que ser medicado!

E é aqui que tempo, tecnologia, imagem e *pharmakon* se unem em um *bem comum de normalidade*. Paradoxo contemporâneo, ironia fabricada: *Todos adictos!*

ENTÃO, O QUE É SER TOXICÔMANO HOJE?

Para essa reflexão quero recorrer ao filme *Trainspotting*⁵, nele acompanhamos a trajetória de um grupo de jovens toxicômanos. No entanto, lançando outro olhar, o filme revela uma crítica à sociedade de consumo e indica uma mutação do que é a toxicomania.

Em *off*, no início do filme, Renton, diz: “Escolha um emprego, carreira, família, televisão ... Escolha viver. Mas por que eu iria querer isso? Escolhi não viver. Escolhi outra coisa. Os motivos? Não há motivos. Quem precisa de motivos quando tem heroína?”. Porém ao final indica: “Eu irei mudar... escolhendo uma vida. Estou buscando o futuro agora mesmo. Eu serei exatamente como você... trabalho, família, televisão... procurando o futuro, até o dia da sua morte”⁶.

Usando esses dois momentos, gostaria de afirmar que vivemos uma toxicomania às avessas. A toxicomania hipermoderna não é a do início do filme, como não é a de *Cristiane F, W. Burroughs*. Esses são nomes de outros tempos. *Junks*. Rebeldes, cínicos ao discurso capitalista. Fieis a um objeto. Nos faziam pensar a droga em relação a uma ruptura com o falo. Toxicômanos de um gozo maligno e localizado. Sujeitos à margem, que contornavam a castração, obtendo na solidão um gozo auto erótico. Esses *caras* estão fora da moda!

O toxicômano hipermoderno, ao contrario, revela que sua solução de *pharmakon* está em ser produtivo, ter uma vida saudável, não manifestar oscilações de humor, não comer muito, não dormir muito, fazer exercícios, ter cartões de crédito, fazer *shopping*, ficar *on line*, ter *iphone*, *ipad*, *iwach*, ser *yupi* e *estar ligado*. Esse toxicômano goza no abuso da velocidade, no exagero de acessos a uma vida ressoada em massa pela internet.

Sim, ainda observamos *manicômios a céu aberto*, seres devastados pela miséria e uso de drogas. Mas cabe refletir que aquilo que chamamos de *Crakolandia*, não é um lugar de toxicômanos, é um local de excluídos do discurso capitalista, pessoas sem acesso aos bens de consumo. Creio que é preciso ficar atento para não usarmos a imagem da exclusão como uma falsa imagem e nomeação da toxicomania.

A toxicomania hipermoderna revela um corpo agitado em uma busca ativa de objetos *a* mais de consumo. O gozo é generalizado e a solução toxicômana um apelo ao consumo. O que seria direito torna-se dever. O direito ao gozo acabou tornando-se obrigação. Os objetos se impõem e a busca pelo gozo causa.

No filme *The Wolf of Wall Street*⁷, as imagens nos expõem aos excessos da vida de Jordan Belfort. Os per-

5 1996, direção Danny Boyle, autor: Irvine Welsh.

6 Trechos retirados do filme em inglês, com tradução pessoal.

7 2013, direção: Martin Scorsese, autor: Jordan Belfort.

sonagens gozam sem parar, abusam de sexo, dinheiro e drogas. A temática é a promoção do imperativo: *Goze por todos os lados!* O que fascina o espectador, não é a crítica social, mas o poder da imagem de captar o que todos desejam: *uma vida com direito ao gozo generalizado!*

Se o toxicômano mudou, o que é tóxico também mudou. Se antes o tóxico era uma droga, hoje as listas infindáveis de substâncias nos apontam que o tóxico pode ser qualquer coisa. Verifica-se uma mudança de gozo, notamos um gozo que se desloca, que aparece por todos os lados, onipresente. O tóxico é o gozo!

É o gozo que está como elemento central na lógica de reprodução globalizada. O discurso impulsiona para a plasticidade infinita da produção de possibilidades de escolha no universo do consumo.

O toxicômano hipermoderno vive imerso na temporalidade urgente do relógio, já não é possível conceber outra forma de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa. O estado da mente é *up, fast, on line*. Mais tempo acordados, conectados e conscientes. Surge um imperativo de ser sempre melhor e mais rápido. Ocorre uma expropriação do inconsciente como neutralização social do conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade através de uma *satisfação administrada*. Em *cápsulas intoxicantes de lucidez*, podemos nos entregar à morte da singularidade em um gozo *automaton*.

O gozo mortífero da intoxicação está em uma overdose do princípio de realidade, entendido aqui, como um eu-realidade que nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos. Percebe-se um aumento no consumo a droga para manter o foco. As substâncias são estimulantes, antidepressivas e ansiolíticas.

No filme *Limitless*⁸, Eddie descobre uma cápsula que lhe permite, via intoxicação, tornar-se *invencível*, rápido, inteligente, prever o futuro e ter soluções para todos os perigos. Eddie é um toxicômano *on line*, acelerado, ligado, no excesso do gozo de autoconservação.

Por fim gostaria de lançar uma pergunta: Não teria *Michael Jackson* morrido por não conseguir desligar?

8 2011, direção: Neil Burger.

Algumas reflexões sobre os métodos em voga para curar as adições

Some reflections about the methods in vogue to heal addictions

Pierre Sidon (Paris, França)¹

“We admitted we were powerless over alcohol – that our lives had become unmanageable.”

Alcoholic Anonymous Big Book, Step One.

Resumo: O texto fala de um método para curar adições, a “Rational Emotive Behavioral Therapy”, que critica o método proposto pelos Anônimos. A psicanálise opera distintamente do tratamento pelo grupo e da reabsorção do singular no universal. Ela permite que um ego ferido assuma sua responsabilidade.

Palavras-chave: Adições, anônimos, terapia comportamental, psicanálise.

Abstract: The text talks about a method for healing addictions, the “Rational Emotive Behavioral Therapy”, which criticizes the method proposed by the Anonymous. Psychoanalysis operates differently from the treatment by the group and the reabsorption of the singular in the universal. It allows an injured ego to assume his responsibility.

Keywords: Addictions, anonymous, behavioral therapy, psychoanalysis.

Recomendado essa manhã, 25 de abril de 2015, por Stanton Peele no Twitter, o site The humanist.com (<http://thehumanist.com/magazine/may-june-2015/features/self-management-recovery-training-a-smart-humanistic-approach-to-addiction-recovery>) publicou um artigo de Deborah June Goemans a propósito de um método em voga para curar a adição.

Inspirado por S. Peele, psicólogo promotor da adição ao amor (<http://addicta.org/2014/09/29/love-addicts-amour-ou-anti-amour/>), o artigo destaca uma de suas afirmações mais fortes: “o melhor antídoto ao vício são a alegria e capacidade”.

Mas o que anuncia esse destaque na abertura do jogo, e que é o fundamento do método aqui apresentado, é o famoso ataque contra os Anônimos de que S. Peele se tornou, de longa data, uma das figuras de proa. Pois o método denominado smart-Recovery, pretende atingir o contrapé dos princípios do método dos Anônimos. A crítica de S. Peele, de fato, coloca em causa o célebre método dos doze passos do célebre Bill em seu princípio fundador: o reconhecimento necessário, pelo adepto, de sua fraqueza contra uma doença considerada incurável. É esse apelo ao fracasso que, de acordo com S. Peele, constitui uma das falhas ou mesmo um dos perigos essenciais do método dos Anônimos, uma vez que podem conduzir a uma “dependência permanente das pessoas”, à cronificação no grupo dos Anônimos: “resta ainda ao alcóolico a tarefa crucial de sair para fora do grupo AA para colocar à prova seus novos sentimentos de valor e de controle de si mesmo”. Para S. Peel, de fato, aquele que se submete ao “poder superior” dos AA está preso em um sistema do qual o “clero médico”, seria cúmplice (Peele S., Love and addiction, Taplinger Publishing, New York, 1975. (Cap. 9).

D.J. Goemans se baseia também na existência de estudos que demonstram a baixa eficácia do método dos

¹ Psiquiatra, psicanalista, Membro da Ecole de la Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise, animador da rede TyA do Campo Freudiano.

Anônimos entre todos os métodos conhecidos. Mas reconhece que esse caminho, embora de natureza espiritual, pode atender alguns. No entanto, chama a atenção, com S. Peele, do risco da “profecia autorrealizadora”, incluída no princípio da impotência exigido pelos Anônimos. Trata-se do primeiro ponto, e não dos menores, sobre o qual repousa o método smart: vocês não são impotentes. A palavra vítima (da doença enviada por Deus) não é pronunciada, mas se deduz.

Em vez disso, os defensores do método smart propõem um programa de ação racional e pragmática. E, claro, todos alegremente viram as costas a qualquer conceito patológico e se localizam inteiramente - estamos nos EUA - sob a égide da psicologia positiva impulsionada e baseada em um precursor das TCCs: a Rational Emotive Behavioral Therapy (REBT), fundada em 1955 por Albert Ellis. Quatro de seus princípios impulsionam o método smart: aumentar a motivação para a mudança, gerir as vontades, se ocupar efetivamente dos seus assuntos e fazê-lo “racionalmente” e, finalmente, equilibrar a balança entre o prazer imediato versus a satisfação a longo prazo.

Evidentemente se os interrogará, à luz negra das seduções diabólicas da infelicidade revelada nos tratamentos psicanalíticos individuais, sobre a significação não encontrável de vários dos quatro objetivos assim propostos, como à prática baseada em grupos ou sobre o uso de um site da Internet.

Mas o dispositivo, fundado em 1994, seduz: mil e quatrocentas reuniões a cada semana em seis continentes, cento e vinte mil visitas mensais ao site. Ele ganha então interesse como um instrumento pronto para uso. Seria, talvez, um primeiro passo para começar a superar as designações arrasadoras que estão na origem das adições? É certamente o que acredita o artigo de The Humanist por meio de vários testemunhos clínicos comoventes.

Então, é claro, a variedade da oferta vai permitir a cada fazer suas compras no mercado liberal de terapias e fazer o caminho de um desabrochar pessoal. Mas resta o sentimento de um impasse do humanismo nesse maniqueísmo de vítimas-Anônimos, opostas aos empreendedores do self. É que o tratamento pelo grupo e a absorção da singularidade em um universal do bem preconizada pela psicologia positiva reenvia o sujeito que sofre à opacidade de seu gozo. Esse “humanismo ingênuo”, que “é pretender que Outro seja semelhante (...) se desorienta completamente quando o real no Outro se manifesta como não semelhante em absoluto. Há, então, sublevação. Então surge o escândalo. Não se tem outro recurso senão invocar não sei que irracionalidade”, nos ensina Jacques-Alain Miller (Miller J.-A., “Extimidad, Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 46). Ao contrário, diz Miller, comentando Heidegger: “(...) há primeiro algo dado, mas a ninguém. (...) E depois tenta-se arranjar-se com isso (Ibid, p.337).” E é desse ponto situado como impasse do humanismo que se origina a via estreita sobre o caminho íngreme de uma realização singular, em direção ao “há”: aquele que permite o apoio assegurado sobre um psicanalista no advento de um ego ferido em direção à assunção de sua responsabilidade. Cabe a nós fazer valer nosso método e crescer nossa oferta nesse sentido.

Tradução: Jorge Pimenta

Revisão: Márcia Mezêncio

Instituições Intoxicantes

Intoxicating institutions

Martín S. Fuster¹ (Buenos Aires, Argentina)

Resumo: Não podemos negar um contraponto. Existe. Ao situarmos a penalização do adicto, como consumidor de substâncias ilegais, em um extremo. Em outro, um empuxe à liberação do consumo. Essa dissonância tenta deixar por fora uma opção, que a psicanálise e em particular os psicanalistas lacanianos resgatamos desse atordoamento. Em tempo de imagens que intoxicam também as instituições o podem fazer. A pessoa é tomada, com efeito, por um outro que molesta. O analista está ali para insistir pela palavra. Não tropeçar na extração sempre de um significante a mais. Como diz Miller, analisar o *parlêtre* é o que já fazemos, porém temos que aprender a saber dizer-lo. Também, referente a quem habita o silêncio das drogas...

Palavras-chave: instituições, intoxicantes, drogas, posição do analista frente às drogas, *parlêtre*, aturdimento.

Abstract: We can not deny there is a counterpoint. On one hand we place the penalization of the addict, as a consumer of illegal substances. On the other hand, a push to free oneself from the addiction. This dissonance attempts to leave out a third option, that psychoanalysis, and lacanian psychoanalysts in particular, rescue from the daze. In times of intoxicating images, also institutions can amount to the same effect. The person is taken, in fact, by the other who harasses him. The analyst is there to insist through words, not to falter in the perpetual extraction of one more signifier. As Miller once said: to analyze the *parlêtre*, that's what we already do, but we must learn how to say it. Also in relation to them who inhabit the silence of drugs...

Keywords: : institutions, intoxicating, drugs, psychoanalyst's position in relation to drugs, *parlêtre*, daze.

No silêncio prévio do consultório,
esse preâmbulo compreendido de cada sessão,
descansa à espera do desejo do analista,
essa perturbação necessária
para acessar o que não sabe que sabe o sujeito
M.F.

As palavras, aqueles significantes. Uma palavra no início me impele a escrever, impulsiona meu relato. A sessão analítica, aquela que persiste como aposta do psicanalista na emergência do *parlêtre* inclui o sujeito tóxico. Estes anos de trabalho em diferentes instituições convocadas a “assistir à problemática das drogas” me permitiram a tentativa de expor (como em uma tela) a experiência do trabalho com sujeitos desorientados, perdidos no gozo autista do consumo, a partir de uma orientação, a orientação laciana.

O sofrimento que procura ser acalmado, baseado na restrição e a tentativa de práticas fracassadas para domesticar a pulsão, somados a medidas coercivas de aniquilamento subjetivo, em um particular e danoso uso e abuso da subjetividade, muitas vezes associada aos campos de concentração, revelavam, em nome da saúde, uma opção de tratamento de acordo com as chamadas “vidas comunitárias”, nas “comunidades terapêuticas”.

Os testemunhos dos sujeitos consumidores chamados de “doentes” e “adictos manipuladores”, muitos deles abandonados para espiar suas culpas diante do gozo de quem se erige como Outro absoluto, relatam que devido a repetidas recaídas são obrigados a cavar poços e limpar paredes com escovas de dente desgastadas. Deste modo se sanciona o gozo exigindo-lhes cortar o pasto com tesouras, as mesmas que são usadas por crianças em idade escolar.

Isso justifica e justificava, para os que promovem e promoviam um tratamento do consumo de substâncias,

¹ Psicanalista. Presidente da Fundação O Sinthoma. Integrante do Departamento de TyA EOL.

os atos que penalizam a atividade do consumo naqueles que estão tomados pelo gozo do tóxico em uma época que motiva e impulsiona a isso, ao consumo. A modernidade líquida costuma não dar trégua, e os sujeitos toxicômanos nos mostram que esse modo descarnado de fazer com o real, de ser mortificados pelo Outro (não apenas pelo supereu), pelas “instituições do bem” que mandam abandonar as práticas de gozo sob o imperativo “deixar de consumir”. Segundo Eric Laurent, mostrando ambas as faces do supereu, a que proíbe, mas que ao mesmo tempo instiga a gozar. Não há perguntas, mas certezas.

A ineficácia destas práticas é constatada pelo baixo índice de recuperação que essas instituições promovem. Elas se valem da circunstância momentânea e cosmética de tranquilizar famílias desorientadas e pacientes desesperados e promovem a restrição, chamada de internação, daquele que ao não ser escutado no sentido do seu sem sentido é abandonado mais uma vez ao outro institucional que o isola sob a presunção de recuperar um sujeito social. Ao longo destes 20 anos de criação do departamento de toxicomanias e alcoolismo da Escola de Orientação Lacaniana, a psicanálise tem muito para dizer a respeito.

Há um encontro com o silêncio, o profundo silêncio que encarna o consumo. Direi o repúdio àquilo que possa inscrever-se como um dizer verdadeiro.

Diante da toxicomania o habitual é retroceder e, a resposta que se costuma dar é a rigidez de quem oportunamente recebe o sofrimento de quem se aproxima. A família diante da calamidade, diante daquele familiar que se tornou estranho, segundo Sigmund Freud, necessita – ao modo médico – extirpar o tumor. Salvá-lo, devolvê-lo à vida, recuperá-lo. O paciente, espectador do que promove e escravo daquilo que promete, demanda e jura diante do mestre de plantão que escuta. Posição desfavorável para um analista, favorável para as instituições que justificam o encarceramento de quem padece.

Uma vez, escutei de um analisante analista que trabalha em uma comunidade terapêutica, que frente a um adicto com “vontade de consumir” costumava-se apelar às práticas físicas, como fazê-lo cavar um poço que o coubesse dentro. Mas, se mesmo assim não conseguisse reduzir seu impulso de consumo, bastava trancá-lo em um “quarto acolchoado”, chamado de “quarto de contenção”, onde poderia permanecer por várias horas ou mesmo uma noite. O profissional terminou seu relato informando que ao sair o paciente dizia ter ainda mais vontade de consumir, além de sentir-se ressentido com os responsáveis que o levaram para o “quarto acolchoado”.

Por isso, é importante falar da necessidade de um trabalho e uma posição dócil por parte do analista. Docilidade diante de quem consulta sem deixar de considerar que quem o faz está aferrado à sua modalidade de gozo. Ele entesoura um modo de velar o real que procura desconhecer a relação sexual que não existe. Ser fiel ao rechaço daquilo que não funciona. Buscar nisso as mais variadas estratégias para fazer saber da sua posição e do seu encapsulado sofrimento, que ao modo freudiano diremos que sofre, mas ao mesmo tempo, não pretende abandonar tão facilmente esse padecimento.

Estes anos me permitiram encontrar e associar a docilidade do trabalho com adições a semelhanças encontradas no trabalho com crianças. A clínica infantil suporta as conseqüências de um lapso permanente em busca dessa espera que apazigue e também oriente o analista, acompanhando o encontro com o saber não sabido pela

criança que joga. A expectativa da contingência que costuma conduzir o sujeito à sorte do seu futuro.

Quando a docilidade acontece, quem chega o faz através da constatação de que aquilo que está sendo gerado é um encontro. Não há nada mais valioso do que o reencontro com a palavra válida e verdadeira promovida pelo laço com o analista. Este está disposto a perturbar o casamento com o tóxico - fugindo dos confrontos do supereu que concluem a promessa de um percurso –, no qual o sujeito se encontra atrás da substância para ser encontrado.

A docilidade (amiga do acolhimento cálido) exige um valor mútuo, de ambos. Um compromisso e um baluarte a recuperar, o valor de um dizer e sua significância.

Tradução Lenita Bentes

Revisão: Oscar Reymundo



ESTÉTICAS DO CONSUMO

Estéticas do Consumo: A arte, entre a verdade e o real

Consumption aesthetics: *Art, between the truth and the real*

Miriam Pais¹ (Buenos Aires, Argentina)

“Se o mundo fosse claro, a arte não existiria”
Albert Camus. “O mito de Sísifo”

Uma seção se inaugura. Aqui daremos lugar a obras literárias, pinturas, cinema, fotografias, artes plásticas... Estas serão contemporâneas ou clássicas, dispostas a nos interpelar. Entre a verdade e o real, serpenteia o impossível. Estrutura atemporal, mas que em cada tempo dispõe suas coordenadas, que definem uma época. Com isso, com o “entre”, o artista sabe fazer.

Na trilha deixada por Lacan, propomos abordar diferentes expressões artísticas, visando clarear aquilo que nos possam assinalar, sempre um passo adiante do psicanalista.

À opacidade que o mundo oferece hoje, nesse empuxo sem limite ao gozo, onde o toxicômano parece oferecer-se como paradigma, nos dispomos então à busca dessas estéticas, “pinceladas de época”, que os artistas possam nos brindar. Somos advertidos por Freud, a não ficarmos hipnotizados por elas, senão na intenção de abriremos um clarão, e estarmos à altura de nossa época.

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Oscar Reymundo

1 Participante da Rede TyA Argentina.

Dylan Thomas: apaixonado pelas palavras e o álcool

Luis Darío Salamone¹ (Buenos Aires, Argentina)

Resumo: Da experiência de um jogo no qual se “fica pregado”, à vida precipitada, entre álcool e palavras, do poeta Dylan Thomas, se coloca em evidência o caráter aditivo do gozo. A pena do poeta já o advertia: o corpo lhe pede uma descarga de energia e, uma vez que você a dá, ele pede mais. É uma sede que se alimenta, em vez de aplacar-se.

Palavras-chave: gozo, amor, significante, álcool.

Abstract: From the experience of a game, in which one “stays glued”, until the precipitated life, between alcohol and words, of the poet Dylan Thomas, we put in evidence the addictive character of jouissance. The pen of the poet already advised him: “The body asks you for a charge of energy and, once you give it, it asks for more. It’s a thirst that feeds itself in place of appeasing itself.

Keywords: jouissance, love, significant, alcohol.

UMA CURIOSA EXPERIÊNCIA DE GOZO

Em minha última visita ao México tive a oportunidade de participar do que chamaria uma curiosa experiência de gozo. Depois de conhecer a gastronomia, as bebidas e a música do México, alguém puxou uma máquina para começar um jogo que se fez popular nos anos 70. Forma-se uma roda em que os participantes se dão as mãos e o que maneja a máquina opera de forma a que se produza uma descarga elétrica. Todos ou quase todos, em especial os homens, não tardam em formar uma cadeia dando às mãos ao que está ao seu lado, aos gritos de “Vamos nos dar um toque”. O toque em questão era uma descarga elétrica que, me asseguraram, resultava inofensiva, mas colocava os participantes em uma situação de “ficarem pregados”.

Pode ocorrer que alguém entre em algum bar do Distrito Federal com uma armadura e o aparato em questão para oferecer “toques” por certa quantidade de dinheiro. Um grupo de amigos que estão bebendo, negociam com essa pessoa e fazem uma roda dando-se as mãos, e dois deles tomam os cabos de tomada da máquina de toques. O *toquero* puxa para baixo um botão e, com um zumbido, a descarga elétrica faz-se sentir, a eletricidade aumenta, alguns conseguem soltar um grito nervoso para aplacar a tensão. Supõe-se que aquele que não aguenta mais se solta e perde o jogo. Mas em meu caso pessoal, a rigidez que ocasionava a prova tornava impossível que eu soltasse a mão de meus companheiros de tortura voluntária.

Por um lado circula o mito de que se alguém bebeu, a eletricidade passa mais rápida através do seu corpo. Alguns asseguram que a embriaguez cessa após o choque elétrico, abrindo um espaço para a ingestão de mais álcool, como acontece com algumas substâncias que se consome para continuar bebendo.

O gozo provoca um curto-circuito no campo do significante, porém gera uma corrente à qual alguém fica perigosamente “colado”. É preciso que algo produza um curto-circuito nesse gozo para que o sujeito possa soltar-se.

HISTÓRIAS DE AMOR E ÁLCOOL

Elizabeth Arcona Cranwell, que se ocupou de Dylan Thomas e suas poesias, assegura que “a dificuldade consiste em descobrir, por trás dos gestos do cotidiano, as máscaras de suas cerimônias ignoradas; atrás do

¹ Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana e da Associação Mundial de Psicanálise, AE (2007-2010) e Responsável pela Revista Pharmakon de 2009 a 2013. Co-diretor do TyA desde 1996. Autor de: *El amor es vacío. Cuando las drogas fallan. Alcohol, tabaco y otros vicios* e *El silencio de las drogas*.

medo, o gozo, o olhar, o fracasso ou o excesso, reconhecer a sua característica essencial, sua palavra primária, a caligrafia íntima de sua própria contemplação”.

Dylan Thomas foi um singular escritor gaulês que nasceu em 1914 e viveu 39 anos. Aos quatro anos já era capaz de recitar de memória Ricardo II de Shakespeare. Aos dezesseis anos era jornalista e depois do trabalho se embriagava na White Horse Tavern. Seu legado está presente em contos, peças de teatro, rádio e cinema, críticas de seu trabalho como jornalista, porém, fundamentalmente na poesia. Nos pubs ele não somente bebia como também recolhia histórias que utilizava para sua escrita. Não podia escrever se estava fora de Gales, de fato, esteve durante meses em Florença e apenas escreveu um poema. Há um significante em galês que é mais forte que nostalgia: é “hiraeth” e que o fazia regressar à sua terra. Foi seu pai que lhe transmitiu o amor à poesia e ao álcool, pois era professor e um bebedor pesado.

Dylan Thomas falava de seu amor ao significante ao invés do significado, diz: “queria escrever poesia porque havia enamorado das palavras. Os primeiros poemas que conheci foram canções infantis, e antes de poder lê-las, me havia me apaixonado por suas palavras, só por suas palavras. O que as palavras representam, simbolizam ou querem dizer tem uma importância muito secundária. O que importava era o seu som quando as ouvia pela primeira vez nos lábios da remota e incompreensível gente grande que, por alguma razão, vivia em meu mundo”.

Aos vinte anos, em 1934, publicou seu primeiro livro de poemas, chamado *Dezoito poemas*. Dois anos depois publicou *Vinte e cinco poemas* e em 1939 *Mapas de amor*. Com este livro e *Retrato do artista cachorro* seu nome cruzará o Atlântico. Trabalhou na BBC de Londres e empreendeu voltas pelos Estados Unidos nas quais recitava poemas. Em 1946 publicou *Mortes e entradas*, em 1951 o *O sonho campestre* e postumamente se editou sua obra *Sob o bosque láteo*.

Houve ao menos oito mulheres na vida do poeta: desde a poetisa Pamela Hansford, seu primeiro grande amor ao chegar a Londres, até Elizabeth Reitell, que esteve a seu lado antes de morrer em Nova York. Disse que sempre amou a mãe de seus três filhos, em um triângulo no qual entrava o álcool. Ela disse: ‘A nossa não foi somente uma história de amor, foi também uma história de álcool’.

Com seu livro *Vinte e cinco poemas* conseguiu ter um reconhecimento no círculo literário de Londres. *Mapas de amor* e *Retrato do artista cachorro* o colocaram no mundo literário europeu. Para ganhar a vida, fazia conferências e trabalhava no rádio. Mais que entre a espada e a parede, como relatam suas biografias, Dylan vivia entre a palavra e o álcool. Os pubs eram a sua casa.

Por volta de 1950 viajou à América e foi derrotado pelo “bourbon”. O acompanhavam a fama e as mulheres. O consideraram o “maior fenômeno literário das Ilhas Britânicas desde Charles Dickens”. Diz-se que as últimas palavras do homem que começou sua carreira literária com *Dezoito poemas* foram: “Eu tomei dezoito Whiskys seguidos, rompi meu próprio recorde”. Morreu no hospital de St. Vincent’s de Nova York. Entre oito homenagens que recebeu, o trovador Robert Allen Zimmerman decidiu por rebatizá-lo com o nome de Bob Dylan.

O GOZO TE DEIXA ACORRENTADO

Dylan, durante seus últimos anos, procurava manter à distância seu impulso de beber para poder trabalhar. Porém quando começava a beber não podia deixar de fazê-lo. “O corpo te pede uma carga de energia e uma vez que você a dá, ele te pede mais. É uma sede que se alimenta no lugar de aplacar-se”.

O poeta nos ensina sobre o caráter aditivo do gozo, o qual me fez pensar nessa máquina de dar choques elétricos à qual nos referimos antes. Uma vez que se entra no jogo, o sujeito fica preso, não há oportunidade de soltar-se. Se se fica pregado é porque o sujeito desaparece, fica o corpo inundado de um gozo que anula a relação, mais que com a palavra, com o inconsciente. Algo terá que provocar um curto-circuito no gozo. Pode ser produto dos avatares do sujeito, de algumas falhas, de determinados encontros que o levem a reposicionar-se em sua articulação ao real, ou então a partir das entrevistas preliminares em uma análise, na qual o analista procurará perturbar a relação desse sujeito com seu gozo, para que não continue nesse trem, para que não bata esse recorde, que pode levá-lo à morte.

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Elisa Alvarenga

Dallas Buyers Club (Clube de compras Dallas) no Império das Imagens

Dallas Buyers Club in the Empire of Images

Cassandra Dias Farias¹ (Belo Horizonte, Brasil)

Maria Wilma S. de Faria² (João Pessoa, Brasil)

Resumo: Clube de Compras Dallas é um filme baseado na história de vida de um eletricitista do Texas que se descobre portador do vírus da AIDS nos anos 80. Assistimos sua busca pela cura da doença através da importação de medicamentos ilegais e não autorizados pelo governo através de um clube de compras que cria.

Palavras-chave: Imagem, corpo, indústria farmacêutica, preconceito.

Abstract: “Dallas Buyers Club” is a movie based on the life of an electrician from Texas who has AIDS in the 80’s. The movie shows his effort to try to find the cure for AIDS, importing illegal medicine for a shopping club which he has created.

Keywords: Image, body, pharmaceutical industry, prejudice.

O filme americano de 2013 traz sua atualidade para pensarmos o conceito de droga, lançando um novo olhar sobre aquilo que é considerado lícito ou ilícito e o poder econômico por trás das substâncias ilegais, nos fazendo pensar que nem sempre as coisas são como aparentam ser. Dirigido por Jean-Marc Vallé e escrito por Craig Borten e Melisa Wallack, *Dallas Buyers Club* é baseado na história de vida de Ron Woodroof, um eletricitista heterossexual diagnosticado com AIDS em 1985. Esta época foi considerada tenebrosa para os portadores do vírus HIV, tanto em termos do desconhecimento da doença, como em termos dos interesses dos laboratórios e indústrias farmacêuticas que faziam testes experimentais em humanos, sob a conivência de órgãos do governo.

Matthew McConaughey faz o personagem principal e chegou a perder 22 quilos para encarnar Ron, típico caubói de Dallas, mulherengo, que gostava de rodeios, apostas, montaria em touros e muito sexo, a ponto de dizer “sou viciado em xereca”. Ron é um usuário contumaz e vivia embalado no consumo de álcool, cocaína e cigarro. O filme pode ser visto através de diferentes olhares. Temos a singularidade da imagem de um machão, homofóbico, surpreendido com o limite de seu corpo magro, com tosse seca, sendo vítima de preconceito e segregação por parte de amigos, que passaram a chamá-lo de “veado”. Ele mesmo é obrigado a se desdobrar e enfrentar seu preconceito. É curioso como ao longo do filme o olhar que dirige aos homossexuais vai se modificando a ponto de defender seu parceiro na sociedade Clube de Compras, Rayon, um travesti, brilhantemente interpretado pelo ator Jared Leto.

Ron não consente em ser manipulado e tratado como um objeto na mão dos médicos e do discurso vingente. Um ponto relevante discutido e denunciado em Clube de Compras Dallas é a falta de ética e a forma criminosa existente na parceria entre a indústria farmacêutica, os médicos e a Food and Drug Administration (FDA), órgão do governo responsável por controlar e aprovar os medicamentos comercializados nos Estados Unidos. Na época, a padronização experimental, o uso exclusivo do AZT, e a dosagem alta utilizada, debilitavam e tiravam a resistência dos portadores do vírus, mas, permitiam um lucro imenso sem nenhuma eficácia clínica.

1 Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (Delegação Paraíba) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

2 Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (Seção Minas Gerais) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Com isso, assistimos Ron em uma pesquisa importante, desesperada e não conformista buscando qual a melhor droga/ remédio para se tratar. O limite PHARMAKON entre a dose que salva, envenena ou mata é levado ao extremo.

É muito interessante também a forma como o filme aborda a questão do saber toxicômano. Ron passa a encarnar o sujeito que busca deter um saber quase que absoluto sobre as diversas substâncias que consome e comercializa, transitando entre elas com muita perspicácia. De fato, é um sujeito esperto e muito impetuoso. Observamos o deslizamento metonímico do saber sobre as substâncias ilícitas para a apropriação das drogas que prometem tratar o vírus HIV e seus efeitos. Ron torna-se um expert em AIDS, mantendo seu corpo sob controle, através da ingestão dos diversos medicamentos que, engenhosamente, também comercializa. Ele não é movido por ideais humanitários nem pela compaixão pelo outro e sim, pelo lucro obtido com a multidão de infectados que se multiplicam no início da epidemia, nos EUA. Ou seja, temos o exemplo de um sujeito intoxicado pelo discurso capitalista, onde qualquer coisa pode ser mercantilizada, inclusive, a própria vida. O filme discute também, entre inúmeras questões, acerca do próprio conceito de droga enquanto um produto do discurso capitalista na medida em que qualquer objeto pode ser tomado nessa perspectiva. A fronteira entre o que é legal e ilegal não dá conta desse paradoxo. Tudo pode ser mercantilizado, tanto a partir da própria indústria, quanto a partir das invenções peculiares dos sujeitos espalhados pelo mundo.

Mas, apesar de nos perguntarmos inicialmente, sobre a causa que moveria Ron ao inventar o Clube de Compras Dallas, não podemos deixar de considerar que uma virada parece se operar em sua posição de sujeito. A recusa em aceitar o prognóstico trágico de poucos meses de vida, faz com que em sua pesquisa sobre a doença, Woodrooff crie uma verdadeira operação de tráfico de remédios ilegais tal como um “dealer”, o que acabou permitindo que ele vivesse por mais tempo e a muitos outros. É instigante assisti-lo ora como um empresário rico e bem sucedido negociando drogas/ remédios pelo mundo afora, de terno e gravata e ora na pobreza, sem lugar para trabalhar, interdito tal como um mafioso, por atraso nos impostos. Ser “uma boa carne de cavalo para virar ração de cachorro” e “dane-se o governo” tornam-se palavras de ordem em sua história, assim como “Eu digo o que entra no meu corpo, não você”. Podemos pensar que a posição de mestre das substâncias adotada por Ron em relação às drogas permite que ele defenda com unhas e dentes sua escolha por um tratamento que contraria toda a pesquisa médica oficial e os interesses da indústria farmacêutica e que afirme, ainda que paradoxalmente, sua posição de sujeito.

A relação de Ron com o sexo também é um ponto de destaque no filme. A cena inicial que retrata uma relação sexual dele com duas mulheres enquanto assiste a um vaqueiro montar no touro, é ilustrativa de que para ele, sexo se iguala a coito. Algo que o lança em um circuito de promiscuidade, que associado ao consumo abusivo de drogas, o mantém distante da subjetividade e do amor. O sexo é tomado na perspectiva da adição, através do gozo cínico masturbatório encontrado no anonimato dos corpos das mulheres. O cinismo é quebrado em seu encontro com a doença, o limite da morte vivido como algo que faz uma barra, castra o sujeito, permite seu encontro com a médica Eve Saks interpretada por Jennifer Garner. Nesta relação, entre o roubo e uso das receitas que lhe interessa, surge a amizade, a sedução e o não saber o que fazer com uma mulher. Uma torção

subjetiva se dá nesse processo. Ron experimenta novas possibilidades de laço que incluem a solidariedade e a compaixão, para além da segregação. Apesar do desprezo inicial por uma forma de gozo incompreensível para ele – o homossexualismo – é ele que, na cena do supermercado, defende seu amigo Rayon do rechaço promovido por um ex-amigo, representante de uma posição que fora a dele no passado: homofóbica e segregacionista. Mas é a esse amigo homofóbico que também Ron dirige sua solidariedade, fornecendo medicação a seu pai enfermo, cujo filho é o cuidador.

Podemos pensar que diante do amor, o sexo em sua perspectiva tóxica e adita perde o lugar para Ron. O prazer encontrado na pornografia não é mais o mesmo, diante do real da vida ao qual ele com dificuldade vai dando lugar. Será que poderíamos pensar que um desvelamento se dá a partir de certa travessia que Ron consegue fazer pelo campo das imagens?

Até que ponto a imagem do caubói lhe permitia significar o mundo, as mulheres e, sobretudo, sua posição como homem diante da vida? Aferrado a essa imagem, símbolo de virilidade, ele interpelava os fatos da vida e as relações entre as pessoas, designando-as e demarcando quem tinha valor ou não. Visualizar que por trás da imagem travestida de Rayon havia um sujeito generoso com quem ele pode estabelecer uma verdadeira parceria, foi o grande atravessamento que Ron pode fazer pelo campo das imagens. Podemos pensar que o real ficou nu e cru com o diagnóstico terrível e seus estigmas para alguém que se apoiava em uma imagem de macho, posta em questão e caída por terra.

Lucy¹: *in the Sky, but without Diamonds*

Elvira Dianno² (Santa Fé, Argentina)

Resumo: Um filme de Luc Besson, onde o clima classicamente apocalíptico do Diretor encontra um final feliz. A protagonista principal, outra vez uma marginal, usa drogas pesadas, estimulantes que a transformam em uma heroína lutando contra a máfia e o mal.

Palavras chave: Lucy, Luc Besson, drogas, drogas pesadas, estimulantes, mais-de-gozar.

Abstract: Luc Besson's film, in his classical apocalyptic climate, finds a happy end. The main protagonist - again marginal - takes hard drugs and they make her an heroine fighting against the mafia and the Evil.

Keywords: Lucy, Luc Besson, drugs, hard drugs, uppers, surplus-jouissance

Os filmes de Luc Besson têm como característica uma vertente apocalíptica, sempre preocupados pela origem e o final do universo, o bem, o mal, a ecologia. Lucy – em que mais uma vez se usa um nome feminino – segue a mesma linha de Nikita: a velha série em preto-e-branco de espões exibida pela TV por assinatura, que nas madrugadas da década de 1990 envolvia os telespectadores em capítulos cheios de suspense e crueldade.

Novamente, uma mulher do submundo. Nikita estava presa ao Mal, Lucy exterminará o Mal, assim como a heroína de *O Quinto Elemento*, aprisionada nas garras do sinistro.

Lucy é a mulher que representa a origem. A criação se dá por meio de uma mulher e termina na mulher. Da lógica fálica à feminização do mundo ou a falicização das mulheres?

Um cientista, os foros, as fórmulas...o discurso da ciência será o metarrelato que acompanha de modo oculto desde o Big Bang até o The End e que nos conta que “no princípio era o Uno, uma célula que se subdivide”.

Mas, que curioso! Uma ciência tosca, pouco desenvolvida e de baixa tecnologia que tenta e consegue demonstrar que tudo é possível. E não é só isso: a ciência será a principal aliada da heroína em sua luta contra o Mal.

Uma rede de traficantes e mafiosos usará como isca viciados aprisionados pelo tráfico para traficar sua *kryptonita* da cor azul, não verde. A única presa desta rede de “mulas” que transportam bolsas no estômago que consegue escapar e vencê-las é uma mulher.

Ao tomar doses cada vez mais fortes de uma substância artificial – semelhante a que produz o organismo – Lucy conseguirá obter o controle máximo do seu corpo, posteriormente do corpo de outros e, por fim, da matéria. As leis da gravidade não resistem ao poder do seu corpo *her body's Power*. Lucy salta, caminha pelas paredes, aniquila dezenas de rivais, reconstitui seu organismo danificado em segundos e domina os objetos tecnológicos com sua mente que é usada como um controle remoto.

O imperativo do gozo da época presente nas redes de narcotraficantes dispostos a tudo para entregar a substância que proporcionaria o máximo poder: com doses cada vez mais elevadas, maior poder, maior controle; no entanto, menos horas de vida. Tomar mais, mais e mais até que esse mais de gozar acabe aniquilando-a

Mas, ao fazer isto a transformará em uma espécie de célula primordial, própria da *new age* e da cientologia

1 Lucy, de Luc Besson (França – USA) 2014, 89 min.

2 Psicanalista. Membro da EOL e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Responsável por TyA em Santa Fé, Argentina.

tão presentes em Hollywood.

Uma teleologia explícita indica no filme que o desenvolvimento do conhecimento pode levar ao Bem.

A *new age*, a cientologia, um tipo de sincretismo panreligioso baseado nas leis de Hermes Trimigesto, em uma versão de livro de bolso *for export* parece ser o rio que corre sob o celulóide e se expande de Beverly Hills para o mundo através de filmes esperançosos com final feliz. Outra proposta de ficção científica de Besson; um filme de excessos – muitos efeitos especiais e a grande pretensão filosófica frente a um argumento pobre – que nos faz passear desde o Big Bang até o final dos tempos. O encontro com o primeiro homínido da época chamado Lucy, a alegoria do quadro da Criação, de Miguelangelo, e as cenas da natureza no metarrelato: rios, montanhas, amanheceres, Scarlett Johansson (Lucy) representada como um felino em ataque, a natureza que nos habita e a explosão do seu corpo até ser reduzido a uma fórmula, um conhecimento. “Estou em todos os lugares”, dirá Lucy reduzida a *dust in the air* ou à fórmula científica de um deus em sua versão físico-matemática. *Empowered by drugs, hard drugs*, pode ver tudo, proporcionar saúde e impedir o Mal.

Embora falte bastante conteúdo para que este filme possa transcender seu tempo, é possível tomá-lo como uma alegoria ao paraíso, do tipo mostrado no tríptico de O Jardim das Delícias, de Hieronymus Bosco, que – ao se fechar – mostra em uma circularidade o mundo no terceiro dia da sua criação, o que não se vê no desenrolar da história linear que os três painéis internos mostram: o paraíso, a luxúria e o inferno.

Para Besson existe uma circularidade quando discursa sobre um progresso que inevitavelmente conduz à origem, ao Bem, ao paraíso e à reconquista do paraíso. E, assim, anuncia que falta um quarto painel ao tríptico de Bosco: o paraíso novamente, mas não sem antes passar pelo inferno. Mais uma vez a cosmovisão *new age* subjacente, cheia de sentido.

É o ideal da ciência, a promessa e a expectativa da vida eterna oferecidas por órgãos clonados, espermatozóides *in vitro*. Lucy não morre, diz, “ninguém morre”.

Emaranhados nos diálogos do roteiro de um filme de ação de final previsível, as mensagens de certos enunciados clássicos da hermenêutica não morrem em ninguém – “estou em todos os lugares”. O uso de apenas 10% da capacidade neuronal pode ser ampliado, serve de concepção de mundo que explica e resolve tudo.

Um detalhe não menos importante é o meio que o diretor escolhe um médium para chegar ao resultado de uma consciência expandida. É curioso que tenha sido uma droga – em dose elevada – e não o exercício metódico das práticas orientais de meditação e dos mantras que caracterizam taoístas e tibetanos. Cabe chamar atenção para o fato de que a máfia em questão – o outro mal contra o qual Lucy lutará sozinha – é a máfia chinesa; no entanto ela vive no Tibete. Extremamente hollywoodiano! Os orientais são maus, o cientista é negro (Morgan Freeman), Lucy é loura.

E o que falar das drogas? A velha definição de Pharmakon relatada na Ética de Aristóteles, em que Teofastro – quem a define ao mesmo tempo como remédio e tóxico – ensina que ao graduar os dracmas (doses) pode-se curar a tosse, causar alucinações e, por fim, levar à morte. No filme – em uma lógica invertida –, quanto mais dracmas mais poder, mais perfeição; não há dor nem sensação de medo devido a uma substância gerada no corpo de uma mãe, na sexta semana de gravidez. Sendo assim, a ingestão excessiva de drogas de laboratório

extraídas de uma substância que está no organismo, exatamente no corpo dessa mãe, completa o indivíduo. Esta é a função do Pharmakon.

Deste modo, o corpo de Lucy poderoso pelas drogas será finalmente convertido em máquina, um computador, um mega computador que em seguida se reduzirá ao que cabe em um *Pen drive* para, por fim, voltar ao Uno com o Uni-verso.

Far so far away: longe das alucinações que o LSD (ácido lisérgico) proporcionou à geração dos *The Beatles* eternizadas na música *Lucy in the Sky with Diamonds*, o relato de Besson em “Lucy”, se não fosse um filme seria algo parecido ao delírio causado pela droga. Lucy está longe de ser uma *Wonder Woman naïf*, é mais pós-moderna, passa de *under* e marginal urbana à heroína romântica do futuro disposta a salvar o mundo.

É possível perceber algum toque da nostalgia roussoniana – o Homem naturalmente bom – o indivíduo com o universo. *No fear, no pain*, isto se *with all the drugs you can get*. (Sem medo não há dor; mas isto com o máximo de drogas que se possa tomar).

Perdoem-me ter contado o final. *Sorry I told you the end, Scusi, mi dispiace di avere raccontato il finale. Je regrette vous avoir raconté la fin. Lamento haberles contado el final.*

Tradução: Lenita Bentes

Revisão: Maria Wilma S. de Faria

Shame : Adição ao sexo, imagens e feminilidade

Shame : Addiction to sex, images and femininity

Nicolás Bousoño¹ (Buenos Aires, Argentina)

Resumo: O filme *Shame*, première britânico de 2011, nos brinda uma excelente ocasião para captar alguns efeitos da época, na vida do homem moderno. Mostra de uma forma exemplar, o que Lacan localiza em seu Seminário *O Averso da Psicanálise*: Uma vida sem vergonha deixa a própria vida como vergonha a ser engolida. E nossa época, a que é chamada hipermodernidade, permite que as coisas deslizem facilmente até aí. Ele destaca o que pode ser o caos contemporâneo, a bancarrota subjetiva. O protagonista, morto em vida em sua rotina, sozinho, abandonado a seus próprios impulsos, tratando de extrair algo da vida aí, do mais imediato de seu corpo em uma busca de satisfação permanente e permanentemente falida.

Palavras-chave: Psicanálise, contemporaneidade, adições, feminilidade.

Abstract: *Shame* - British film premiered in 2011 - gives us an excellent opportunity to capture some of the effects of our era in the life of modern man. It shows, in an exemplary manner, what Lacan said in his Seminar "The reverse of psychoanalysis"; a life without shame leaves life itself as shame to swallow; and our time, which has been called the hypermodernity, easily allows things to slide this way. It highlights what can be contemporary havoc, subjective bankruptcy. The protagonist, dead in his routine, lonely, left to his own impulses, trying to extract some life from them, from his body, in a search for permanent satisfaction, permanently failed.

Keywords : Psychoanalysis, contemporaneity, addictions, femininity.

O filme *Shame*, estreado no Reino Unido em 2011, dirigido por Steven McQueen e protagonizado por Michael Fassbender, nos brinda uma excelente ocasião para captar alguns efeitos da época, na vida do homem moderno.

O filme mostra a existência de Brandon Sullivan, um homem com seus 30 anos, residente em Nova Iorque, que passa o seu tempo entre um trabalho anódino e a busca compulsiva por atos sexuais os mais variados. O aparecimento de sua irmã mexe em seu precário equilíbrio e permite captar algumas bordas que pode produzir o feminino, em tempos da feminização do mundo.

Não é um filme prazeroso, tem uma realização cuidadosa e detalhada, impacta, incomoda. Seu particular estilo narrativo nos faz testemunhas da vida descarada e vergonhosa de seus protagonistas. Mostra de uma forma exemplar, o que Lacan localiza em seu Seminário *O Averso da Psicanálise*²: Uma vida sem vergonha deixa a própria vida como vergonha a ser engolida. E nossa época, a hipermodernidade, a sociedade do espetáculo permitem que as coisas deslizem facilmente até aí. É o que o filme nos deixa ver, uma das facetas mais cruas de nossa cultura.

Mostra o que pode ser considerada uma pequena história. Temos um tipo comum, habitante de uma grande metrópole, sem raízes, a quem lhe custa levantar-se, que sempre toma o mesmo café da manhã, que pega o metrô sempre à mesma hora e viaja sempre com as mesmas pessoas. E o mostra no que pode ser o estrago, a devastação contemporânea, a bancarrota subjetiva, morto em vida em sua rotina (mais do que rotina, continuidade), só, abandonado aos seus próprios impulsos, tentando extrair algo de vida ali, do mais imediato, de seu corpo, em uma busca de satisfação permanente e permanentemente falida.

O filme é exemplar neste ponto: se o supereu freudiano, resto do conflito edípico, colocava em primeiro pla-

1 Psicanalista, Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana e da Associação Mundial de Psicanálise.
2 LACAN J.O. *Seminário livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

no a culpa, o supereu contemporâneo, a partir do momento em que os ideais deixam de estar em conflito com a pulsão, empurra à busca de uma satisfação ilimitada que encontra seu fim na morte mesma.

O filme nos brinda com um tour pelos diferentes meios dos quais pode se valer o supereu no século 21: substâncias, energéticos, álcool, cocaína, gadgets, telefones, várias telas, distintas prostitutas. Estas substâncias sustentam Brandon, fazem um com ele e lhe servem para defender-se de toda alteridade possível, para rechaçar essa Outra dimensão que às vezes poderia ter lugar nele. Não fazem mais que confirmar a agudeza de Freud ao situar a masturbação como a adição primordial, adição que traz uma certeza ao sujeito sobre o fundo de uma angústia que lhe é intolerável. Frente a este apelo Brandon, cada vez que se vê confrontado com a mínima experiência de divisão subjetiva, frente a qualquer vacilação se agarra aí, poderíamos dizer, para sustentar-se.

É o que pode ser um homem atual e que J. A. Miller chamou “um homem sem atributos”³, sua existência reduzida a uma cifra, sem uma dimensão significativa em que realizar-se. Então, feminização porque está em jogo a lógica do não-todo, porém um não-todo que empurra cada um à busca de mais do mesmo, cada um em si mesmo. É por isso que E. Laurent denomina a feminização do mundo de “supereuização”⁴.

É claro que este funcionamento mortífero, em continuidade, não é o feminino. Se bem que a alteridade que implica o feminino pode resultar superegóico para um homem. Mas trata-se de outra coisa.

E onde está o feminino no filme? Nas bordas. É o que permanece nas margens da existência de Brandon. Seu horror frente ao feminino é o horror da contemporaneidade mesma, seu rechaço encarna o rechaço do discurso capitalista pela castração, pelas coisas do amor e neste mesmo ponto tampouco pode posicionar-se como homem, ficando entregue a uma vida vergonhosa.

Ao mesmo tempo que o filme expõe essas facetas de nossa cultura, também mostra o poder do feminino no que pode ter de profundamente humano – e às vezes trágico – que é essa alteridade que toma a forma de pergunta sobre o desejo.

O filme nos mostra distintas figuras das mulheres de hoje, não em todas há algo do feminino, claro. Brandon se desloca com muita comodidade no mundo das imagens, maneja os chamarizes de uma maneira muito hábil. Bonito e observador é neste terreno que centra suas relações e seu poder. Enquanto se trata de marketing, e enquanto está em jogo o fetichismo da mercadoria seu sucesso é retumbante. Quando as mulheres são apresentadas meramente como dejetos ou como seus semelhantes (como na cena do bar com a mulher de terno) a coisa funciona. É diferente na cena em que cruza olhares no metrô com uma jovem. Vemos ali uma antecipação da má relação que ele tem com a dimensão enigmática, esquiva, fugaz que pode ter o feminino. Porém são sua irmã e sua companheira de trabalho que mostram com mais nitidez as figuras do feminino no mundo de Brandon, e quando entram em jogo produzem sintomas. Ambas falam e lhe pedem que escute, pedem abrigo, pedem detalhes; lhe pedem amor, pretendem outra coisa dele, isto abre a questão sobre o desejo e envolve os problemas da vida.

Sua irmã que se apresenta como uma voz que insiste, enigmática, na secretária eletrônica, rejeitada com

3 Miller, J.-A. “La era del hombre sin atributos”, en *Virtualia* 15, revista digital de la EOL. Disponible en <http://virtualia.eol.org.ar/015/default.asp?destacados/miller.html>

4 LAURENT E. Intervenção oral no Simpósio Internacional “O que Lacan sabia sobre as mulheres”. Miami. EUA. 2013

desgosto por ele, representa (parafraseando Lacan) a beleza que, desta vez, é quem golpeia as persianas esperando que lhe abram.

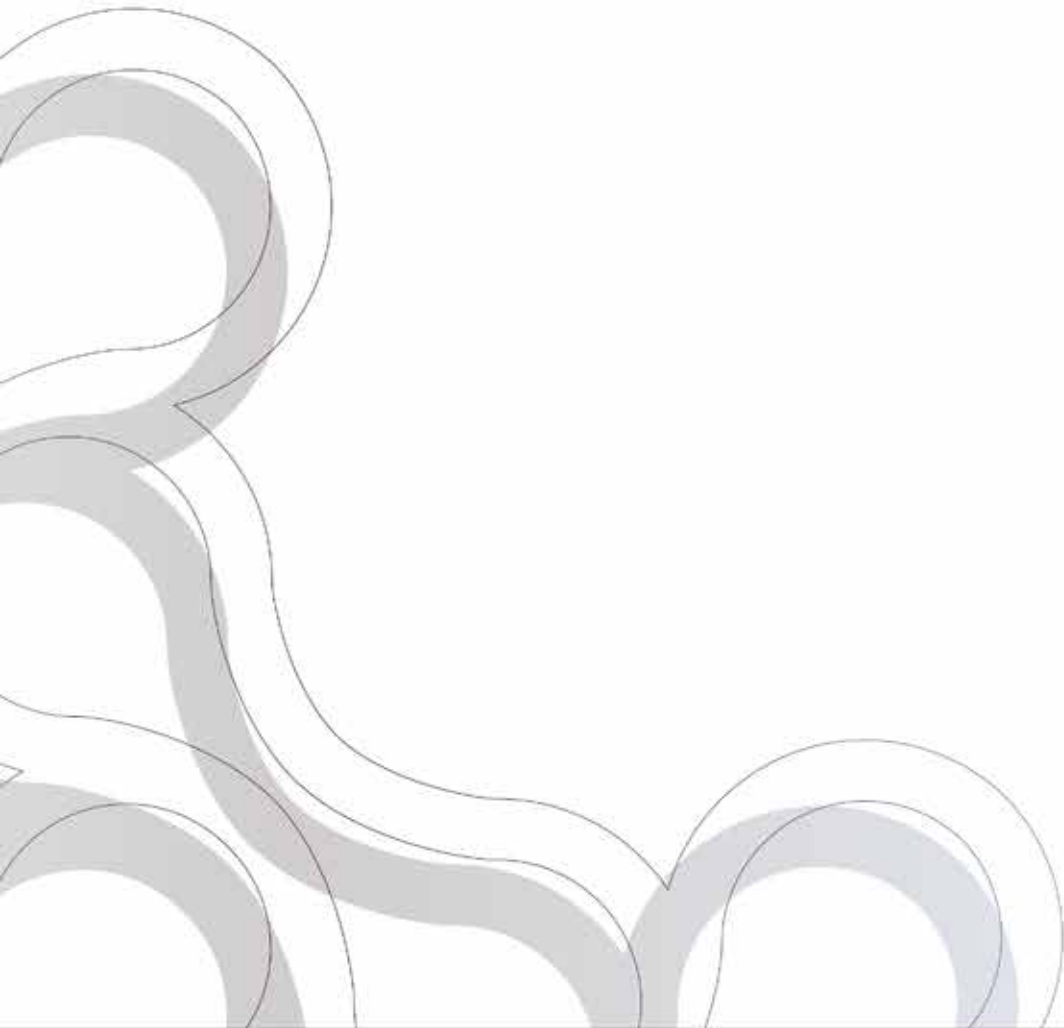
O feminino se apresenta fazendo borda, como uma demanda louca que insiste na secretária eletrônica. É nesta relação com a demanda dessa mulher perdida, devastada que pode se situar o início de um percurso subjetivo de Brandon. É ela que obtém alguns gestos de amor dele convocando-o a um lugar que lhe resulta enigmático. O “somos família” dito por sua irmã provoca “O que queres de mim? cuja resposta por parte do próprio Brandon coloca sua vida em outro plano. Introduz algo da dignidade nela. Em sua vida e na de sua irmã. É ali que ele se desprende de seus gadgets, vai buscar amorosamente sua companheira de trabalho, produzindo o sintoma da impotência no encontro sexual com ela, a mostraçõ posterior com a prostituta e o desenlace. Não vou falar o final para aqueles que não assistiram ao filme.

Na sequência dramática do filme, me interessa destacar ali uma lógica que é pertinente para o nosso trabalho como analistas. Como responder aos sintomas atuais? Estando atentos, disponíveis. O lugar do analista é um lugar mais feminino, nos recorda M. Bassols⁵. Como colocar em função sua faceta humanizante? É a pergunta que se atualiza a cada encontro.

Tradução: Maria Wilma S. Faria

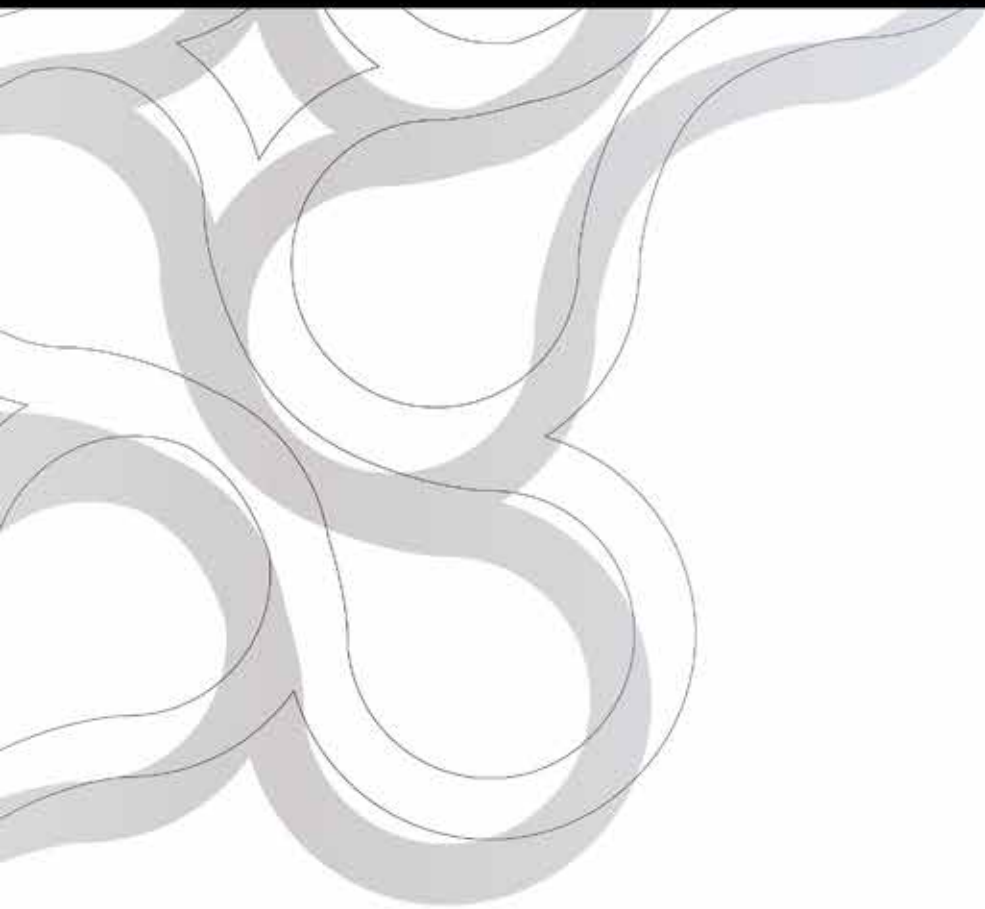
Revisão: Oscar Reymundo

5 Bassols, M. “Entrevista”, in *Newsletter* nº 12 de las XXIII Jornadas anuales de la EOL. Disponible en: http://www.eol.org.ar/template.asp?Sec=jornadas&SubSec=jornadas_eol&File=jornadas_eol/023/Boletines/12.html



 PHARMAKON Digital

CLÁSSICOS



A relação da formação perversa ao desenvolvimento do juízo de realidade¹

The relation of perversion-formation to the development of reality-sense

Edward Glover² (Londres, Inglaterra)

Resumo: A investigação de Glover tem como objeto principal alguns termos frequentemente utilizados na literatura analítica, mas que são raramente definidos, notavelmente, o conceito de juízo de realidade na formação perversa. Um estudo minucioso é realizado na obra de Ferenczi, Abraham, Klein, Federn, Ella Sharpe e outros na tentativa incessante de precisar ao máximo uma definição conceitual e sua aplicabilidade clínica.

Palavras-chave: realidade, juízo de realidade, prova de realidade, toxicomanias, formação perversa.

Abstract: Glover's investigation has, as a main object, some terms frequently used in analytical literature, but rarely defined, such as the concept of reality judgment in the perverse formation. A meticulous study is done in the work of Ferenczi, Abraham, Klein, Federn, Ella Sharpe and others, in the continuous attempt of precisising, as much as possible, a conceptual definition and its clinical application.

Keywords: reality, reality judgment, reality proof, drug addiction, perverse formation.

Os termos de “realidade”, “juízo de realidade”³ e “prova de realidade” são utilizados frequentemente na literatura psicanalítica, mas muito raramente definidos. Não existe por regra uma objeção séria para esta prática, mas quando os termos são em si mesmos a questão principal da investigação, algumas definições preliminares são inevitáveis. Existe certo risco em dar por suposta uma declaração muito rígida: no entanto, proponho adotar nesta ocasião a direção menos usual que consiste em definir provisoriamente estes termos antes de submetê-los à primeira investigação.

Deste modo:

O juízo de realidade é uma faculdade cuja existência inferimos a partir de examinar o processo da prova de realidade.

A eficiente prova de realidade é, para qualquer sujeito que tenha passado a idade da puberdade, a capacidade de reter contato psíquico com os objetos que promovem a gratificação do instinto⁴, incluindo aqui pulsões infantis modificadas e residuais.

A objetividade é a capacidade de avaliar corretamente a relação da pulsão instintual com o objeto instintual, sendo os objetivos da pulsão gratificados ou não.

A natureza do juízo de realidade tem sido muito estudada a partir de três diferentes pontos de vista. O primeiro pode ser estudado no clássico trabalho de Ferenczi sobre o tema⁵. Este trabalho de Ferenczi baseia-se nas inferências extraídas de (a) um estudo do comportamento das crianças e (b) o conhecimento dos meca-

1 Expansão de um trabalho produzido para o Décimo Segundo Congresso Psicanalítico Internacional, Wiesbaden, 7 de Setembro de 1932. « *The relation of perversion-formation to the development of reality-sense* », publicado em *The international Journal of Psycho-Analysis*, vol. XIV, Outubro de 1933.

2 Psicanalista inglês, Membro da British Psycho-Analytical Society.

3 O termo juízo de realidade foi traduzido do original “reality-sens” ao longo de todo o texto pela coerência com outras traduções brasileiras referidas ao mesmo termo, bem como “juicio de realidad” em línguas Hispânicas. Cabe ressaltar que a tradução francesa adotou o termo “sens de la réalité”.

4 A tradução Inglesa do termo alemão *Trieb* por *Instinct* implica em consequências decisivas na transmissão do pensamento Freudiano aos Anglo-Saxônicos, *instinct* (*instinctual*) é aqui traduzido por instinto e o termo *impulse* por *pulsão*.

5 Sandor Ferenczi: “Stages in the development of the sense of reality”, in *Contributions to Psycho-analysis*, 1916

nismos mentais observados nas análises de adultos. As conclusões em que chegou são muito familiares e não requerem recapitulação, mas cabe assinalar que a partir do ponto de vista sistemático, sua apresentação está incompleta nos seguintes aspectos: com exceção da “etapa de onipotência incondicional” que se relaciona com a fase oral do desenvolvimento, ele não nos dá nenhuma indicação precisa da natureza ou da complexidade dos sistemas de desejo compreendidos. Novamente, descreve uma série de relações (em sua maioria reações), com o mundo dos objetos, mas não dá a correspondente descrição da natureza dos objetos instintuais concernidos. Esta omissão logo foi parcialmente retificada por Abraham, quem descreve as séries do desenvolvimento como séries evolutivas dos objetos libidinais incluindo um número de objetos parciais⁶. Desde então, nenhuma correlação sistemática foi tentada.

A partir do ponto de vista da presente investigação é interessante assinalar o esforço de Ferenczi por correlacionar suas etapas do juízo de realidade com os fenômenos psicopatológicos adultos. Particularmente associando certas manifestações obsessivas com “fases mágicas” do desenvolvimento do ego. A importância teórica desta correlação foi considerável. Implica uma significativa disparidade entre a regressão do ego e a regressão libidinal nas neuroses obsessivas. Em outras palavras, o ego do neurótico obsessivo reage como nas primeiras etapas do desenvolvimento do ego, enquanto que, segundo a concepção da época, a fixação libidinal do neurótico obsessivo corresponde a uma fixação (sádico-anal) muito mais tardia. Se a ordem das etapas da realidade sugerida por Ferenczi é exata, estritamente falando, deveríamos ter encontrado a neurose obsessiva durante a primeira infância. Recentemente, Melanie Klein precisou sua opinião a respeito do aparecimento de características obsessivas e, em algumas oportunidades, de neuroses obsessivas típicas durante a primeira infância – aspectos que eu mesmo pude confirmar não apenas em vários casos de adultos como em anamneses diagnósticas de muitas crianças – são mais do que suficientes para confirmar as conclusões de Ferenczi em relação com a profunda regressão do ego. De fato, se tivéssemos prestado mais atenção nesta primeira correlação teríamos antecipado estas descobertas em muitos anos. Ainda assim, de maneira alguma a dificuldade é superada em virtude de que a fase da reação mágica que Ferenczi descreve como correspondente à técnica obsessiva deva igualmente existir nas etapas oral e anal primárias, quando, até onde sei, as reações obsessivas são raramente observadas. Ferenczi mesmo esteve, evidentemente, atendo à discrepância porque sugeriu que casos de neurose obsessiva fossem uma regressão parcial a esta primeira fase do ego. Não considero que esta perspectiva seja muito plausível. Nunca me foi possível observar um caso chocante de regressão do ego que não tenha ativado inconscientemente o sistema libidinal correspondente à fase do desenvolvimento do ego⁷.

6 Nota de rodapé extraída da edição francesa: “(1955) No artigo “The significance of the Mouth in Psycho-Analysis” e em outros anteriores, os conceitos de “objeto parcial”, de “objeto total” e de “amor parcial” foram tomados por Abraham sem que se tenha dado suficientemente conta, como eu me dei conta mais tarde, da confusão metapsicológica que isso gera. Eles ilustram também os efeitos enganosos provenientes da introdução no pensamento e nas teorias infantis de avaliação (pré)conscientes de observadores (adultos). Um “objeto parcial” é a visão que um objeto tem de um objeto. O verdadeiro objeto de um instinto é aquele sobre o qual, em sua visada original, se satisfaz. Ele é em si mesmo “total”. O termo “objeto parcial” só pode ser legitimamente utilizado como termo descritivo quando o sujeito já reconhece o objeto “total”. Assim, podemos dizer que, quando a criança ou adulto neurótico ama um objeto “com a exclusão do genital”, eles estão em estado de “amor parcial” de um “objeto parcial”; mas este estado de modificação do objetivo é melhor descrito pelo termo de “pulsão inibida quanto ao objetivo”. Da mesma forma, o termo “recalque parcial”, apesar de suficientemente exato quando ele é aplicado a uma ação seletiva de recalque, não pode ser considerada como uma forma precoce de recalque. Em todo caso, o termo “objeto total”, como é utilizado pelo adulto, é uma síntese (pré)consciente de impressões visuais, que não se dá conta da multiplicidade dos objetivos instintuais que podem ligar “sujeito” e “objeto” a qualquer momento. As psicologias recentes de “objeto-no-ego” ilustram a confusão que resulta de uma adoção impensada destes termos.

7 Eu não citei um artigo antigo de Ferenczi (“The problem of acceptance of unpleasant ideas”, in Further Contributions to the theory and technique of

A segunda linha de investigação está associada ao nome de Federn⁸. Por meio de uma análise cuidadosa da subjetividade e das introspecções documentadas, em particular diferentes graus de despersonalização, alienação, etc., ele tentou-se estabelecer os limites do ego narcisista. A partir disto podemos deduzir, até certo ponto, a ordem de reconhecimento e valor do objeto. Por exemplo, ele considera a variação do sentimento corporal do ego como um sintoma comprovável à regressão do ego, e tenta uma correlação dos limites do ego nas neuroses de transferência, psicoses e sonhos. Um estudo mais detalhado destes limites e regressões do ego poderiam seguramente ajudar-nos a chegar a alguma ideia dos sistemas de realidade em voga nas diferentes fases do desenvolvimento. A principal dificuldade pareceria ser que o conceito de narcisismo geralmente aceito entre psicanalistas é um tanto rígido. Este termo realmente põe em questão os limites do ego e dos objetos.

A terceira e mais recente abordagem foi estimulada pelo trabalho de Melanie Klein⁹ nas psicoses das crianças. Aqui novamente temos que lidar, com inferências, mas com inferências extraídas de análises atuais de crianças que acabaram de sair da primeira infância. Consequentemente, temos a primeira tentativa detalhada de descobrir em termos concretos as etapas nas quais se alcança uma relação estável com a realidade, as características dos conteúdos mentais destas etapas e a relação destas etapas com as formações psicóticas e neuróticas. Klein enfatiza (a) a importância dos mecanismos primários da introjeção e projeção, (b) a importância da angústia como instigadora da defesa, (c) a importância das pulsões sádicas na geração da angústia e (d) a expansão gradual do juízo de realidade e da capacidade para objetivar, como o resultado do conflito entre um Id arbitrário e um superego quase igualmente irrealista.

Considerando esta abordagem e outros trabalhos recentes¹⁰, torna-se claro que as etapas em desenvolvimento do juízo de realidade não deveriam ser consideradas isoladamente em termos de pulsão ou de objeto, mas deveriam ser referidas a etapas de domínio da angústia, onde o papel da pulsão destrutiva e libidinal se alternam. Cedo ou tarde, é claro, a definição da prova de realidade deve ser nos termos mais simples possíveis do instinto e de seus objetos. Eu já havia formulado tal definição. Mas a demarcação das etapas não pode ser levada a cabo sem um apropriado entendimento dos sistemas das fantasias precoces e dos mecanismos para enfrentar as angústias que estes sistemas ativam. A partir do ponto de vista adulto, os sistemas de “realidade” dos bebês e das crianças são claramente¹¹ fantasiosos, como uma consequência necessária do tipo de mecanismos mentais que predominam durante as etapas infantis, por exemplo: introjeção, projeção, etc.

Psycho-Analysis, 1926), no qual ele acentua a importância e da ambivalência e da desunião do instinto, no que determina a aceitação de representações concretas. Ele sugere também a necessidade de uma re-união de instintos para que haja objetividade. Exceto uma referência à fase oral, ele não dá nenhuma sequência de acontecimentos de ordem clínica

8 Federn : “Some Variations in Ego-feeling”. This Journal, 1926, vol. vii, p. 434 : “Narcissism in the Structure of the Ego”. *Ibid.*, 1928, ix, 401: {Das Ich als Subjekt und Objekt im Narcissismus *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 1929, Bd. xv, S. 393 : Das Ichgefühl im Traume”. *Ibid.*, 1932, Bd. xviii, S. 145.

9 Klein: *The Psycho-Analysis of Children*: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis, 1932.

10 Schmeideberg: “The Role of Psychotic Mechanisms in Cultural Development”. This Journal, 1930, vol. xi, p. Psychology of Persecutory Ideas and Delusions’.

vol. xii, p. 331 : Zur Psychoanalyse assozialer Jugendlicher. *Int. Zeitschrift. f. Psychoanalyse*, 1932, Bd. xviii, S. 474 ; also Searl: “The Flight to Reality”. This Journal, 1929, vol. x, p. 280: ‘ Danger Situations of the Immature Ego *Ibid.*, 1929, vol. x, p. 423: “The Roles of Ego and Libido in Development’ . *Ibid.* 1930, vol. xi, p. 125 : “A Note on De- personalisation.” *Ibid.* 1932, vol. xiii, p. 329.

11 Nota da edição francesa: “(1955) Isto peca pela sub-avaliação. Considerando que o ambiente adulto faz tudo para gratificar certos objetivos de instintos infantis, o juízo de realidade do bebê só pode ser julgado com os mesmos critérios aplicando-se ao juízo de realidade do adulto, a saber uma apreciação prática da relação do instinto com o objeto.

Secundariamente, tudo o que a análise de crianças possa estabelecer concernindo o conteúdo mental, do qual podemos inferir as etapas do desenvolvimento do juízo de realidade, *deve ter uma relação com a ordem da experiência perceptiva do mundo exterior*. Isto envolve não somente o número maior de análises de crianças como um novo estudo do comportamento das crianças. Particularmente, necessita-se de uma investigação mais detalhada da natureza, da ordem e da “dispersão” dos desenvolvimentos da angústia precoce. Por este termo não me refiro às comumente chamadas “fobias de primeira infância” (por exemplo: medo do escuro, dos estranhos e ficar sozinho), às quais, até agora, nossa atenção esteve consagrada quase exclusivamente por causa de nossa preocupação pelos antecedentes da angústia de castração. Sobretudo, as fobias menores requerem sistematização. Não estão sinalizadas pelas evidentes reações de angústia, senão por manobras intrusivas, como imobilização transitória, perda de atenção, sonolência repentina, dissimulação da atividade de jogo, ou na versão oposta, concentração da atenção combinada com uma leve impaciência, jogo incrementado, etc. Como foi sugerido, os primeiros deslocamentos de interesse com relação aos objetos instintuais imediatos são estimulados por angústias de todo tipo. Ademais, estes deslocamentos são governados pelo simbolismo, um processo que está em parte responsável por sua ordem, aparentemente, ilógica. No entanto, existe uma verdadeira razão para crer que a frequência e a ordem na apresentação das percepções externas desempenham sua parte no *enfoque* das angústias infantis como na formação das fobias dos adultos. Quanto mais uma fobia adulta se enlaça a objetos ou situações “inabituais”, mais exitosa é: é mais vantajoso sofrer de uma fobia de tigres em Londres do que na selva indiana. O que já sabemos do instinto infantil nos leva a supor que, fatores simbólicos à parte, o interesse das crianças deveria irradiar-se desde seu próprio corpo (em particular nas zonas oral, gástrica e respiratória, em outras palavras, coisas interiores) para ir à comida, aos órgãos de alimentação e a seus anexos; da pele (particularmente as zonas de saliências e invaginações) em direção a suas próprias roupas e as roupas dos objetos externos; das zonas excretórias, órgão e conteúdos (outra vez quase exclusivamente coisas internas) em direção a parafernália excretória e as áreas excretórias dos objetos externos, finalmente em direção aos contatos não excretórios, como os odores, cores, ruídos e gostos; do corpo e as roupas em geral em direção ao berço, a cama, os cômodos, os móveis, cortinas, penduricalhos, sombras; da presença dos objetos “instintuais” em direção à ausência intermitente, desaparecimento ou possibilidade de desprender-se de certos “objetos concretos”. Deste modo, através da experiência da presença e ausência do mamilo (peito, corpo, mãe) estabelece um critério de interesses sobre os objetos móveis e em movimento que chegam ao alcance sensorial da criança em seu berço (roupas, brinquedos etc.). Não somente os objetos concretos, mas as sombras que movem na parede, raios de sol, sons e cheiros recorrentes. Neste sentido, as experiências perceptivas são classificadas como experiências instintuais, mas o fator de recorrência não pode ser ignorado. Os “estímulos” esporádicos podem ser ignorados, a menos que sua intensidade seja tal que provoque angústia. As impressões recorrentes fornecem as primeiras vias do deslocamento. Em outras palavras, podemos inferir que as etapas do juízo de realidade combinam uma ordem instintual, aparentemente ilógica, uma ordem simbólica com uma ordem de percepção natural. A ordem aparentemente ilógica do interesse infantil e o interesse em geral, de algum modo, não se deve isoladamente ao fato de que o recalque teria convertido um interesse primário ou um deslocamento

de interesse em um simbolismo. De fato, tamanha importância do simbolismo, não devemos negar a cegueira e a carência de *Einfühlung*, *empatia* (em alemão no texto original), e a angústia inconsciente do observador do comportamento, o que resulta na imposição de uma ordem perceptiva de interesses adultos, considerada erroneamente como normal, sobre a ordem natural das crianças¹².

À espera de investigações analíticas e comportamentais mais precisas sobre as crianças, podemos, com vantagens, revisar as possibilidades que nos dão os estudos sobre os “adultos”. Devemos admitir que nosso interesse na psicopatologia do adulto tem sido especializada e circunscrita demais. Nós temos nos dedicado tão exclusivamente à etiologia das neuroses ou psicoses individuais que as relações destas com a ordem social ou as anormalidades sexuais têm sido, comparativamente, negligenciadas. Não há dificuldade em imaginar que os dados psicopatológicos podem estar tão ordenados que possam dar uma imagem distorcida do desenvolvimento normal. Mas isto implica numa classificação mais sistemática e detalhada do que se tem tentado até agora. Há certo tempo tentou-se esboçar tal classificação¹³. Incluindo um número de anormalidades caracterológicas, foi possível ordenar séries de desenvolvimento paralelo em acordo com a predominância, respectivamente, de mecanismos primários de introjeção e de projeção. Também foi possível diminuir o hiato entre neuroses e psicoses a partir da interpolação não das “psicoses borderline”, mas dos “estados transitórios” como a toxicomania¹⁴. Deste modo, situarei o termo corrente de toxicomanias como transitório, entre as paranóias e as formações de caráter obsessivo. A razão disto é que nas toxicomanias os mecanismos projetivos estão mais localizados e disfarçados do que nas paranóias, mais acentuados, no entanto, que nas desordens obsessivas. Nas toxicomanias os mecanismos projetivos encontram-se concentrados, localizados nas drogas nocivas: nos estados obsessivos a necessidade de projeção é atenuada pela existência de uma formação reativa de restituição.

Estas correlações foram necessariamente imprecisas, mas emergiu uma questão a partir de um estudo das formações transitórias como a toxicomania¹⁵. Parece claro que, localizando os sistemas paranóicos na droga nociva, o toxicômano é capaz de *preservar seu juízo de realidade de maiores perturbações psicóticas*. Em função de não termos uma terminologia adequada para descrever as etapas da realidade, é difícil expressar isto mais precisamente. Tomando emprestada, de algum modo, a terminologia parcial e simplista das primárias libidinais, podemos alcançar a seguinte posição: posto que o paranóico retorna a um sistema de realidade oral-anal, o toxicômano retorna ao ponto onde o bebê emerge este sistema. Em outras palavras, até este ponto

12 Este interesse por novos estudos do comportamento **não se baseia** somente na necessidade de dados clínicos suplementares. Poderia estar na base de um novo debate a propósito da velha controvérsia sobre os elementos endopsíquicos e exteriores no desenvolvimento ou na doença. As tendências modernas da psicanálise distanciaram-se do ambiente vivido como traumático e pareceria que as contribuições recentes dos analistas de crianças reforçam firmemente estas conclusões. As representações dos traumatismos gênito-sexuais da infância foram tão remanejados, que consideram-se atualmente como tendo ocasionalmente um influência favorável no desenvolvimento (Klein⁸). Mas outras representações substituíram estas. A significação da **ênema**, como representando um violento ataque da mãe real sobre o corpo da criança, é neste momento mais apreciada. Mas a investigação não deve parar por aí. Para o bebê, cujo sadismo e erotismo respiratório são reforçados, uma violenta expiração é um ataque sádico (Scar: “The psychology of Screaming”, in This Journal, 1933, vol. XIV, p. 193). Em consequência disto, quando seus pais ou suas enfermeiras tosem ou espirram, eles atacam ou seduzem a criança. Quando a criança envolve seus inimigos com a obscuridade destrutiva do simples fato de fechar seus olhos, é natural que quando a mãe fecha as cortinas do quarto isto seja considerado como um contra-ataque. Não é difícil observar que os bebês reagem com medo a acontecimentos tão familiares. E a mesma demonstração pode ser aplicada à **hipótese da cena primitiva**. Se os pais podem ser imaginados em cópula pela respiração, é possível que a conversa dos pais possa ser, em certas circunstâncias, a cena primitiva. Resumindo, nós não resolvemos ainda o problema dos estímulos endopsíquicos e exteriores. Nós criamos a obrigação de estudá-los em um nível mais precoce e em termos mais primitivos.

13 Glover: “A Psycho-Analytic approach to the Classification of Disorders”. *Journal of Mental Science*, October, 1932.

14 O termo utilizado no texto original é “drug addiction” que poderia ser traduzido por adição às drogas, mas optou-se por traduzi-lo como toxicomania, apesar de não se negligenciar uma vasta discussão que tenta esclarecer de forma precisa as adições e as toxicomanias.

15 Edward Glover: “On the etiology of Drug addiction”, in This Journal, 1932, vol. XIII.

o mundo externo representou uma combinação de um açougue com um banheiro público bombardeado e uma sala de velórios. O toxicômano transforma isto em uma mais tranquilizadora e fascinante farmácia, na qual o armário dos venenos¹⁶ está destrancado. Havendo desta forma reduzido os perigos paranóicos do mundo próximo, a criança (ou o toxicômano) ganha um pouco de espaço para respirar, ver pela janela (acessar a realidade objetiva)

Esta observação é a primeira que dirijo minha atenção à *possibilidade de reconstruir o desenvolvimento do juízo de realidade unicamente a partir dos dados psicopatológicos do adulto*.

Em primeiro lugar, era óbvio que entre as toxicomanias havia uma ordem aparente de complexidade que, somada às diferenças prognósticas, sugeria uma ordem definitiva de regressão. Então, existia uma ordem definitiva de regressão dentro do grupo das toxicomanias, presumivelmente, as etapas no desenvolvimento do juízo de realidade correspondentes eram igualmente complexas. Não pode haver dúvida sobre as diferenças de estruturas nos hábitos do uso das drogas. Existem adições do tipo melancólico bem como do tipo paranóico, mas fica claro a partir do exame do material das fantasias que os diferentes instintos parciais são os responsáveis por certas variações clínicas. Aqui havíamos encontrado um obstáculo difícil de superar: estávamos acostumados a considerar os instintos parciais infantis como tendências inatas sem nenhuma ordem particular de prioridade e que levam uma existência autônoma dentro dos limites do narcisismo primário. Parecia não haver outra alternativa a não ser considerar a possibilidade de uma ordem natural entre as pulsões parciais similares à, e talvez em relação com, a ordem de primazia das zonas erógenas.

O estudo das toxicomanias trouxe à tona outro problema na classificação que também tinha certa relação com o desenvolvimento do juízo de realidade, quer dizer: a significação das formações perversas e dos fenômenos fetichistas que tão comumente acompanham os hábitos do uso de drogas. Sem dúvida, influenciado pelos pronunciamentos de Freud sobre o tema, em particular sua visão de que as neuroses são o negativo da perversão, tenho tido dificuldades em “dar um lugar” às perversões em uma classificação sistemática dos estados psicopatológicos. A princípio pareceu-me indicado acomodar as psicoses e as neuroses em uma única série de desenvolvimentos e logo intercalar as perversões em pontos diferentes da sequência principal. Deste modo, começando com as psicoses, tomei as toxicomanias como um tipo transitório para introduzir, em seguida, as perversões polimorfas mais primitivas, continuar com as neuroses obsessivas, introduzir aqui as perversões fetichistas e homossexuais, e por último, as histerias, inibições sexuais e angústias sociais. Mas apareceram muitas razões pelas quais esta ordem não pode ser mantida. Em particular, a experiência dos analistas das perversões homossexuais, neuroses obsessivas e estados psicóticos evidenciam direta e indiretamente uma ordem de regressão ou um desenvolvimento muito mais complexo. Pode-se observar frequentemente que durante as crises psicóticas ocorridas em alguns pacientes em análise, se desenvolvem formações perversas *transitórias* do tipo *standard*. Um dos meus pacientes que apresentava durante sua análise um estado esquizóide, ao qual estava ligado superficialmente uma perversão homossexual ativa, vivia o amor heterossexual como um severo traumatismo. O resultado imediato foi não somente o fortalecimento dos traços esquizofrênicos mas também

16 Veneno está empregado no equívoco próprio ao termo *Pharmakon*.

uma regressão da formação homossexual ativa para uma fase passiva em primeiro lugar, em seguida a um cerimonial excretório polimorfo com ambos componentes, ativos e passivos, mas sem nenhuma experiência tátil. O traço evidente nesta regressão foi o enfraquecimento da verdadeira relação de objeto a favor de relações de objeto parcial. No cerimonial excretório o “objeto total” nunca era visto, ainda menos tocado. A princípio, menos evidente, foi o fato que estes cerimoniais atuam como uma proteção contra as angústias susceptíveis de induzir sistemas esquizofrênicos. Em outras palavras, *ajudam a manter o juízo de realidade do paciente em certo nível*. Os cerimoniais perversos não eram constantes: se *alternavam* com fases de depressão esquizofrênica. Entre os cerimoniais acentuava-se claramente esquizofrênico: seu juízo de realidade sofria uma redução extrema.

Alguns detalhes suplementares podem ilustrar este ponto mais claramente. As propostas heterossexuais do paciente incluíam alguns gestos lúdicos de estrangulamento: sua forma clássica de interesses homossexuais concentrava-se principalmente na zona das nádegas e incluíam um alto nível de idealização, particularmente do ânus¹⁷. A repentina regressão implicava a visita em um banheiro público (especialmente após ter comido sozinho) onde era levada a cabo com a mistura de sentimentos de culpa e angústia, com fascinação e um grande apaziguamento temporário de ter uma série de exposições anais ativas e passivas através do furo da fechadura. O contato se restringia estritamente a passar bilhetes de convite sugestivos pelo buraco por onde se espiava: a pessoa em questão não era conhecida. Aliás, a menor suspeita de agressão quebrava o clima. Por exemplo, passar pedaços de papel higiênico sujos ou molhados pelo buraco ou por baixo da divisória provocava uma imediata e aterrorizada reação de fuga. Esta cerimônia de banheiro público era seguida de uma fase breve na qual eram praticadas exposições urinárias. O ritual urinário era abandonado pelo risco de contato com os pessoas reconhecidas e pela presença nos banheiros públicos de um número de outros espectadores indiferentes (potencialmente suspeitos).

Estas não são, em si mesmas, formas excepcionais de rituais: seu interesse especial está no fato de que o cerimonial funcionava como uma regressão a uma técnica previamente não familiar ou desconhecida. Em outros casos, a forma mais primitiva de ritual é aparentemente a praticada em uma forma modificada como parte de uma relação homossexual mais desenvolvida com objetos totais, mas torna-se acentuada por regressão. Um paciente dividia suas relações homossexuais em um grupo amistoso, com ou sem conexão gênito-anal, e em um grupo extremamente erótico caracterizado por violentos sentimentos hostis e atos eróticos igualmente violentos em direção ao objeto *que era simplesmente como um órgão ou um conjunto de órgãos agrupados por uma massa indiferenciada de tecido conjuntivo – o corpo*. Quando ocorreu a regressão, as relações homossexuais mais desenvolvidas desapareceram temporariamente, dando lugar ao cerimonial completo do banheiro público. Neste caso o corpo do objeto era reduzido às dimensões de objeto parcial por intermédio do furo pelo qual o paciente espiava. Quando um chapéu ou outra parte das roupas eram vistas, o clima era quebrado imediatamente. Isto estava nitidamente determinado pelo simbolismo das roupas, mas a relação do paciente era interessante,

¹⁷ Eu fiquei muito impressionado pelo apaziguamento e pela função de tela de idealização, neste caso e em vários outros. Parece-me que isto é menos importante do que nós havíamos pensado, quer dizer, uma simples derivação da pulsão inibida quanto a sua meta, exagerada para os propósitos da defesa. As formas mais urgentes de idealização (para a maioria sob forma simbólica) ocorrem em psicoses do tipo esquizoide e ciclotímicas.

quer dizer: “isso era muito parecido com uma pessoa real”. Este sistema de cabine de banheiro público tem certa semelhança com tipos de masturbação, por exemplo, quando o sujeito visita um museu arqueológico e tem um orgasmo sem ereção contemplando fragmentos de estátuas, o torço, a cabeça ou as mãos. Em outros casos melancólicos e esquizóides frequentemente é observado que a saída da depressão com o correspondente crescimento do juízo de realidade era precedido pela emergência de fantasias sadomasoquistas primitivas. Frequentemente estes pacientes tentam direcionar suas fantasias para relações gênito-sexuais adultas. Mas em todo caso as tentativas falham ou são insatisfatórias; neste caso há um notável impulso para formar uma perversão. Isto pode tomar uma forma alo-erótica ou auto-erótica. Para exemplificar este último gostaria de citar um caso de uma depressiva que passou por uma fase transitória na qual ela se dirigia a banheiros públicos, despiase, defecava e urinava no lavabo e brincava com as substâncias demonstrando uma mistura de sentimentos de angústia e adoração. Durante esta fase a depressão atual desaparecia. Para abreviar, apesar de ter sustentado por muito tempo que as relações homossexuais ordinariamente sistematizadas constituem um sistema defensivo e repositivo que protege contra as angústias primárias e contra as angústias puramente gênito-sexuais, creio que, na maioria dos casos, a ligação não seja direta, e que exista um sistema de perversão mais profundo (recalcado e então não se discerne diretamente como uma perversão), que corresponde mais apropriadamente com o sistema de angústia original. Creio que isto deve ser descoberto antes que possa estabelecer-se um contato adequado com o sistema de angústia recalcado original. A partir do ponto de vista terapêutico, creio que de algum modo esta tendência à regressão na formação da perversão não deve ir além de uma formação transitória e possivelmente pode ser curto-circuitada(reduzida) por interpretações de fantasias perversas recalçadas.

Mais curiosa ainda é a estabilização das relações de realidade que podem ser efetuadas pelos interesses fetichistas transitórios. Previamente apresentei um caso¹⁸ em que um neurótico obsessivo atravessava uma fase de toxicomania, cujo fim foi assinalado por uma regressão paranóica transitória. Durante a recuperação da fase paranóide foi observada uma formação fetichista temporária. Isto evidentemente funcionava como um substituto da relação paranóide com a realidade. O paciente foi capaz de reestabelecer as relações com a realidade tendo localizado a angústia em uma parte do corpo neutra, apesar de simbólica (as pernas) e tendo contrariado isto por um processo de libidinização (formação do fetiche).

Ao considerar estes fatos, o problema de relacionar as perversões com as psicoses, neuroses e outras anormalidades sociais e sexuais é, de certa forma, simplificado. *Parece verdadeiro que as perversões mostram tanto uma série ordenada de diferenciações que consideram o fim e a totalidade do objeto, quanto que esta ordem de desenvolvimento ocorre paralelamente à das psicoses, estados transitórios, neuroses e inibições sociais.* Isto evita a necessidade de intercalar as perversões em uma série classificatória das psicoses e das neuroses. É simplesmente necessário reconhecer ou descobrir os elementos das séries paralelas. Ao dar sequência nestas ideias, parece plausível que as ondas de libidinização e a verdadeira formação de sintoma sejam ambas exageros dos modos normais de superar a angústia obtendo, do resto, interconexão ou alternância compensatória ou protetora. O problema principal pode ser formulado da seguinte forma: As perversões formam séries de desen-

volvimento refletindo as etapas de superação da angústia geradas pelo próprio corpo ou por objetos externos através de uma libidinização excessiva? E como corolário disto, as perversões ajudam não somente a preservar o juízo de realidade em outras divisões da psiquê *como também indicam a ordem na qual o juízo de realidade se desenvolve?*

Os argumentos a favor da tentativa de um apaziguamento, através de uma libidinização excessiva, não foram seriamente discutidos (veja, por exemplo, as observações de Freud¹⁹ sobre a relação etiológica entre ódio e homossexualidade). Os argumentos contra as séries de desenvolvimento são principalmente: (a) a concepção “polimórfica” da sexualidade infantil, (b) a generalização da afirmativa freudiana de que a neurose é a negativa da perversão. No que concerne ao primeiro ponto, já indiquei que o termo “polimorfo”, apesar de ser suficientemente apropriado em um sentido geral descritivo, em comparação com a pulsão genital, é muito vago para os propósitos atuais. Estamos mais informados sobre o desenvolvimento ordenado da pulsão infantil durante os primeiros cinco anos e, como os estudos sobre as crianças tornam-se mais precisos, o termo “polimorfo” torna-se supérfluo. Quanto ao segundo ponto: esta generalização, quer dizer, que a neurose é uma negativa da perversão, é no entanto profundamente verdadeira, mas em um sentido estritamente limitado. É completamente apropriado para aquelas perversões e fetiches que existem em paralelo com as neuroses correspondentes, por exemplo: um fetiche de luvas e uma mania de lavar-se as mãos com antissépticos. Mas devemos acrescentar agora que certas perversões são o negativo de certas formações psicóticas, outras o negativo de certas psicoses transitórias. De fato, seguindo Ferenczi²⁰ e considerando juntos os quadros clínicos de psicoses, perversões e neuroses, que observa-se tão frequentemente, é valioso perguntar-se se a perversão não é, em muitos casos, o avesso de uma formação sintomática ou a seqüela ou o antecedente de um sintoma que, de acordo com o caso, pode ser um meio profilático ou curativo.

Uma dificuldade mais ampla encontra-se no anterior pronunciamento de Freud²¹ de que as perversões não se formam diretamente das pulsões parciais, mas estas devem ter sido rechaçadas através da fase edípica. Desde o momento em que este pronunciamento se referiu a uma fase edípica estereotipada que ocorre entre os três e os cinco anos de idade, praticamente paralisou a diferenciação etiológica, como atesta o livro de artigos de Fenichel²², no qual a etiologia das perversões é de alguma maneira monotonamente descrita em termos de angústia de castração. Mas desde que Freud²³ sancionou um uso amplo do termo “Édipo”, estamos mais livres para considerar um elemento cronológico na formação da perversão. Todavia, a ideia da formação perversa em termos de camadas estratificadas sempre foi sugerida. Sachs²⁴ avançou nesta perspectiva baseando-se no recalque como um processo serial. Rank²⁵ também considerou que o grupo das perversões tinha diferentes níveis de evolução em relação aos sistemas ou localidades psíquicas correspondentes, mas limitou sua generalização

19 Freud, S. (1922-1989). *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*. Obras Completas. Rio de Janeiro, RJ: Imago. v.

18.

20 Ferenczi: “The nosology of male homosexuality”, in Contributions to Psycho-analysis, 1916.

21 Freud, S. (1919a/1995). “Uma criança é espancada”: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago.

22 Otto Fenichel “Perversionen, Psychosen, charaktortörungen”, In: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1931

23 Freud, S. (1931/1980). “Sexualidade Feminina” In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21.

24 Hanns Sachs: “Zur genese der perversionen”, in Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, Band IX, 1923.

25 Otto Rank: “Perversion und neurose”, in internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, Band VIII, 1922

estabelecendo que o perverso resta fixado na etapa anterior ao desejo por uma criança, sugerindo que a inibição perversa está diretamente especificada contra a “libido generativa”. Ambos escritores consideram que o fator determinante é o libidinal e a angústia que o acompanha como angústia de castração. A única objeção séria à classificação das perversões foi realizada por Fenichel. Ele não acredita que seja viável produzir uma classificação similar a das neuroses em coerência com a profunda regressão e a natureza das relações de objeto. Isto, ele disse, deve-se ao fato de que nas perversões está ausente o elemento de *distorção* que caracteriza as neuroses e as torna passíveis de uma classificação. Outra razão para esta objeção foi indicada anteriormente. Se estudar as partes de seu livro dedicadas à etiologia, descobrirá que não importa qual seja a natureza da perversão, a formula etiológica sugerida pelo autor nunca muda. Invariavelmente ele relaciona a formação da perversão à angústia de castração associada com a situação edipiana clássica. Clinicamente falando, este é um estado insatisfatório da questão. Sugiro que as dificuldades na classificação devem-se mais à natureza incompleta de nossas investigações. Em todo caso, as diferenças clínicas nas perversões são tão notáveis quanto as diferenças nas distorções neuróticas.

Agora, parece-me que Rank esteve mais próximo da solução do problema quando disse que o sadismo, na medida em que exclui a culpabilidade, era o verdadeiro modelo de perversão. Sugiro que a história do sadismo, ou melhor, das pulsões agressivas e destrutivas constitua um guia da etiologia e da ordem da formação perversa. Mas, além disso, a contribuição maior da libido à formação perversa, faz-se com a função de proteção. O próprio Sachs assinalava a relação que existia entre a perversão e a formação fóbica, mas não aplicou logicamente esta perspectiva a toda história infantil. Ele se limitava às fobias de castração, negando com isto as fobias mais primitivas. Se é importante estudar as perversões com relação ao juízo de realidade é que elas representam tentativas frequentes de proteção contra as angústias comuns de introjeção e de projeção através de um processo de libidinização excessiva. Em alguns casos a libidinização se dirige àquelas partes do corpo (tanto do sujeito quanto do objeto) que são ameaçadas no sistema de fantasias inconscientes. Em outros casos, o mecanismo de deslocamento introduz um elemento suplementar de defesa e de disfarce. Em outros ainda, é um modo de gratificação que é libidinizado, mais do que os objetos que parecem estar em perigo na fantasia. Em todos os casos, de algum modo existe certo grau de interferência com a função gênito-sexual adulta. Em outras palavras, as perversões ajudam a preservar uma taxa de juízo de realidade já alcançada, o que representa a longo prazo um sacrifício de liberdade na função libidinal adulta, apesar de que as neuroses permitem frequentemente à função libidinal adulta um ganho de liberdade suplementar, às custas de certa inibição das relações à realidade, e que as psicoses frequentemente mostram uma liberdade aparente da função libidinal adulta, acompanhada de graves perturbações do juízo de realidade.

Para resumir: se aplicamos as descobertas de Melanie Klein, considerando as primeiras histórias do sadismo infantil e tendo em mente o que a psicanálise em geral nos ensina concernindo o domínio do sadismo pela introjeção, projeção e outros mecanismos inconscientes, estamos em condições de postular uma série de situações de angústia que encontram-se em constante mudança. Situações que podem tomar grande dimensão, dando lugar a uma fase de formação de sintoma ou formação de perversão. Esta generalização pode ser aproveitada

no estudo do juízo de realidade e seu desenvolvimento. Como Klein assinalou, as relações de realidade estáveis não podem ser estabelecidas até que as angústias primitivas tenham sido dominadas. Esta é a mais verdadeira das faculdades da objetividade. Em outras palavras, o juízo de realidade depende da emancipação dos sistemas de percepção do corpo e do meio ambiente, *emancipação* da intervenção excessiva da angústia nos mecanismos projetivos e introjetivos. Esta emancipação ocorre em uma ordem definida que, provisoriamente, sugiro: são as zonas ou órgãos corporais, a comida, o vestido e as matérias expelidas (dejetos) sejam eles pessoais ou pertencentes aos objetos pulsionais.

A sequência dos acontecimentos pode ser descrita da seguinte maneira: como um resultado da alternância dos processos de introjeção e projeção, ocasionados pela frustração do instinto, a relação da criança com o que o observador adulto poderia chamar de realidade objetiva, aparece distorcida e irreal. No entanto, a criança durante esta fase tem uma realidade objetiva primitiva por conta própria. Em primeiro lugar ela tem contato psíquico com objetos que a fornecem instintos de auto-conservação em seu estado mais bruto, bem como tem contato com objetos que ameaçam realmente sua integridade (reais perigos externos, danos e agressões). Em segundo lugar, a criança tem contato com esta parte da realidade que gratifica certas necessidades de amor. Este pequeno enclave da realidade objetiva infantil está submerso pelas produções deformadas do medo. Um dos primeiros tratamentos para esta deformação é o processo de libidinização que neutraliza ou deixa em suspenso alguns dos sistemas de medo irreal neutralizando o sadismo. Este processo é reforçado prontamente por algumas formas de recalque. O resultado é que o núcleo original da realidade infantil pode ser “destacado” da massa de reações irreais. Este sistema de libidinização nunca é realmente abandonado, apesar de que seus mais dramáticos efeitos são observados exatamente antes que o recalque advenha de forma realmente maciça. A realidade objetiva adulta é um produto secundário deste processo. Uma vez resgatada, a realidade objetiva infantil se expande através dos recursos auxiliares do deslocamento e da sublimação, até os limites das necessidades e interesses adultos. Somente quando o sadismo é adequadamente neutralizado, a sublimação pode proceder e, seguindo a via do simbolismo, agregar-se a nossos contatos de realidade. A realidade objetiva adulta, fora da auto-conservação é algo que reconhecemos na herança infantil, algo do qual manteríamos posse e que expandiria após ter atravessado as telas do medo, libidinização e sublimação. Em alguns aspectos é verdadeiramente um resíduo, na perspectiva que se acorda com o fato de que os adultos são, de várias formas, menos objetivos do que as crianças. Esta herança estendida ou residual, funciona, no fim das contas, como garantia da ausência do medo. Está manifestadamente limitado de acordo com o campo do interesse individual, mais o campo dos interesses dos indivíduos que nós amamos ou odiamos.

Quando, por alguma causa, certa forma de infantil é reanimada ou exacerbada na vida adulta, uma das muitas maneiras de enfrentar esta crise é o reforço dos sistemas primitivos de libidinização. Isto dá lugar ao que chamamos perversão. Estou de acordo com o ensino de Searl²⁶ em que a sublimação só pode ser exitosa se a realidade não for demasiadamente libidinizada, o que implica que o problema do sadismo tenha sido resolvido. De maneira alguma isto contradiz a opinião de que uma libidinização excessiva “localizada” (uma perversão,

26 Nina Searl: “The psychology of screaming”, This Journal 1933.

por exemplo) pode preservar uma relação mais estendida com a realidade, a partir do sacrifício de “certas” relações com a realidade, “certas” sublimações e “certas” funções genitais adultas. As perversões ajudam a reparar as falhas no desenvolvimento do juízo de realidade. Por esta razão as perversões mais primitivas são em alguns aspectos mais compulsivas que as perversões homossexuais avançadas. Elas são tratamentos mais apropriados para as velhas angústias. O inconveniente das perversões primitivas é que estão mais próximas das fontes da angústia, quer dizer que elas convêm *bem demais*. A homossexualidade originária reassegura principalmente em relação aos objetos totais e não em relação aos objetos parciais primitivos. O crescimento progressivo na capacidade de apaziguamento da libido é, ao meu ver, mais aparente que real. Ou talvez seja mais apropriado dizer uma relação com objetos de amor reais, apesar de serem indubitavelmente uma grande fonte de apaziguamento, é um tratamento menos apropriado às angústias primitivas do que o amor primitivo dos objetos parciais. Temos aqui uma justificativa teórica para o ponto de vista defendido por Melanie Klein²⁷ de que sob circunstâncias favoráveis, as experiências sexuais infantis podem favorecer o desenvolvimento da realidade. Mas devemos aceitar também a conclusão de que tais experiências, de natureza ativa ou passiva, acidentais ou provocadas de antemão, favorecem o desenvolvimento da realidade somente na medida em que funcionam como perversões infantis.

Indiquei os eixos ao longo dos quais o material psicopatológico adulto pode ser investigado para descobrir as etapas do desenvolvimento do juízo de realidade. Fora este particular interesse, creio que a intenção seja valiosa ao menos para reduzir as confusas considerações existentes na classificação dos distúrbios mentais. Resta indicar quais são os eixos de investigação mais produtivos e quais são os obstáculos mais significativos a este progresso. Como considerado anteriormente, estou influenciado por circunstâncias casuais de que meu próprio material cobre parcialmente o grupo dos estados transitórios, perversões e neuroses obsessivas. Apesar de reconhecer o valor dos estudos psicanalíticos sobre os estereótipos da esquizofrenia, para não falar das ditas fobias históricas, demonstrar-se-á que esta conexão é inestimável, tenderia a crer que teremos melhor perspectiva se começarmos pelo ponto onde as psicoses transitórias, as perversões e as neuroses obsessivas se encontram. De fato, tenho a impressão de que as aproximações mais produtivas para o estudo do juízo de realidade encontram-se no estudo do fetichismo, incluindo aqui os fetiches narcisistas nos quais parte do corpo ou da roupa do paciente fornecem gratificações sexuais. No fetichismo existe um gral de localização do interesse e da estereotipia do deslocamento que promete dar informações mais exatas sobre os sistemas de angústias precoces, do que a informação que nos provém das ramificantes perversões ordinárias. O próprio Freud²⁸ assinalou que a denegação da angústia efetuada pelo fetichismo é similar à denegação psicótica da realidade. E Lorand²⁹ comentou o rápido desenvolvimento intelectual apresentado em um de seus casos.

Usei o termo fetiche narcisista a contragosto. Por um lado, creio que o que chamamos “narcisismo erótico” é um composto de verdadeiras atividades auto-eróticas e relações alo-eróticas ocultas com objetos parciais. Novamente o termo masturbação é notoriamente insatisfatório, o que se aplica igualmente a termos descritivos

27 Klein: *The Psycho-Analysis of Children*: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis, 1932.

28 Freud, S. (1927/1996). “Fetichismo” In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21. p.151-160

29 Sandor Lorand: “Fetichismo in statu nascendi”, in *This Journal*, vol. XI, 1930, p. 419.

tais como travestismo. Muitos dos fenômenos que observei deveriam ser considerados descritivamente como a meio caminho entre travestismo e masturbação. Ainda assim, sustento que são fetichistas em princípio da mesma maneira que muitas outras das chamadas atividades sexuais espontâneas da infância são também – em princípio – perversões.

Compara-se, por exemplo, a continuação de dois sistemas observados num caso. O indivíduo em questão tinha um fetiche simples de piano, que quer dizer que o contato com um certo tipo de piano (com calda nova e brilhante) o levava a uma excitação sexual e ao orgasmo, com ou sem manipulação. Em seguida, o mesmo piano perdia gradualmente o efeito estimulador. Um piano arranhado ou descolorido ou com a calda roída por traça era um tabu. Por outro lado, a cada vez que o paciente se vestia com roupas novas, em especial quando comprava um traje completo, desenvolvia uma ereção que durava pelo menos doze horas, que às vezes culminava em um orgasmo. Durante este período ele ficava em um estado de extrema felicidade. Um outro paciente associava um automóvel fetiche que perde seus efeitos tão logo nele espirrasse lama ou que o estofado fosse sujo de graxa, com uma excitação masturbatória sobre seus próprios sapatos quando eles estavam novos, enquanto seu brilho original se mantinha intacto. Em ambos os casos, as manifestações aparentemente auto-eróticas correspondiam diretamente ao sistema objetal.

Os exemplos acima podem ilustrar um dos tantos obstáculos para a investigação neste tema: o fato de que os termos como “narcisismo”, “autoerotismo”, “pulsão parcial”, “perverso polimorfo” etc., estejam, em certo nível, gastos pelo uso, tenham perdido a validade. Devem ser substituídos a tempo por termos extraídos do estudo dos fenômenos de introjeção. Deveríamos ser capazes de dizer exatamente qual estágio na introjeção dos objetos parciais é ocultado por alguma forma de autoerotismo.

Uma segunda dificuldade é evidenciada pelo estudo do fetichismo, a saber, o fato de que as neuroses obsessivas estão inadequadamente subdivididas ou classificadas. Eu já descrevi um caso de neurose obsessiva no qual um interesse fetichista transitório ajudava no reestabelecimento de uma fase paranóide. E frequentemente observei que certos casos de toxicomania desenvolvem (durante período de abstinência) sintomas obsessivos transitórios pouco localizados em ação. Descrevi algumas destas reações obsessivas como “fenômenos fetichistas negativos”. Muitas fobias de contaminação localizadas com ou sem manias de lavagem, são deste tipo e podem alternar com um interesse erótico nas mesmas partes do corpo.

Referindo-me à etiologia do fetichismo, escrevi em um trabalho anterior³⁰: “Deve haver duas formulações aproximativas aceitáveis: a) que na transição entre os sistemas paranóides e uma reação normal à realidade, a toxicomania (e posteriormente o fetichismo) representa não apenas continuidades do sistema da angústia dentro de um alcance limitado, mas também o início de um sistema de apaziguamento em expansão. O apaziguamento é ocasionado pelas contribuições das etapas libidinais tardias da infância que contêm um modo de sadismo decrescente. b) Que a roupa em geral é, depois da comida, a segunda linha de defesa para superar as reações paranóides à realidade. Parece razoável supor que os primeiros sistemas paranóides da criança se ligam à comida, que estas angústias são modificadas não apenas pelo aparecimento das pulsões menos sádicas,

30 Edward Glover: “On the etiology of Drug addiction”, in This Journal, 1932, vol. XIII.

mas também por um esforço determinado de deslocar a angústia. Neste deslocamento da angústia as roupas cumprem seu papel. Quando secundariamente o deslocamento induz reações nas roupas dos objetos externos, a fundação do clássico fetiche está instalada. Desta forma, quando a angústia é excessiva o resultado é um fetiche sexual típico ou uma forma negativa, quer dizer, uma “fobia de contaminação”.

Finalmente, um estudo da etiologia do fetichismo dá lugar ao que é talvez um dos mais importantes obstáculos imediatos para o entendimento do desenvolvimento da realidade, a saber, a carência de informação sistematizada sobre a natureza exata da fase oral do desenvolvimento. As primeiras formulações etiológicas relativas ao fetichismo assinalaram fatores fálicos, escopofílicos e sádicos: posteriormente a importância do falo imaginário da mãe foi muito enfatizada. Ainda mais recentemente a importância de outros elementos foi acentuada. O próprio Freud destacou que o fetichismo eleito pode não ser necessariamente um símbolo peniano comum e, nós sabemos, a partir do trabalho de Ella Sharpe³¹ e outros, que isto se deve à contribuição de elementos pré-genitais, por exemplo, o sadismo oral. Esta nova orientação está de acordo com o que realiza Melanie Klein e adota sua extensão da segunda fase oral para incluir o interesse fálico edipiano autêntico. Mas, quanto mais universal são tais fatores, menos úteis eles são na diferenciação etiológica. Sem realizar nenhuma observação analítica, pode-se deduzir, com base em dados comportamentais que a primeira fase do desenvolvimento infantil deve ser predominantemente oral. A existência do interesse fálico durante a fase oral também poderia ter sido deduzida sem análise. Quanto mais as análises confirmam a importância destes precoces interesses fálicos, mais torna-se urgente subdividir as fases orais, e considerar partida jogada durante o que chamamos agora de primeira fase oral, por outras zonas erógenas importantes e pelas pulsões parciais, em particular, o erotismo respiratório, gástrico, muscular, anal e urinário. Não é suficiente para estabelecer os contornos do desenvolvimento em termos de fases. É necessário uma diferenciação mais detalhada antes de fornecer uma fórmula etiológica que exige a existência de variações clínicas nos distúrbios mentais.

Traduzido para o português por Leonardo Scofield

31 Ella Sharpe: Lecture on Fetichism and art”, in British Psycho-analytic Society, November 18, 1931

Lacan, Glover, a toxicomania e a *drug addiction*

Lacan, Glover and drug addiction

Claudio Spivak¹ (Buenos Aires, Argentina)

Resumo: No Seminário VI de Jacques Lacan, encontramos uma das poucas menções que ele faz às toxicomanias. Esta se realiza a partir de uma crítica a dois textos de Edward Glover. No presente artigo, se rastreiam as críticas a estes textos. Em seguida, se apresenta uma semelhança entre estes textos, assim como se apontam algumas precisões em torno da *drug addiction* e das adições.

Palavras chave: Lacan, Glover, toxicomania, drug addiction, adição

Abstract: In Jacques Lacan's VI Seminar, we find one of the few references he makes to drug addiction. These are accomplished from a critic to Edward Glover's two texts. In the present article we follow the critics to these two texts and then, we present the similarities of these articles and we make some precisions around drug addiction and additions.

Keywords: Lacan, Glover, drug addiction, addiction

Lacan leitor: Nos Escritos, conferências e seminários que conhecemos de Lacan, as menções às toxicomanias e ao alcoolismo aparecem como marginais ou laterais. Geralmente surgem em algum momento do desenvolvimento de outra ideia principal e poucas vezes merecem alguma reflexão mais extensa.

Mesmo assim, embora escassas, essas referências já se encontram em sua tese de doutorado e voltaremos a encontrá-las nos escritos prévios ao seu ensino, assim como nas últimas apresentações de pacientes que realizará em *Saint-Anne*. Atravessam suas leituras e suas reflexões em um período de cinquenta anos.

No seminário “O desejo e sua interpretação” encontramos uma destas poucas menções em relação à leitura crítica de um texto de Edward Glover.

Lacan leitor de Edward Glover: A crítica a Glover se produz na parte que Jacques Alain Miller denominou *a dialética do desejo*. A encontraremos nas lições de 13 de maio, de 17 de junho e 1 de julho. Nestas, Lacan desenvolverá seu comentário ao texto “*A relação entre a formação de perversão e o desenvolvimento do sentido de realidade*”. Na mesma aula, de 17 de junho, se refere a outro texto de Glover “On the aetiology of drug addictions”, de 1932.

Se Lacan convoca os textos de Glover é para tomá-lo como o melhor exemplo de certo desvio em relação ao desejo, de alguns teóricos da psicanálise. Critica a ideia de um acordo pré-formado entre o desejo e a realidade. Também, certa ideia forjada em relação a um desenvolvimento subjetivo e de fases libidinais, um desenvolvimento acabado, ou ao menos esperado, a partir de uma convergência suposta até a maturação. O suposto é que “a tal forma da libido corresponderia tal estrutura do ego que especificaria tal tipo de relação com a realidade”. Em síntese, Lacan critica apoiando-se nos textos de Freud e na clínica, as concepções referidas ao desenvolvimento genético do desejo, a experiência de conhecimento do objeto e a ideia da harmonia entre o sujeito, desejo e realidade. Será neste contexto que fará menção a “o que nós chamamos toxicomania”.

Glover, a ordem e a série: “A relação entre a formação-perversão e o desenvolvimento do sentido de realidade” é um texto de leitura complexa. Lê-se ali o esforço de Glover para obter um ordenamento diacrônico, em fases paralelas de desenvolvimento da libido, o eu, a realidade e sua correspondente psicopatológica.

¹ Psicanalista Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana e da Associação Mundial de Psicanálise.

No texto, Glover se refere ao desenvolvimento do sentido de realidade. A partir da orientação que lhe provê este sentido de realidade, mediante um estudo minucioso, tenta ancorar os sistemas de realidade em voga nas distintas fases mencionadas acima. Este sentido de realidade se organiza também em estádios. Aí se coloca como seguidor de Ferenczi, de quem nos diz, que se empenhou em correlacionar estádios do sentido da realidade com fenômenos psicopatológicos.

Sua perspectiva genética o remete a momentos primordiais da constituição do eu. O regulamento que propõe parte do primitivo. Assim retomará as fases pré-edípicas e relativizará a referência edípica. O regulamento se orienta pelo “sentido de realidade” e de acordo com a predominância respectiva da “introjeção primitiva” ou dos “mecanismos de projeção primitivos”.

Com esta orientação, assinala a conveniência de ter mais investigações relativas a análise de crianças para comparar com o que é obtido na análise de adultos. Acrescente-se a isso ampliar a investigação analítica. Considera que até o momento o interesse recaiu sobre a etiologia das neuroses e das psicoses, ficando fora as anomalias sociais ou sexuais, entre as quais coloca a *drug addiction* e a perversão.

A partir daí nos recorda que já havia proposto uma classificação em “On the etiology of drug addiction”. Dessa classificação havia surgido um ordenamento que o habilitou a por em série a neurose e a psicose, interpondo entre ambas não só a psicose borderline mas também estados “transitórios” de adição às drogas. A adicção transitória às drogas ficava classificada, então, entre as paranoias e as formações de caráter obsessivo. Orientado pela introjeção e projeção primitiva, destaca que “nas drogadições os mecanismos de projeção estão mais localizados e disfarçados que nas paranoias, mas assim ainda são mais fortes que nas desordens obsessivas.”

O texto conduz a resolver uma dificuldade classificatória. Isto a partir do surgimento de perversões e de fenômenos fetichistas que acompanham comumente o uso de drogas. O problema seria como localizar a perversão em seu regulamento. Glover o consegue às custas de fracioná-la e fazê-la surgir em cada etapa de suposto desenvolvimento, desde as mais primitivas às mais próximas do Édipo. Deste modo é levado a colocá-las como auxiliares e como remendo das falhas do sentido da realidade.

Neste ponto a perversão transitória aparece quando algo fracassa na prova de realidade, quando aparece um rasgão na realidade, e como defesa ante a possibilidade de uma suposta psicose. Já se havia referido ao uso defensivo que pode ter a droga, para manter o sentido da realidade na psicose.

O pensamento de Glover, em sua tentativa classificatória, recai em alguns paradoxos. Lacan proporá como solução, que não há dedução correta dos tipos clínicos senão na condição de admitir a função significante. Essa função não implica a relação do sujeito com seu entorno ou com realidade alguma, exceto da realidade e dimensão da linguagem.

Glover e a *drug addiction*: A crítica que Lacan faz em relação aos paradoxos do texto de Glover implica em um desalento à leitura. Sem dúvida, isto não deveria ser assim. Os paradoxos que nos indica são em torno da concepção genética de Glover. Ao mesmo tempo nos diz ser um dos melhores autores de psicanálise, alguém perspicaz, preocupado com uma correta articulação da experiência analítica e alguém que se esforçou por in-

ventariar as noções e conceitos que utilizamos. Se Lacan diz isto é porque o leu.

No campo de investigação da psicanálise aplicada às toxicomanias e alcoolismo, Glover se propõe como alguém que inventariou os autores clássicos e nos mostra os achados e dificuldades destes. Além do mais, sua experiência clínica neste campo o conduz por caminhos iluminadores; claro está, com uma orientação que dista da lacaniana.

Sua tentativa de localizar uma etiologia da *drug addiction* o conduz a uma serie de interessantes achados. Por exemplo a distinção que estabelece entre o efeito do tóxico e o uso que faz quem consome esse tóxico. Isto lhe permite orientar-se em relação à questão da droga e deixa à mostra o aspecto compulsivo que subjaz ao consumo, compulsões que se replicam em outras atividades como a comida, a leitura e outras.

Eric Laurent nos assinala que em Glover encontramos aquele que primeiro notou que qualquer coisa pode funcionar como suporte da adição, assim como nos apresenta a dificuldade de dar ao tóxico um lugar definitivo em qualquer classificação. Também que a *drug addiction* não se refere a um tipo clínico em particular. Em Glover se lê que, a nível da pulsão, o oral e qualquer circuito pulsional pode estar envolvido no tóxico. Sabemos, por exemplo, que a cocaína pode ser injetada, fumada, aspirada ou lambida. E isto pode acontecer em diversos indivíduos como em um só.

Não menos interessante é a perspectiva que nos propõe Glover em relação a conceber o uso defensivo da droga ou os usos relacionados com o supereu e o castigo.

Vale ressaltar uma menção. Mostra que, dadas as condições psíquicas adequadas, qualquer substância pode ter “função” de droga.

Bibliografia

Glover, E. “ON the Aetiology of Drug-addiction”, *International Journal of Psychoanalysis*, July 1932, vol 13

----- “ The relation of perversion-formation to development of realitysense”. *International Journal of psychoanalysis*, October 1933, vol. 14

Lacan, J. *Seminário 6: el deseo y su interpretación* – 1 ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2014

Laurent, E “Respuestas a la Lúnula”, Em *Revista Virtual de Psicoanálisis la Lúnula*, n 3 *Oralidad all inclusive*. Córdoba, 2014.

Tradução: Lenita Bentes

Revisão: Oscar Reymundo

Uma compulsão escravizante

An enslaving compulsion

Marcela Almanza¹ (Cidade do México, México)

Resumo: No Seminário 6, J. Lacan retoma o estatuto da toxicomania tal como é concebido por E. Glover, para propor a partir daí uma leitura crítica que se estende até os conceitos de sujeito, objeto, desejo, fantasia e sobre o uso do termo realidade. Neste ponto, a análise pormenorizada que faz Lacan das particularidades da fantasia perversa, se converte em uma lição magistral para orientar a prática. Por outro lado, se retoma de outro texto de Glover o estatuto da compulsão e a particularidade do que se constitui como droga para cada consumidor.

Palavras chave: Toxicomania, realidade, fantasia, compulsão, droga.

Abstract: In the 6th Seminar, J. Lacan resumes the statue of drug addiction as it is conceived by E. Glover, to propose a critical reading that extends itself until the concepts of subject, object, desire, fantasy and the use of the term reality. At this point, the detailed analysis Lacan makes about the particularities of the perverse fantasy, becomes a magistral lesson to guide the practice. On the other hand, we resume from another of Glover's text, the statue of compulsion and the particularity of what becomes a drug for each consumer.

Keywords: Drug addiction, reality, fantasy, compulsion, drug.

No Seminário 6, “O Desejo e sua interpretação”, J. Lacan faz uma breve alusão a Edward Glover e ao seu artigo *The relation of perversion-formation to the development of reality-sense* (1933) e explica que o essencial do relato é a concepção da formação perversa como meio para o sujeito se precaver de tudo o que para ele não se inscreve em uma realidade coerente.

A partir desta perspectiva, Glover propõe um tipo de onipresença da função perversa que aparece “em um sistema de anterioridade e de posterioridade, no qual se gradua como mais primitivo os transtornos psicóticos, seguidos pelos transtornos neuróticos. Entre ambos se inscreve a *toxicomania*, que corresponderia a uma etapa intermediária”. A partir de então, a crítica de Lacan sobre esta *visão original* é imediata “... como a cada vez que se tenta uma simples e pura localização genética das afecções analisáveis”².

Ele insiste – em termos das repercussões na prática – no grave equívoco que se produz no uso do termo *realidade* ao considerá-la um desenvolvimento paralelo ao dos instintos. Do mesmo modo, Lacan se questiona sobre as consequências produzidas quando esta idéia também atinge o conceito do desejo, que implica no paradoxo “... que a maturação do desejo é o que permite ao mundo culminar na sua objetividade”³.

Deste modo, critica toda teoria relativa a uma suposta maturação do desejo que afluxa em uma maturação do objeto e, ainda, se pergunta qual seria este objeto.

Rapidamente, Lacan procura esclarecer que esse *a* “... é o que constitui o resíduo, o que está à margem de todas as demandas e que nenhuma dessas demandas pode esgotar. Está destinado como tal a

representar uma falta... Este é o osso da função do objeto no desejo”⁴. E, continua Lacan, “o que destaca o funcionamento do desejo “... mostra que o objeto perdido, o objeto que há que recuperar, não é aquele que

1 Psicanalista Membro da Nueva Escuela Lacaniana e da Associação Mundial de Psicanálise.

2 Lacan, J. El seminario, libro 6, El deseo y su interpretación, Buenos Aires, Paidós, 2014, p. 401.

3 Ibid p. 402.

4 Ibid, p. 412

uma perspectiva genética promove como o objeto primitivo de uma impressão primordial”⁵; o que se verifica na experiência analítica é que a forma indispensável desses objetos (por exemplo, a das fases oral e anal) manifesta a estrutura do corte. Lacan acrescenta que por isso esses objetos são convocados a representar o papel de suporte imaginário na fantasia “... nesse nível do significante onde o sujeito acaba se posicionando como estruturado pelo corte”⁶.

Trata-se, então, da concepção de um sujeito que é sujeito de uma cadeia articulada pertencente à ordem do discurso; uma cadeia que não lhe é acessível e na qual ele tanto se desconhece nela como apenas aparece nos intervalos, nos cortes.

Neste caso, Lacan assume uma posição implacável diante da prática da análise defendida por “certos analistas” a respeito das consequências que dela se deduz e, mais uma vez, se pergunta: “por acaso trata-se pura e simplesmente de conduzir o sujeito a um presente que seja à nossa medida, ao presente da realidade que podemos definir como homens da ciência ou como homens que imaginam que no final das contas tudo pode ser reduzido ao nível do conhecimento? Pois bem, parece que toda a direção da técnica analítica tende a reduzir o sujeito às funções da realidade...”

E, ainda, acrescenta, “Contudo, o lugar ocupado pela fantasia não exige que consideremos outra dimensão? Essa dimensão é a do que cabe denominar as exigências verdadeiras do sujeito. Não se confunde com a realidade, não se deixa reduzir ao mundo comum...”⁷

A partir desta perspectiva crítica introduzida por Lacan, haveria que reconsiderar, então, a inclusão da toxicomania em uma elaboração genética das relações do sujeito com o mundo, como uma etapa intermediária entre os transtornos neuróticos e os psicóticos. E ainda, de acordo com as coordenadas conceituais expostas nesse seminário – que esclarecem equívocos sobre o estatuto do sujeito, do objeto, do desejo e do uso do termo “realidade” – seria necessário avaliar a função e o uso da fantasia para cada sujeito a luz das condições necessárias para que se produza a satisfação.

Neste ponto, a análise detalhada que Lacan faz sobre as particularidades da fantasia perversa se converte em uma lição magistral para orientar a prática.

De acordo com o citado, retomo o texto de E. Glover *On the etiology of drug-addiction*⁸ (1932), também comentado por Lacan neste seminário.

Apesar de o autor já apresentar no artigo a hipótese que mencionamos anteriormente a respeito do seu entendimento sobre as perversões – após expor a possibilidade de estabelecer um mecanismo específico para drogadição e retomar a questão das possíveis fantasias concomitantes –, diz que no momento está mais interessado em definir a função da drogadição; e, para resumir, explica que esta implica na fixação a um sistema edípico transicional (entre os núcleos edípicos mais primitivos que produzem ansiedades paranóides e um núcleo edípico, responsável pelas reações obsessivas posteriores), cuja função é defensiva e atua como uma proteção

5 Ibid, p. 413.

6 Ibid, p. 427.

7 Ibid, p. 433.

8 Tradução direta do inglês, Glover, E., *On the etiology of drug-addiction*, International Journal of Psychoanalysis, (1932).

contra a reação psicótica em estados de regressão.

Ainda comenta que a drogadição poderia ser considerada um progresso sobre a paranóia com o objetivo de *localizar* a ansiedade paranóica e permitir a adaptação externa para agir, o que pode ser esta uma das funções específicas da drogadição.

A seguir, o que me interessa destacar é que, ainda neste paradigma conceitual que originou as observações e críticas precedentes, Glover propõe questões interessantes. Por exemplo, indaga sobre a relação existente entre drogadição e hábitos neuróticos ou os usos sociais, em particular pelos que integram o que se chama de grupo de “ingestão”.

Glover ainda se questiona sobre o motivo pelo qual as drogas nocivas são escolhidas em certas adições em que o usuário as prefere no lugar de substâncias menos danosas ou inofensivas, e explica que “atualmente, não resta a menor dúvida de que os efeitos fármaco-tóxicos das drogas não exercem um papel específico nas adições consideradas perigosas, assim como se supõe nos círculos extra-psicológicos. Em certos casos de adição, naqueles em que se estabeleceu um substituto inócuo (em um caso se utilizou açúcar), pude constatar a mesma compulsão escravizante associada ao substituto”.

Por outro lado, ele afirma que, tanto nas análises dos sujeitos neuróticos quanto nas dos psicóticos, descobriu o mesmo sentido subjetivo da compulsão, exatamente onde se despertava uma ansiedade de privação igual à que surge diante dos hábitos de droga *standard*.

E acrescenta que “além disso, já se sabe que nas privações reais de droga, mesmo a última e a mais diluída gota de uma substância aditiva é tão significativa para o adicto quanto o último e o mais trivial cerimonial o é para um caso severo de neurose obsessiva”.

Portanto, Glover conclui que, de acordo com certas condições, *qualquer* substância (psíquica ou de outra índole) pode funcionar como uma “droga”.

Um inovador ponto de abertura do texto sobre o qual continuar refletindo a respeito desta *compulsão escravizante*.

Tradução: Lenita Bentes

A chave do armário dos tóxicos

The key to the drug cupboard

Nadine Page¹ (Bruxelas, Bélgica)

Resumo: Nadine Page parte do artigo de Edward Glover comentado por Lacan no Seminário VI, onde Glover situa a toxicomania como um estado transicional entre a psicose e a neurose. Ela destaca a hipótese segundo a qual o toxicômano pode preservar seu sentido da realidade frente a uma perturbação psicótica, apresentando uma vinheta clínica em seu apoio.

Palavras-chave: tóxico, realidade, psicose, clínica, função da droga.

Abstract: Nadine Page begins from Edward Glover's article commented by Lacan in the VI Seminar, where Glover places drug abuse as a transitional state between psychosis and neurosis. She highlights Glover's clinical hypothesis according to which the drug user can preserve his sense of reality in face of a psychotic disorder, presenting a clinical fragment to support it.

Key-words: Toxic, reality, psychosis, clinic, function of the drug

J. Lacan dedica seu Seminário de 1958-1959 ao desejo e sua interpretação. Neste Seminário, Lacan segue a pergunta que atravessa todo o seu ensino: o que orienta aquele que pratica a psicanálise? Trata-se de considerar o desejo em concordância fundamental com “o canto do mundo”?² Ou ao contrário como índice do “Eu” que deverá advir?³ E, desde aí, como o lugar de uma tensão entre dois termos, que constituem o fantasma fundamental: o S barrado e o objeto pequeno a?

Lacan sustenta que o processo pelo qual advém o sujeito, engaja o Outro da palavra uma vez que o sujeito o convoca pela demanda que ele lhe manifesta. É uma dialética que se inicia a partir desse momento, onde o sujeito pode advir como aquele que pode subjetivar o Outro: “Só existe sujeito para um sujeito - este é um princípio que temos que manter como princípio desde sempre”⁴. Neste processo, o sujeito se confronta com a inexistência de garantia no Outro: “... nenhum significante existe que garanta a continuidade concreta de alguma manifestação de significantes.”⁵; ele, o sujeito se encontra marcado. Não há nada no Outro que lhe permita se nomear como sujeito do inconsciente. É precisamente neste instante, que o sujeito se encontra completamente submetido à virulência do logos, é aí que ele se encontra, suportado por um objeto, imaginário, nos diz Lacan, mas que terá função de significante para reter o sujeito diante de sua própria síncope, anulação pura e simples de seu ser. Lá está o real, nos diz Lacan, neste ser cujo sujeito é pura metonímia.

O sujeito se encontra no interstício, no intervalo; é por isso que o objeto como suporte se estruturará da seguinte maneira: pela ruptura. O lugar desta tensão, é o que constitui o fantasma.

Fazendo assim, Lacan se desvia para a literatura analítica que lhe é contemporânea e nos situa alguns impasses. Em um comentário do artigo de Glover⁶ que, por outro lado, Lacan nos propõe ler pelo rigor de suas pesquisas e a qualidade de sua experiência clínica, nos fornece um exemplo: não há processo dialético aqui na constituição do sujeito, não há tensão entre a representação significante e seu efeito mortificante, mas sobretudo

1 Psicanalista, Membro da École de la Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise

2 LACAN, J. *Le désir et son interprétation*, Paris, La Martinière, 2013, p. 420.

3 Ibid., p. 447.

4 Ibid., p. 440.

5 Ibid., p. 441.

6 GLOVER, E. La relation de la formation perverse au développement du sens de la réalité, trad. JL Henrion et S. Poloczanska, in *Ornicar, Revue du Champ freudien* 43, oct-déc. 1987, p. 17-37.

um desenvolvimento do sentido de realidade associado a certos objetos, estados da pulsão e fantasmas, dos quais Glover busca captar o melhor possível suas relações.

Uma teoria fundada sobre a ideia de uma cooptação do sujeito e da realidade – ela mesma suposta existir – conduz logicamente à ideia de um desenvolvimento por estágios, escalonados da psicose à neurose, via estados transicionais, entre os quais, a perversão e a toxicomania – que nos interessa aqui⁷.

Mas o rigor clínico do qual Glover dá provas o conduz a reconsiderar esta teorização. É, por outro lado, dentre outros, a clínica das toxicomanias que contraria a teoria dos estágios, dada a sua complexidade demonstrada no que Glover nomeia a ordem de regressão e então, concomitantemente, o desenvolvimento do sentido da realidade, assim como as diferenças de estrutura que aí se encontram (tanto melancólica como paranóide).

Uma outra hipótese clínica nos chama a atenção: Glover propõe o seguinte: graças às drogas, “o toxicômano é capaz de preservar o seu sentido de realidade de uma importante perturbação psicótica.” Glover nos dá uma imagem divertida: “(...) até então, o mundo exterior poderia ser representado tanto como um açougue, como um banheiro público sob um bombardeio, ou como uma sala mortuária (um velório). O toxicômano transforma este mundo em uma imagem tranquilizadora e fascinante: uma farmácia na qual o armário das drogas não seria fechado a chaves.”⁸

Se a maneira de representar esta suposta realidade pode levar a um comentário irônico (Lacan, em resposta, nos propõe como padrão da realidade: um “mundo de advogados americanos”⁹), Glover não situaria aí, nesta localização que permite a droga, isto que nós elaboramos como a função da droga? A utilização do produto da qual testemunham certos consumidores pode se apreender como modo de evitação da falta de garantia no Outro, diante do qual eles não dispõem da crença no pai.

O caso de uma jovem consumidora de maconha pode ilustrar isto. Ela busca atendimento após ter abandonado a universidade, no momento em que estava próximo o seu término, ela se isola progressivamente e pouco a pouco se deixa invadir por um sentimento de incapacidade. Se, num primeiro tempo, as consultas parecem aliviar aquilo que se apresenta como uma completa suspensão de seu desejo, os projetos que ela inventa são aos poucos desmontados um após o outro por uma nulidade, engolidos em uma espécie de inércia que ela não consegue explicar. Progressivamente, ela para de pagar suas contas, não abre mais a correspondência, perde o direito ao seguro desemprego: a inclinação para sua desfiliação social não encontra ponto de basta.

O que se apresenta de início como um chamado a seu pai, que enfim se faz presente, se mostra aos poucos como um se deixar cair radical. Ela recusa a responsabilidade da qual ela se sentia investida por cada um de seus pais; espera não mais ter que responder à posição queixosa de sua mãe para quem tudo parece bastante pesado, mesmo a vida, apresentada como um fardo; e, ela se fecha no silêncio, esperando um sinal de seu pai, que lhe dá como única resposta o corte de seu sustento financeiro sem adverti-la.

Ela deseja então ser expatriada, apagar todo traço de sua existência: “É como se eu quisesse não mais existir”. Profundamente, alguma coisa é atingida na crença de que não existia para ela um lugar no mundo. Esta é

7 Ibid., p. 24.

8 Ibid., p. 23.

9 LACAN, J. Ibid., p. 431.

uma posição melancólica que se descobre neste momento.

Ela data esta espécie de quebra, de fratura, por ocasião da separação de seus pais, no início de sua adolescência, vivida por ela como um abandono pelo pai que se dedicava à educação de seus filhos, redobrado pela separação de sua irmã, aquela que lhe abria o caminho da vida: “Ela sempre estava acima de mim”.

Pouco a pouco, se apoiando nas consultas, ela retoma a situação, encontra um trabalho no qual ela se dedica a defender os direitos daqueles dos quais ela se encarrega, se livra de encontros amorosos nos quais ela não se sente respeitada e se engaja numa vida estável a dois. Ela deixa os atendimentos e para de consumir a droga.

Ela retorna após alguns anos, quando se separa do companheiro que ela pensava ser o homem da sua vida. Ela retoma o consumo de maconha, e os pontos de apoio de que ela dispõe (o trabalho, a família, da qual ela se reaproxima) não são suficientes para lhe dar o élan vital que ela procura.

Sua dificuldade no laço social se concentra novamente na recusa em pagar suas contas administrativas devidas por qualquer um, colocando-a regularmente numa margem de exclusão, ou prejudicando aquilo que poderia lhe propor um mínimo conforto. Nada consegue quebrar esta posição que ela chama de “rebelião contra o sistema”.

É ao consumo da droga que ela atribui sua ausência de função desejante que a deixa sem esperança; ela não elabora outra hipótese, não relaciona, por exemplo, a uma crise depressiva importante (“eu quero dormir e não mais despertar”), ao fracasso da relação amorosa que ela gostaria de construir.

Ela decide então parar o consumo da maconha. Um sentimento de vazio a invade, e, não é contido, apesar do uso de antidepressivos, prescrito por seu médico. Ela quer de todas as maneiras, parar isto também.

O produto (a droga) não demonstra aí a função de véu da ausência de garantia no grande Outro, que, neste caso, a reenvia ao sem sentido de sua existência?

Sua situação está estabilizada no momento; ela parece ter encontrado uma nova maneira de fazer: uma certa distribuição entre diferentes adições que se temperam, umas às outras: maconha, álcool, séries de televisão. Ela se serve das consultas como um lugar onde ela comenta os pequenos fatos do seu dia-a-dia; me parece que é disto que se trata: costurar com ela o que é possível para tornar sua vida um pouco mais amável, e sublinhá-lo com leveza.

Tradução: Diva Rubim Parentoni

Revisão: Elisa Alvarenga

Toxicomania, um estado transitório: na teoria e na prática da psicanálise¹

Drug addiction, a transitory state: in the theory and in the practice of psycho-analysis

Leonardo Duarte Scofield² (Florianópolis, Brasil)

Resumo: O texto é parte de uma investigação sobre as toxicomanias, retomando alguns conceitos, terminologias e saberes de nossas práticas clínicas a partir de uma referência de Lacan a Edward Glover. A toxicomania é referida por ele como um estado transitório, tendo como função proteger contra as angústias e manter o juízo de realidade do paciente em certo nível.

Palavras-chave: Toxicomanias, formação perversa, juízo de realidade, estado transitório, angústia.

Abstract: The text is part of an investigation about drug addictions, resuming some concepts, terminologies and knowledge of our clinical practice, starting from Lacan's reference to Edward Glover. Drug addiction is considered by him as a transitory state, having the function of protecting against anguish and maintaining the reality judgment of the patient in a certain level.

Key-words: Drug addiction, perverse formation, reality judgment, transitory state, anguish.

Em reunião do grupo de trabalho cujo tema era “Drogas e imagens: os novos adictos”, preparávamo-nos para a conversação do VII ENAPOL, quando se destacou a importância de nos atermos a uma investigação sobre as toxicomanias com o rigor que exigem os modos de intoxicar-se de cada um, na contemporaneidade.

Esta pontuação fez ressoar uma advertência de Lacan no seminário VI, que nos alerta para o método de pesquisa analítica e a necessidade de reelaborar ou retomar alguns conceitos, terminologias e saberes de nossas práticas. Ele faz uma crítica severa aos autores que se satisfazem da “adaptação ontológica do sujeito a sua experiência do mundo”³, dizendo que, assim, estes abandonaram o contato com suas práticas analíticas.

Contrário a estes autores, Lacan refere-se ao psicanalista britânico Eduard Glover como um dos melhores e mais preocupados em uma articulação exata da experiência analítica. Recorremos a seu artigo “A relação da formação perversa ao desenvolvimento do juízo de realidade”⁴, para interrogarmos como ele situa a toxicomania em 1932 e como podemos nos servir de suas contribuições para maior rigor na lógica dos tratamentos psicanalíticos dos toxicômanos no século XXI.

TOXICOMANIA, UM ESTADO TRANSITÓRIO

É assim que Glover define a toxicomania neste artigo. Seu texto precisa alguns conceitos como “juízo de realidade”, “prova de realidade” e “objetividade”, referidos literalmente por Lacan. Ele segue sua investigação para classificar a formação perversa em sua relação com o juízo de realidade. A leitura que Lacan faz da concepção de Glover sobre a formação perversa muito nos interessa: “é o meio para o sujeito de evitar (...) tudo o que não se inscreve para ele em uma realidade coerente”⁵. Faz assim da função perversa onipresente nas

1 Trabalho produzido para a revista Pharmakon, setembro 2015.

2 Psicanalista, Membro da EBP/AMP

3 Lacan, J., *Le Séminaire, livre VI, Le désir et son interprétation*, Edition La Martinière Le Champs Freudien, Paris, 2013, p.427, Inédito em português, Lição do dia 13 de maio de 1959

4 Glover, E. A relação da formação perversa ao desenvolvimento do juízo de realidade

5 Lacan, J., *Le Séminaire, livre VI, Le désir et son interprétation*, La martinière, Paris, 2013, p.428

estruturas clínicas.

Nesta perspectiva, Glover serve-se de sua pesquisa para “diminuir o hiato entre neuroses e psicoses a partir da interpolação não das ‘psicoses borderline’, mas dos ‘estados transitórios’ como a toxicomania”⁶. Deste modo, ele situa o termo “toxicomanias como transitório, entre as paranoias e as formações de caráter obsessivo”.

Cabe ressaltar que ao considerar as toxicomanias como transitórias: “Não pode haver dúvida sobre as diferenças de estruturas nos hábitos do uso das drogas”, nos diz Glover. Ele nos instiga assim, a um exame mais detalhado dos diferentes instintos parciais como responsáveis pelas variações clínicas.

A TOXICOMANIA É UM TRATAMENTO POSSÍVEL AO REAL

Outra passagem do texto de Glover, referida por Lacan, que merece atenção é quando ele evoca a metáfora de que a representação do mundo para o bebê era como uma combinação de um “açougue com um banheiro público bombardeado e uma sala de velórios”⁷, enquanto o toxicômano transforma esta realidade em uma tranquilizadora e fascinante farmácia com os *pharmakons* disponíveis. Esta perspectiva apresenta a toxicomania como um tratamento possível que reduz os perigos paranóicos do mundo. Glover evoca exemplos clínicos nos quais apresenta formações perversas com função de “proteger contra as angústias” e “manter o juízo de realidade do paciente em certo nível”⁸.

Dentre outros fatores rigorosamente abordados por Glover, destaco o lugar privilegiado que ele fornece à angústia e às intervenções excessivas desta, comprometendo o juízo de realidade. No seminário X, Lacan define a angústia como “sinal do real”⁹. O que nos permite inferir que certos casos de toxicomania, com função perversa de proteger-se contra a angústia, podem ser lidos como um tratamento do real, sendo possível manter um juízo de realidade mais preservado do que na paranoia.

Além dos casos de pacientes apresentados no artigo de Glover, confirmando esta função da formação perversa, seria importante precisarmos as consequências clínicas do que inferimos a partir de suas contribuições.

A definição da toxicomania como um estado transitório implica em uma investigação detalhada dos modos de uso e da função da droga para cada sujeito. A partir de então, pode-se interrogar sobre a singularidade que este apresenta em seus investimentos libidinais, para além de uma suposição ontológica que justificasse seu modo de gozo. Finalmente poderíamos localizar do que se trata em sua toxicomania.

Retomando o tema do VII ENAPOL: “O império das imagens”, que suscitou esta investigação e o encontro com o clássico texto de Glover, parece-me oportuno apresentar um recorte clínico que põe à prova a articulação teórica. Isto nos convida a renovar nossas buscas por uma psicanálise mais precisa em seus conceitos, termos e operatividades clínicas.

6 Glover, E. A relação da formação perversa ao desenvolvimento do juízo de realidade p.

7 ibid. p.

8 ibid. p.

9 Lacan, J., *O Seminário – livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. P. 48.

“TOMAR UM BAC PARA NINGUÉM ME VER.”

Esta é a construção feita em análise por Jota, um homem de 46 anos, usuário de cocaína injetável há quase três décadas. Algumas próteses imaginárias têm função estabilizadora para ele, como por exemplo, o papel profissional que desempenha com rituais obsessivos e o cumprimento de um protocolo que inventa para as atribuições de ser pai.

Jota sofre com uma discreta paranoia que faz dele objeto visto e perseguido pelo Outro. A construção delirante não é um recurso com o qual ele conta para realizar uma possível amarração e circunscrição de sua angústia. Nem tão pouco os investimentos libidinais para “preservar sua imagem”, nem os rituais obsessivos de higiene, nem as coleções e acúmulos de utensílios mantêm seu juízo de realidade, pois ambos culminam em atrair o objeto olhar desencadeando sua angústia. Face a certas irrupções de seu corpo gozado pelo olhar do Outro, impõe-se a ele uma solução.

Injetar-se cocaína foi o único tratamento encontrado por Jota até então. Ele apresenta, no entanto, um modo próprio de gozo em sua forma de fazer o uso que o singulariza e o distingue de uma perspectiva ontológica ou genética que justificasse ou tratasse seu sintoma. Ele injeta em partes de seu corpo que são expostas ao Outro: suas mãos, braços e pescoço. Esta particularidade do uso serve-lhe para que ele não possa mais sair de casa, para que, assim, as pessoas não o vejam. Trata-se de se injetar na lógica da reiteração do Um constituindo um corpo que se goza, dando a ele uma imagem denegrida que apazigue a angústia de se submeter ao Outro *omnivoyeur*. Jota resgata em certo nível, seu juízo de realidade. Sua toxicomania transita entre a paranoia e os mecanismos obsessivos como um modo de tratar-se do real.